

REVISTA

DA SEMANA

DE TONELEROS Á FREI CANECA
TEMPO QUENTE NA CÂMARA



Não permita que "ÊLE" fique careca

— Se você vem notando que os cabelos "dêle" estão caindo pouco a pouco e que nenhuma providência foi tomada para deter essa queda, esteja certa de que, mais cedo ou mais tarde, "êle" ficará calvo.



Está em suas mãos, entretanto, evitar que isso aconteça.



Sugira - "lhe" o uso diário da Tricomicina e diga - "lhe" que você acredita na ação da Tricomicina

* **porque** algumas substâncias contidas em sua fórmula fortalecem as raízes capilares e asseguram aos cabelos perfeita fixação ao couro cabeludo;

* **porque** outros elementos, também contidos na Tricomicina, atacam e eliminam a caspa e a seborreia, evitando assim o enfraquecimento dos cabelos;

* **porque** desde o seu aparecimento até hoje a Tricomicina tem beneficiado a milhares de pessoas, conforme provam os atestados que periodicamente são publicados na imprensa e também

* **porque** a Tricomicina é um produto de qualidade, preparado cientificamente sob a orientação e fiscalização diretas do seu descobridor.



Loção Tricomicina

* Combate a calvície — * Detém a queda dos cabelos — * Elimina a caspa

À VENDA EM TÓDAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS DO BRASIL

REVISTA DA SEMANA

Ano 57 — N° 43 — Rio de Janeiro — 27/10/56

DIRETOR.....Gratuliano Brito
ASSISTENTE.....José Roberto Teixeira Leite

COLABORADORES: E. Tourinho, Fortuna, Sérgio Silveira,
Ramon. L. Junqueira, Mendez, W. Guarnieri, J. Ri-
beiro, M. Tereza e Eneida.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Tempo Quente na Câmara	4/7
De Toneleros a Frei Caneca	16/20
Kalanag e Suas Feiticeiras	31/34
Presente da Venezuela	44/45
Os Tchecos Dançam Assim	58/61

SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Puxe Pelo Cérebro	15
Pelas Esquinas da Noite	21
Literatura e Arte	22/23
Música	24
Por Esse Mundo de Deus	26/27
Astrologia	28
TV na Revista	30
Palavras Cruzadas	38
Poesia do Tempo	40/41
Itinerário do Brasil	43
Revista Há 50 Anos	46/47
Conversa de Mulher	54/55
Grand-Monde	56/57
Último Flash	62
Figura em Foco	63

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------------	-------

LITERATURA

Amor Eterno	3
O Homem e o Trapézio	10/11
O Crime Perfeito	50/51

VARIEDADES

O Enigmático Kapitza	12/13
A Última Caçada	38/37

CAPA

Elaine Stewart (Kodachrome da METRO).

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00
O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.	

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor.
O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está
organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela
redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não
publicados. Os trabalhos assinados são de responsabi-
lidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....	Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.....	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade.....	J. M. Costa Júnior
Paginação.....	Victor Tapajós
Fotografia.....	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho.....	Alberto Lima
Laboratório.....	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores.....	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal
434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima,
avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa.
No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Mon-
tevidéu. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefo-
ne 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas
as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



AMOR ETERNO

◆ A notícia veio num telegrama de Manilha: foi descoberto na cidade de Balabac, província de Palavan, centro das Filipinas, um filtro mágico da selva, que tem a particularidade de provocar «amor eterno» entre duas pessoas inteiramente desconhecidas uma da outra e mesmo entre nações inimigas. Essa maravilhosa descoberta se apresenta como um pó branco que contém um antídoto mágico, enchendo de amor, «para sempre» quem o absorver. Ainda segundo o telegrama, a fórmula desse pó é apenas conhecida por um «grupo de chefes de tribos de Balabac» que se propõem benévola-mente a convencer os cétricos, dando-lhes a absorver o pó do amor. Há muito tempo um telegrama não trazia tantas esperanças aos nossos corações. Não apenas porque sabemos que o amor — sentimento fugaz e imponderável — existe em caráter imorredoiro num ponto do mundo, mas porque exerce benefícios não apenas em cria- turas mas também entre nações inimigas. E pensar que há séculos o mundo tem vi- vido atormentado pelas guerras e pela ganância. E imaginar quantos países são invadidos na surdina, escravizados, esmagados nos seus direitos por outros países que até se intitulam amigos. E saber que muito sangue tem corrido pelas descobertas do petróleo aqui e ali; e sentir que muito tem custado a tantos e tantos povos a defesa da terra natal. Um pózinho branco termina com tudo isso com a mesma facilidade com que a aspirina acaba as dores de cabeça?

◆ Amor para sempre entre seres humanos pode existir; nunca tomei nenhum pózinho dessa côr e amo apaixonadamente a gente paraguaia tão sofredora, sou capaz de tremer com um pequenino fato ocorrido em qualquer parte do mundo, desde que esse fato ponha em perigo um povo — mulheres, homens, crianças — que jamais poderão sequer me entender tão diferentes nossos hábitos e nossa linguagem. Falo em mim, não porque seja exemplo, mas porque sou tão banal que, naturalmente, como eu milhares e milhares de pessoas sentem e vivem. Um pózinho branco, tão simples, tão claro, iria liquidar com o ódio entre os homens, com as guerras, com as subterrâneas invasões? Só com ele deixaria o mundo de ter países escravizados e países escravi- zadores? A gente de Balabac é feliz? Por que só os chefes de tribos sabem esse segredo?

◆ Tantas interrogações sem importância diante da beleza da vida. O bom mesmo é isso: o inesperado. Em pleno século XX tão cortado de dores e de misérias, de guer- ras e ódios, aparece um telegramzinho ingênuo falando docemente num pó ingênuo que difunde e espalha amor. Nêle não creio o que não impede que gostasse de sua existência, não por mim, que dêle não preciso mas porque seria bom, muito bom que o comprássemos numa farmácia:

— Cem gramas de pó do amor.

Muita gente devia usar e dêle abusar; seria obrigatório, por exemplo, que os go- vernantes o tomassem antes de subir ao poder. Assim amariam melhor os seus po- vos, respeitariam os direitos de todos.

Uma coisa quero aqui mandar dizer à gente de Balabac: — Se o pózinho de vocês tem dado certo por aí guardem-no bem, não o forneçam a ninguém, cultivem o amor eterno e escondam a fórmula. Há demasiado ódio no mundo exigindo quantidades imensas desse pó para liquidá-lo. Estariam vocês em condições de fornecê-lo? «Ba- labaqueanos», escondi vosso pó do amor eterno.

ENEIDA



MOMENTO culminante da agitação no plenário da Câmara. O deputado Ari Pitombo contido por seus colegas num dos momentos de maior exaltação. Tenório (em argumentações «bucólicas») procura intervir pacificamente.

TEMPO QUENTE NA CÂMARA

AINDA UMA VEZ, NO PALÁCIO TIRADENTES, O TERMÔMETRO DA SITUAÇÃO NACIONAL. MOLINARO VERSUS LACERDA. JÂNIO FAZ "ONDA" EM S. PAULO

Reportagem de LUIS MORENO

Fotos de «O GLO BO»



O representante do P. T. B., major Humberto Molinaro, que, ao se apresentar fardado no recinto, aumentou a excitação do ambiente. «Lamento a minha estreia infeliz» — confessou mais tarde aos jornalistas, depois de provocar o maior tumulto parlamentar dos últimos tempos.

O DEPUTADO HUMBERTO MOLINARO FOI O CAUSADOR DOS DISTÚRBIOS QUE MARCARAM A VOLTA DE



O sr. Carlos Lacerda, após concluir o seu ardoroso discurso é vivamente cumprimentado pelos correligionários. Lacerda não tomou parte da briga: assistiu da tribuna em silêncio e de braços cruzados, o «tempo quente» de seus turbulentos colegas.

O REAPARECIMENTO do deputado Carlos Lacerda na Câmara Federal marcou uma das sessões mais agitadas dos últimos tempos, registrando alguns comentários que nem mesmo durante as famosas campanhas da Aliança Liberal, quando o Palácio Tiradentes era diariamente cena de embates tremendos, quer da tribuna, quer nos corredores, talvez tenha ocorrido reunião mais tumultuosa.

Socos, empurrões e bofetadas subverteram por completo a ordem dos trabalhos no plenário, enquanto nas galerias inteiramente repletas, sucediam-se os apupos, as vaias e as assuadas.

O nervosismo dominava por completo certa ala mais exaltada do

Partido Trabalhista, liderada pelo deputado Ari Pitombo, e que antes mesmo da abertura da sessão, demonstrava evidentes propósitos de não permitir ao parlamentar udenista levar a cabo o seu anunciado discurso de «reentrê» sem consequências desastrosas.

A oração do sr. Carlos Lacerda — segundo se propalava — iria ser como um libelo vigoroso e inflamado contra os responsáveis pelo movimento de 11 de novembro, entendendo alguns que críticas severas possivelmente se formulariam contra personalidades de nossas forças armadas.

Ao assomar a tribuna, o sr. Carlos Lacerda, deu entrada no recinto, num movimento incomum que despertou pronta atenção, o deputado Humberto Molinaro, do PTB do Paraná, (que na véspera dirigira violento

CARLOS LACERDA À CÂMARA. IRRITADO COM AS PONDERAÇÕES DO JORNALISTA, TENTOU AGREDI-LO.

contra-aparte a um aparte do líder udenista). A presença do sr. Molinaro, fardado de oficial do Exército, aumentou a excitação do ambiente. E a uma referência mais candente ao movimento de novembro, o tumulto explodiu. O sr. Ari Pitombo aparteia furiosamente e o sr. Molinaro faz menção de abrir a pasta que sustenta na mão. A intervenção oportuna do sr. Frota Aguiar, arrebatando das mãos do exaltado parlamentar a pasta fatídica, contribuiu apenas para tornar ainda mais confusa a situação. O conflito generalizou-se, quando de dentro da pasta de couro, que fôra entregue à Mesa, o presidente Ulisses Guimarães retirou dois revólveres. Suspensa a sessão, secretários e funcionários da polícia interna e deputados, mais calmos, procuraram serenar os ânimos. Com a saída do sr. Molinaro do recinto, a calma foi voltando aos poucos muito embora a exigência formulada pela bancada do PTB para a volta do seu representante ao plenário tenha mais uma vez exaltado os ânimos.

Enquanto as cenas desagradáveis se sucediam na chamada «terra de ninguém», que é o espaço entre a mesa e as bancadas, o sr. Carlos Lacerda não arredou pé da tribuna, ali permanecendo, em silêncio, e de braços cruzados, assistindo tranqüilamente ao «charivari» de seus turbulentos colegas.

Por fim, reabertos os trabalhos regressou o sr. Molinaro que procurou assento entre o líder da maioria (Vieira de Melo) e o da minoria (Fernando Ferrari), mantendo-se pelo resto do tempo em completo silêncio. Pôde então o sr. Lacerda prosseguir no seu discurso, sem que maiores complicações surgissem.

Passada a borrasca, quase no fim da sessão, membros da Comissão de Imprensa da Câmara foram procurar o sr. Humberto Molinaro para desfazer equívocos e restabelecer a harmonia entre um redator político de conceituado vespertino, que no auge da confusão, quando da tentativa de retirar das mãos do parlamentar a pasta de couro, teria se excedido atingindo o representante trabalhista com um sóco.

Abraçados os litigantes, teve o sr. Molinaro então oportunidade de se mostrar contrariado com a tremenda confusão que provocara, traduzida numa frase que muito bem afirma o seu arrependimento:

— Lamento que tenha eu feito uma estréia tão infeliz!...

Muita atividade também demonstrou durante a refrega o deputado Tenório Cavalcanti, que procurando acalmar os mais exaltados dirigiu a certa altura dos acontecimentos, solene advertência ao prócer trabalhista:

— Major não atire! Senão, serão dez padiolas que daqui sairão carregando defuntos...

— Quando Juarez vem a São Paulo, os paulistas dizem: «Presente!» Com essas palavras entusiastas o governador Jânio Quadros saudou a visita que o ex-candidato Juarez Távora fêz à capital bandeirante há poucos dias.

Considerável multidão foi receber Juarez em Congonhas e apesar do sol causticante. Um comício improvisado foi levado a efeito nas imediações do aeroporto, tendo nessa oportunidade o general dirigido algumas palavras de saudação:

— Agora estou aqui como civil e cansado da luta. Mas, se fôr necessário farei dez vezes mais sacrifícios do que tenho feito até agora, mesmo que seja apenas para ajudar os mais novos.

Era uma «deixa» oportuna, por muitos considerada como virtual lançamento do sr. Jânio Quadros como candidato para o próximo pleito presidencial.

Aliás, o sr. Jânio Quadros vem de tomar a dianteira na repulsa contra a propalada portaria do Ministério da Viação que estabelece a censura para as estações radiofônicas e as emissoras de televisão.

Na crista da «onda» que começou a fazer, Jânio reforçou sua opinião contrária com o parecer de dois notáveis juristas bandeirantes que fulminou a censura ministerial.

— Não gosto, e se puder, não a cumprirei! — comentou em tom azêdo ao receber a papelada oficial para conhecimento.

A manifestação de Jânio alcançou repercussão no Senado Federal onde o sr. Vilas Boas, comentando a disposição do governador paulista em não cumprir a decisão do ministro, num discurso que proferiu, recebeu do líder Felinto Müller um aparte esclarecedor, que foi mal interpretado por grande parte dos comentaristas políticos. Com o objetivo de restabelecer o verdadeiro sentido de seu aparte, o líder do governo no Senado procurou a bancada da imprensa para retificar:

— O sr. Jânio Quadros recebeu cópia da portaria apenas por uma questão de deferência. Não lhe caberia cumprir ou deixar de cumpri-la, pois as estações de rádio não estão subordinadas aos governos estaduais e sim a União. Se as determinações do governo não forem cumpridas, em qualquer parte do território nacional, as Forças Armadas exigirão a sua execução.

Falava em tese — esclarece o sr. Müller — e não particularizando o caso da portaria ministerial. Não estava de modo algum insinuando uma intervenção federal em virtude do não cumprimento da portaria sobre rádio.

Transcorreu, assim, cheia de lances dramáticos e de agitação frenética a semana política que findou.



O deputado trabalhista Humberto Molinaro, vendo-se assinalado pela seta, a pasta fatídica que provocou a confusão. Dois revólveres (45 e 38) foram retirados da valise e guardados pelo presidente da Mesa.

INTERNACIONAIS

UM AVIÃO de passageiros da Pan American desapareceu levando a bordo sessenta pessoas. Interessante que, alguns dias antes, outro avião, esse da Força Aérea dos Estados Unidos, tombara também com sessenta passageiros justamente no mesmo local: o Atlântico Norte, próximo da Inglaterra.

★

MISS INGLATERRA e Miss Egito, a despeito de toda a controvérsia atualmente existente entre seus países, tendo por objetivo o canal de Suez, ficaram amigas, quando do recente concurso Miss Universo. Ocuparam inclusive o mesmo quarto explicando a quem lhes fizesse alguma pergunta: "A beleza nada tem a ver com a política".

★

GINA LOLLOBRIGIDA acha-se bastante parecida com o presidente Coty, da França. Diz: "Ambos nunca temos um tostão no bolso. Para ele é uma questão de protocolo. Para mim, um modo de viver".

★

PAOLA SUSINI, professora em Terrazzone, na Itália, estava em sua sala de aula, às voltas com noventa e dois alunos, quando por ela irrompem dois loucos, que, armados de revólveres, e em altos brados, tentavam liquidar quantos meninos pudessem. Sem saber o que fazer, Paola atracou-se com um deles, brigando em luta desigual até que, ante os gritos dos alunos e os seus próprios, a Polícia acorreu e prendeu os alienados. Agora, Paola será condecorada pelo Governo Italiano.

★

PETRA SCHURMANN, alemã, de 23 anos, olhos azues, é a nova Miss Universo, eleita em concurso realizado em Londres. Em segundo lugar ficou Miss Estados Unidos, e após se classificaram Misses Israel, Dinamarca e Suécia. Petra é estudante de Filosofia, fala francês e inglês, além do alemão nativo.

★

ROBSON FREITAS, o menino brasileiro que foi a Londres a fim de se tratar do câncer que lhe atacou uma vista, não tem grandes esperanças de salvação. Porém, seu tratamento continua, sob os cuidados do oftalmologista Hyla Stallard.

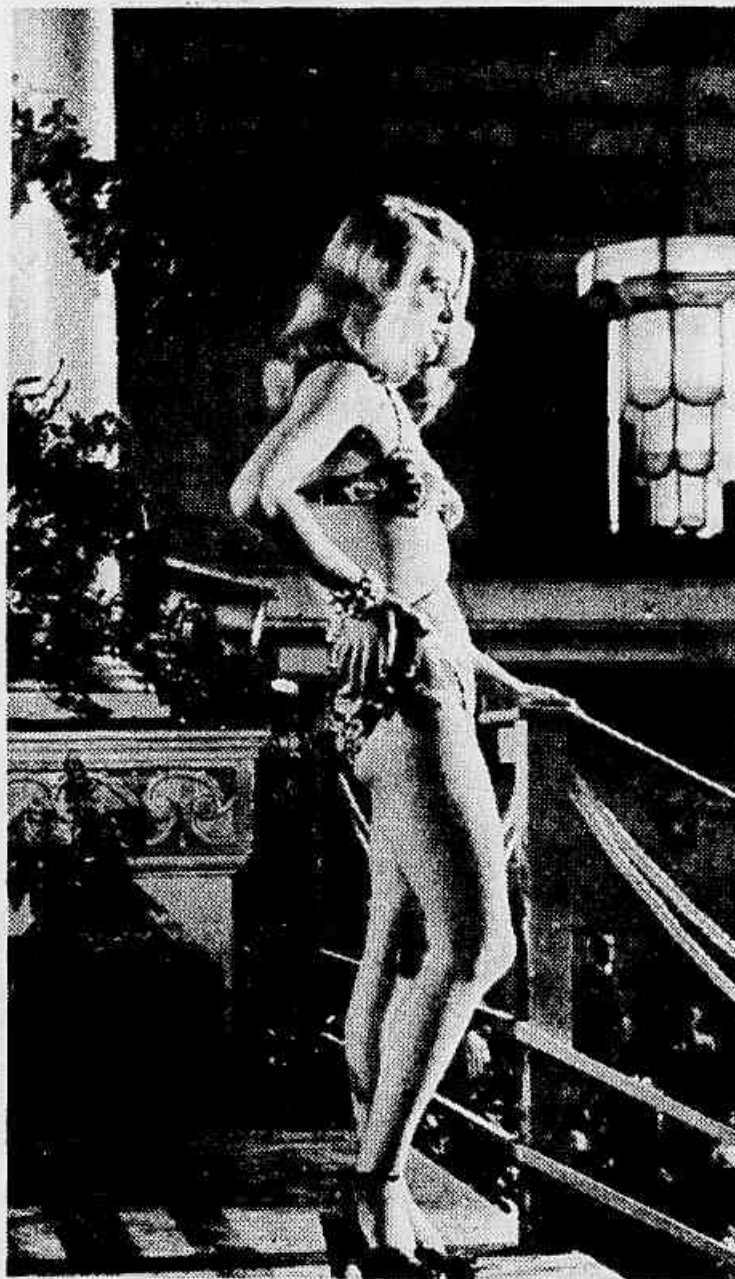
★

REVELA-SE QUE cerca de vinte submarinos russos estão operando, presentemente, no Mediterrâneo, provenientes de bases situadas nas costas da Albânia.

★

A IMPRENSA nicaraguense continua submetida a forte censura, desde a morte (por homicídio) de Somoza. E todo o país está mergulhado em clima de profundo terror, devido ao julgamento, por um Tribunal Militar, dos crimes contra o Estado.

A SEMANA



MARILYN MONROE (acima) e Diana Dors (à esquerda), a despeito de se parecerem um pouco fisicamente, são antípodas, uma da outra, do ponto de vista do comportamento artístico. Diana foi aos Estados Unidos filmar, e Marilyn, como todos sabem, encontra-se atualmente na Inglaterra. Diana Dors está gastando o que recebe em festas ruidosas, e todas às vezes que lhe é dada a oportunidade de falar no rádio ou na televisão, faz questão de deixar bem claro que, sem dinheiro, não dará um passo, nos Estados Unidos. Marilyn, pelo contrário, tem atraído as simpatias da Inglaterra, por sua simplicidade. Basta dizer que comprou uma bicicleta, para ir de sua casa até aos estúdios onde filma, atualmente, em companhia de Laurence Olivier. Pensar que Diana Dors comprou um conversível todo branco e alugou uma casa com duas piscinas, em Hollywood...



O DR. SALK, famoso inventor da vacina Salk, é bem capaz de visitar São Paulo, quando ficar pronto o pavilhão Adolfo Lutz, de vírus, naquela cidade brasileira. Juntamente com Salk, viriam vários outros grandes cientistas do mundo inteiro, especializados na luta à poliomielite.



ABBE LANE, esposa de Xavier Cugat, até bem pouco era uma estrela medíocre, por quem as massas não demonstravam qualquer espécie de predileção. De uns tempos para cá, todavia, ela começou a aparecer cada vez com mais destaque, a ponto de agora se ter transformado em uma legítima atração, aonde quer que apareça. Ela presentemente está em Roma e os italianos ficam loucos a cada aparição da jovem, a quem — diga-se de passagem — o balofo Xavier Cugat não dá uma folga...



PETER TOWNSEND deixou a RAF, definitivamente, e agora se prepara para embarcar para uma grande viagem em volta ao mundo. O antigo adido aeronáutico na Bélgica continua caído por Margaret, ao que tudo indica. Enquanto isso, a princesa se encontra no Tânger, passeando.



WALT DISNEY pretende vir ao Brasil, com sua equipe de técnicos, a fim de filmar, in loco, algumas de nossas mais interessantes cidades.

EM REVISTA



JÂNIO QUADROS (que foi praticamente lançado para a Presidência da República pelo general Juarez Távora, a semana atrasada, em São Paulo) afirmou que não cumprirá, se puder, a portaria do ministro Lúcio Meira, vestibulo da famigerada Lei do Arrôcho, que está a caminho. Em vista disso, já se manifestaram as autoridades, dizendo que se o governador paulista não acatar a portaria, as forças federais se incumbirão do seu caso.



O **TEATRO** Universitário de Comédia, da União Metropolitana de Estudantes, iniciará suas atividades dentro de alguns dias, apresentando, no Municipal, a peça «O Conselheiro», do estudante Hernandes Soares, em espetáculo patrocinado pelas pioneiras sociais. Orlando Macedo dirigiu esse espetáculo e Antero Oliveira, que fez os cenários, será também, na peça, «Antônio Conselheiro». Na foto, a jovem Telma Guimarães, uma das figurantes, quando ensaiava.

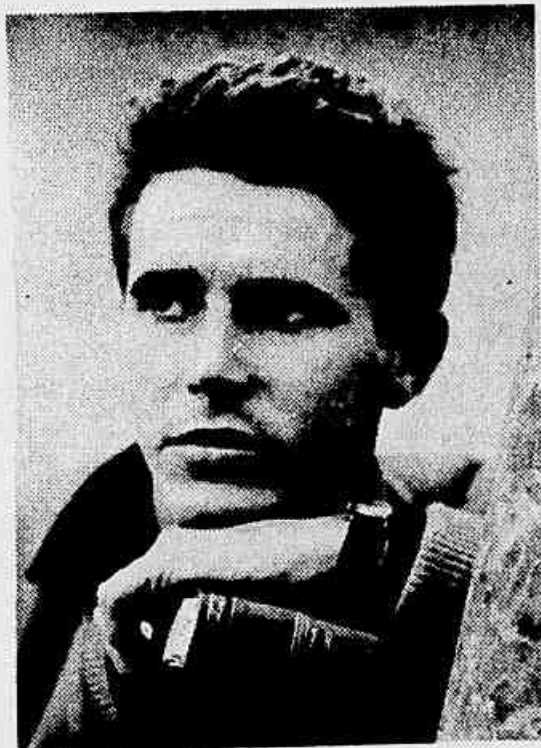


JACINTO DE THORMES abandonou o columnismo social quotidiano, onde por tantos anos se fez conhecido. Porém, não quer isso dizer que seus inúmeros fãs se vejam privados, de ora em diante, de sua presença. Ele continua na televisão e em revistas. E já recebeu tantas propostas para voltar aos jornais, que acreditamos que, mais dia menos dia, ele aí esteja de novo, nas páginas de algum vespertino.

ADRIANO REYS conquistou, com «Chériz», de Colette, agora em apresentação no Teatro Copacabana, um grande êxito — êxito, aliás, reconhecido unanimemente pelos críticos de teatro da cidade. Esse elemento jovem, de apenas 21 anos, que começou fazendo cinema (apareceu em «Os Três Recrutados») para depois tentar a televisão e por fim o teatro, sob a orientação de Luca de Tena e grandemente orientado por Van Jafa, conseguiu fazer de seu papel difícilíssimo uma criação que tão cedo não poderá ser esquecida. O personagem de Colette, criado por Jean Marais na versão original, ganha novo alento, graças à soberba interpretação de Adriano Reis.



MANÉZINHO ARAÚJO está com vontade de mudar seu restaurante para a Lagoa Rodrigo de Freitas, ali abrindo um verdadeiro centro de diversão e repouso, com lojas, onde os turistas poderiam adquirir objetos típicos nordestinos, sem falar na música formidável de Xinoca, que eles estariam escutando enquanto adquirissem a mercadoria, ou se deliciassem com pratos regionais. Por falar em Xinoca, esse acordeonista é um dos bons elementos com que conta Manézinho.



NACIONAIS

VOLTOU CARLOS Lacerda, e no dia em que usou da palavra, pela primeira vez, na Câmara dos Deputados, quase se estabelecia um conflito. É que o deputado major Os-Civis-Estão-Podres Molinaro entendeu de apartear, a torto e a direito, o orador, e em dado momento, perdendo a cabeça (que nunca a teve muito boa), quase que se atracava com o mesmo, não fôra a intervenção de outros deputados. Tema do discurso de Carlos Lacerda: 1) o golpe de 11 de novembro; 2) o caso Jango; 3) o caso Lott...

★

PELA VARIG partiram para Nova York, até onde vão a fim de efetuar a cobertura das eleições norte-americanas, os jornalistas Rubem Braga e Hernane Tavares de Sá, do «Diário de Notícias» e do «Correio da Manhã». Despedindo-se de seus inúmeros leitores, no «Diário», Rubem escreveu um artigo impagável, a respeito de um projeto de Lei da Rôlha que está com vontade de apresentar ao presidente Ike, a fim de que Stevenson e a oposição, na América do Norte também, fique reduzida ao silêncio...

★

UM JARDIM, no largo da Carioca, acaba de ser construído em sete dias, fazendo «pendant» com o outro jardim, que no mesmo local já havia sido elaborado, há alguns meses atrás. Quando a Prefeitura quer, até que o trabalho aparece.

★

SEM ÔNIBUS, a cidade, durante alguns dias. Os trabalhadores em empresas de ônibus querem que sejam pagos, desde março, os aumentos que lhes foram concedidos, e de que até agora nem viram o cheiro. Enquanto isso, o carioca que ande mesmo de bonde, ou então de pé, nos lotações.

★

GILBERTO, JOGADOR do Bonsucesso, levou violentíssima bolada no rosto, por ocasião do jogo em que seu clube empatou por 1 a 1 com o Flamengo. Teve de ser socorrido, e por muitos minutos ficou inconsciente. No dia seguinte, correram rumores insistentes de que o jovem «player», vítima de um derrame cerebral, tinha falecido. Felizmente, não se confirmaram tais boatos, e Pavão, que já se sentia culpado desse infausto acontecimento, pode respirar aliviado.

★

TUTSI BERTRAND ia para os Estados Unidos, de que voltou não faz muito, na semana passada. Mas como não existem praticamente passagens nas companhias aéreas, ela teve de adiar por mais algum tempo seu regresso aos «States».

★

PADILHA, QUE durante algum tempo esteve à frente da campanha contra o jogo, na Polícia, já abandonou o posto, nomeado que foi para um polpudo cargo de selecionador de imigrantes, em Roma. Maravilha.

O HOMEM E O TRAPÉZIO

Conto de ARINO PERES

Desenho de ZARCO

CAPÍTULO XIX — ADEUS, TERESA

DOMINGO. Otávio não esperava visitas. A EMPIRE S.A. saldara todos os seus compromissos: presenteara-lhe a cadeira de rodas, usara o prestígio do dr. Magalhães para que o pagamento do seguro se fizesse com presteza, não permitira a Teresa alimentar por mais tempo a ilusão de sua volta. Nem mesmo Sansão e Dalila poderia ouvir. A única coisa que poderia perder-se em monólogo com ele era o Cristo da parede norte, mas era difícil ouvir-se com aquele entrecruzar de palavras.

Rosa fazia-lhe falta agora, poderiam aproveitar a tarde para um passeio pelo pátio. Devia estar ocupada; o plantão de hoje era o dr. Esteves, sessentão rabugento. A projeção da janela na parede oeste interceptava a metade da rosa vermelha que já não se ligava a sangue e lábios, trazia-lhe o remorso do qualificativo destinado a Rosa.

Lembrou-se do poema de Marcos. Não encontrava substância concreta naquele verso simples; mas havia tal certeza na afirmação identidade entre os dois elementos que, às vezes, desejava tê-lo escrito, acabrunhado de haver descoberto Rosa depois de Marcos...

Os lábios também eram rosa...

Quando a rosa vermelha faltasse à jarra o que sucederia a Edson? Tolice, superstição.

A porta emoldurou a figura branca um sorriso despontou em Otávio enquanto se preparava para levantar âncoras. Rosa ajudou-o com as mãos macias. O carro fez-se ao largo, sem preocupação de rota.

O hospital situa-se numa colina, havendo, do nível da rua até ele, uma escada de trinta degraus. Aproximaram-se do gradil e Otávio fixou a rua que conduzia às casas. Rosa puxou o carro.

— Esta vista lembra sua partida, e eu não quero perdê-lo tão cedo.

Rodaram para o pátio dos fundos, abrigando-se à sombra da mangueira gigante. As mãos macias de Rosa repousaram entregues entre as suas.

— Otávio.

Voltaram-se surpreendidos. Teresa encheu de verde a visão de Otávio, que desprende as mãos da enfermeira.

— Otávio, venho visitá-lo e você foge das visitas. Parece que se esqueceu de nós todos.

— Temo que não, Teresa; mas há dois domingos que os amigos não aparecem...

— Quer que voltemos, senhor Otávio, na enfermaria poderá conversar melhor.

— Não é preciso, enfermeira, ao término da visita conduzirei Otávio para dentro.

— Então, com licença.

Os olhos verdes acompanharam os passos de Rosa, depois fixaram-se manhosos em Otávio, que olhava as pernas ausentes.

— A enfermeira preocupa-se muito com você. Romance como esse é lugar comum nos hospitais.

— A vida só possui lugares comuns, o que pensamos ser exceção só o é para nós. Também é lugar comum apaixonar-se o patrão pela empregada.

Teresa deixou-se ficar silenciosa, embutida nos olhos de Otávio, o corpo fresco desperdiçado no vestido justo que lhe acentuava o volume das pernas longilíneas. No canto esquerdo da boca um leve sinal de constrangimento desequilibrava a simetria da figura.

— Eu sabia que você pensava isto de mim quando me viu na última visita junto ao dr. Magalhães, e a preocupação dissimulada que ele manifestava, mas você está errado.

— Não estou exigindo justificativas, não tenho o direito de pedi-las, apenas retruco suas insinuações.

— Otávio, eu ainda o amo. Apesar de saber que o desastre se deu quando você pensava em fugir com Madalena, guardo a esperança de pertencer-lhe exclusivamente.

— Minhas pernas eram exclusivas, estavam ligadas a mim com muito mais ênfase. Agora já não são, e vivo sem elas; não tão bem quanto antes, é verdade, mas as pernas pelo menos, já não servirão a ninguém.

— Nada tenho em definitivo com o dr. Magalhães.

— Nada houve de definitivo entre nós dois. Você, nem eu, nem ninguém possuirá algo definitivo; seu marido e seu filho nunca foram coisas definitivas para você.

Teresa insistia num problema fútil, insolúvel pelo caminho que abordava. Otávio já não se preocupava em possuir, conformava-se com as perdas sucessivas que experimentava. Suas pernas levaram-lhe Madalena, a Seção de Compras e Vendas da EMPIRE S.A., Teresa; a barganha fôra-lhe prejudicial: Rosa, a cadeira de rodas, o seguro, o «muito obrigado» de Pigmalião. O velho Leopoldo criticaria certamente, sua enumeração, mas o velho conhecia pessoas vivas em sua Bíblia, ele via apenas o crucifixo estático.

— Sejam compreensivos, Teresa. Já não sou bom panorama para seus olhos, não acho justo você dispende tamanha perfeição com um homem inutilizado. Não poderei oferecer-lhe todas as sensações que reclama. Sejam sensatos.

— Que pretende você dizer com isso?

As pernas de Otávio não fizeram um único movimento; desta vez não corria o perigo de dar o passo simétrico ao correto.

CAPÍTULO XX — O RÁDIO

DUAS ocupações afastavam as dores insistentes — o jogo de cartas e o rádio. Os parceiros da busca eram Edson, Otávio, o velho Leopoldo e Valter. As cartas ocupavam as horas, enganavam as preocupações, substituíam as perguntas que preocupavam. Interessante o significado atribuído aos retângulos peçados pelas cartomantes dos bairros; Otávio lembrava-se da mensagem fatídica do ás de espadas — «Perigosa doença ameaça pessoa de suas relações, a morte ensombrará os próximos dias». Naqueles instantes desaparecia o conteúdo cabalístico, e as cartas apresentavam o conteúdo numérico e exclusivo.

O velho Leopoldo era o dono das partidas, os trunfos fugiam para suas mãos experientes; difícil a vez em que as cartas permaneciam na mão enrugada. Otávio não se preocupava com a satisfação de vencer, buscava concentrar a atenção nos naipes coloridos a fim de esquecer o restaurante modesto onde o violino diluía-se em sons de queixa, destripado pelo homem de negro.

D. Inês jamais suspeitou a importância do rádio de uma faixa naquele mundo de silêncio. O arauto anunciava as recentes descobertas para a calvície, substituíam os médicos nos reclames de remédio, apontava as derradeiras contribuições dos figurinistas franceses, difundia o «blue» vagaroso nas frígidas paredes azuis.

Madalena abandonava-se aos braços rígidos de Otávio, entregava os seios à pressão contínua do tórax atlético, arrastando-se molemente na sala sombria de Sérgio; a dança metamorfoseava-se em busca insatisfeita, e o leito macio recebia os corpos exaltados pelo som melancólico e profundo do trompete. Teresa reclinava a cabeça no ombro próximo cerrava os lábios, repetia juras de eternidade até que a boca trememente se abrisse no rítus incontido do desejo gritante. O rádio dispersava as horas em sons de distância.

As pernas de Otávio não ouviam o convite provocante do samba lento, desperdiçado sem eco naqueles pontos cardeais estáveis. A boca de Valter repetia em sussurros os sucessos do próximo Carnaval, enquanto as mãos delineavam adeuses. Cícero lembrava a novela infinita que



prendia a mulher, adiava o dia de visitas e atrasava a sessão do cinema suburbano.

— Valter, ouçamos o mosteiro de São Bento.

E «seu» Leopoldo acompanhava no missal velho a missa morosa do domingo, depois interpretava o evangelho para os ouvidos pacientes de três companheiros, antecipando a visão deslumbrante do céu inacessível.

Aos domingos as preferências se dividiam:

— Será irradiada hoje a Aida.

— Teremos, hoje, Flamengo e América.

Cícero era América «doente» e Valter, dono do pequeno transmissor, torcia pelo Flamengo. A música de Verdi cedia lugar aos gritos triunfantes dos torcedores, e as mãos agitavam-se buscando o «goal» que os jogadores não faziam.

A vida era má para Valter, engodava-o com as músicas elucinantess do Carnaval próximo, deixava-o memorizar os sambas ingênuos de melodia que ele não poderia cantar na rua ensolarada. Na mesquinhez da

sala caixa de fósforos era tamborim, e o folião do Carnaval monocromático cantarolava a música que guiaria seu corpo horizontal entre os corpos suados.

O tango ressuscitava o vestido verde de Madalena, rebelado na opulência das formas. Otávio caminhava sem pernas entre as mesas simetricamente dispostas, repousava no canto sombrio olhando os lábios rubros onde naufragavam beijos informados. A música do violino transportava-se aos sessenta metros quadrados, diluindo a cama extemporânea substituindo o cheiro de antisséptico pelo perfume discreto do colo moreno.

A caixa de baquelite azul encerrava a vara mágica que transportava os hóspedes a pedaços do passado. A noite, o mostrador aceso, recordava, na sequência dos quilociclos, a intimidade de leitos, enquanto a música moderna da «boite» escorregava vagarosa pelo alto-falante de três polegadas. Jamais as pernas de Otávio deslizariam pela pista encerada, nunca mais sentiria nas coxas o contato curvilíneo das pernas perfeitas. O piano morria em surdina, e os desejos levantavam-se em protestos contra o repouso.

(Cont. no próximo número)

O ENIGMÁTICO KAPITZA

Por M.A. BIEV

Especial para a REVISTA DA SEMANA
Copyright Keystone e Pierre Horay

Desenho de RAMÓN

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

◆ Kapitza e seus colaboradores realizam pesquisas secretas com o fim de dar à Rússia a supremacia no campo das armas nucleares. Mas enquanto isto, Stalin e os donos do poder mandam que um grupo de literatos, liderados pelo escritor Ilya Eheremburgo, movam uma campanha de descrédito contra os reteridos sábios, visando exclusivamente despistar os observadores ocidentais, que acreditam na sinceridade das acusações. Kapitza parte para a Mongólia, onde funda uma série de usinas, mas necessita de maiores verbas para poder executar o seu famoso plano. Stalin, Malenkov e Béria se reúnem conjuntamente com os sábios. A conferência será realizada em Moscou, já pela segunda vez. Neste ponto aparece um outro personagem...

A CONFERÊNCIA se realiza ao meio dia e meio no salão Borovitzki, no Kremlin. Stalin acaba de se levantar do leito. É que depois que a guerra começou, ele dorme das sete horas da manhã ao meio dia.

A REUNIÃO NO KREMLIN

A espaços de dois em dois minutos, os sábios entram no salão. Não existe qualquer indicio de ataque aéreo, mas Béria manda fazer soar as sirenes a fim de esvaziar as ruas e subtrair os seus hóspedes à curiosidade pública. Stalin fala com brevidade.

— A situação é má — diz ele. — Os alemães acabam de reunir suas últimas forças. Isto será, talvez, pior ainda. Mas o adversário está exausto, enquanto nos reforçamos sem cessar. Pensemos no futuro. Kapitza, você agora tem a palavra.

Do mesmo modo que os outros, Piotr Kapitza, chefe técnico supremo da operação, vem mediante uma simples convocação. Não há ordem do dia nem programa. Stalin escuta tudo o que se diz. Ele não quis uma preparação.

— Progredimos muito — diz Kapitza — mas o círculo ainda não está fechado. Falta muita coisa, mas temos certeza de que conseguiremos. Já saímos do período puramente teórico, para entrarmos na era das realizações. Mas não se deve conceber o progresso sem dificuldades. Até aqui temos trabalhado com dois zeros — prossegue Kapitza (ele quer falar do orçamento da operação, que não havia sido centuplicado). Entretanto, já deveríamos dispor de três zeros e mesmo de quatro. Isto porque assumimos inteira responsabilidade pelo empreendimento.

— Muito bem, Kapitza — diz Stalin sem se alterar. — Que é que ainda falta para fechar o círculo? Matérias primas?

Kapitza faz com que esperem sua resposta a fim de impressionar melhor.

— Sim: água pesada. E em grandes quantidades.

Tê-la-emos, então, — diz Stalin.

— E' que no momento só temos o suficiente para as experiências.

— Muito bem, Kapitza, — retruca Stalin. — E agora a água pesada o que falta ainda para fechar o círculo? "

— Nós sabemos como prepará-la, mas não como abrasá-la.

— E será preciso esperar muito tempo? — pergunta Stalin sem perder a calma.

— Tudo dependerá dos meios disponíveis.

— Faremos o que preciso fôr, a despeito das restrições — diz Stalin. Pode considerar-se como tendo conseguido o terceiro. Acelere os trabalhos ao máximo. E você, Ioffe, tem certeza de que no estrangeiro não se realizam pesquisas no mesmo sentido.

— Ao contrário — responde Ioffe. — Nada nos leva a crer que se não realizam. Mais ainda: o fim está próximo, e o mais grave é que no estrangeiro a única coisa que falta para acabar a obra é a água pesada.

— E se eles já dispõem? ...

— Estaremos superados — responde Ioffe.

UM PLANO PARA «A COISA»

Um sábio de renome mundial discute com Stalin relatórios de vários espões. Mas Stalin, ao que parece, nada encontrou de extraordinário naquilo.

Apoia a frente nas duas mãos, depois volta-se para um novo personagem.

— E você, Gakerline, qual é a sua opinião?

E' esta a primeira vez que o professor Gakerline se encontra diante de Stalin. Até aqui, ele só tem mantido relações com Béria e sabe que Stalin é um verdadeiro tabu. Gakerline está disposto a dizer o que ele quer e não o que se quer que ele diga. Fala muito lentamente, medindo as palavras. Tem um ar de quem está a monologar.

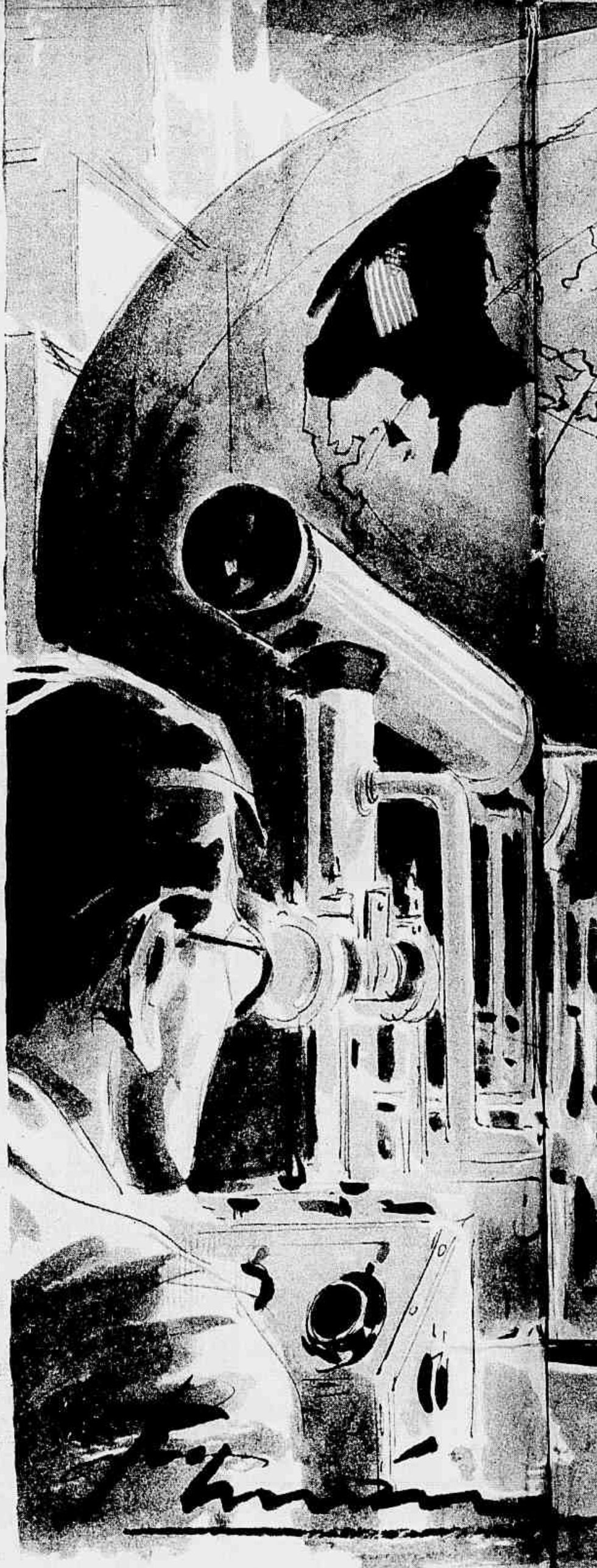
— Realmente, eu não sei até que ponto seria útil dispor da «COISA» para melhorar a nossa situação atual. A meu ver quem manda é o futuro. E que deveremos fazer? Antes de tudo estabelecer um plano de construção.

Dos sete conselheiros, Kapitza é o único que jamais falou com Gakerline. Stalin sabe disso e sabe também que o plano de trabalho brevemente exposto por Kapitza e Andrei Jdanov só se concretizou graças aos trabalhos do professor Vavilov. Gakerline aproximou-se de um mapa que não trazia qualquer indicação particular.

— Um plano coerente — diz ele — compreendendo duas instalações similares e paralelas completamente independentes e três ligadas uma à outra. Se não dispomos atualmente de meios suficientes é necessário providenciar. Afinal de contas este será mesmo caro. Proporei a Grande Sibéria pelo fato de que a zona de Bang é demasiada estreita.

Sob a denominação de «zona», Gakerline queria falar da região bastante limitada, que, no caso, é a Baikal-Ankara.

— E' preciso — continuou Gakerline — continuar de qualquer maneira e não importa qual venha a ser o preço da estação elétrica de An-





kara, sem a qual, correremos o risco de não dispor da quantidade de energia indispensável.

O minério do distrito de Irkutsk é pobre, mais pobre ainda que o do distrito de Galusine, na embocadura do rio Obi. Assim, teremos a vantagem se utilizarmos este último, se bem que seja mais caro e fique situado numa região mais longínqua.

Stalin escuta interessado. Faz um gesto para interromper Gakerline, mas este prossegue:

— Poderemos trabalhar na zona de Bang adotando dois processos: o da fissão e o da fusão. O primeiro será realizado por uma instalação existente em Kasatchan, e o segundo por um outro grupo situado na região de Kolchi. Para o que se encontra em Dzungaria, recomendo prudência, pois esta quarta zona, Dzungaria, não terá nenhum valor prático antes do fim da guerra e da vitória de Mao-Tzé-Tung. Finalmente, creio que os dois processos, fusão e fissão, devem ser estudados separadamente sem interdependência de qualquer natureza.

A surpresa é geral.

— Que pensa você, Kapitza? — pergunta Stalin.

— E' preciso ver — diz este — com ar pensativo. Não se pode ainda tomar uma decisão.

Assim termina a primeira discussão plenária da chamada «operação suprema».

DUAS EQUIPES E DOIS CICLOTRONS

Cinco semanas depois, Kapitza aceita a proposta para realizar separadamente as pesquisas sobre «fusão» e «fissão». Mas ele se reserva sempre a parte da «fusão». Alguns anos mais tarde, seu estudos o levarão a construir a primeira Bomba de Hidrogênio soviética.

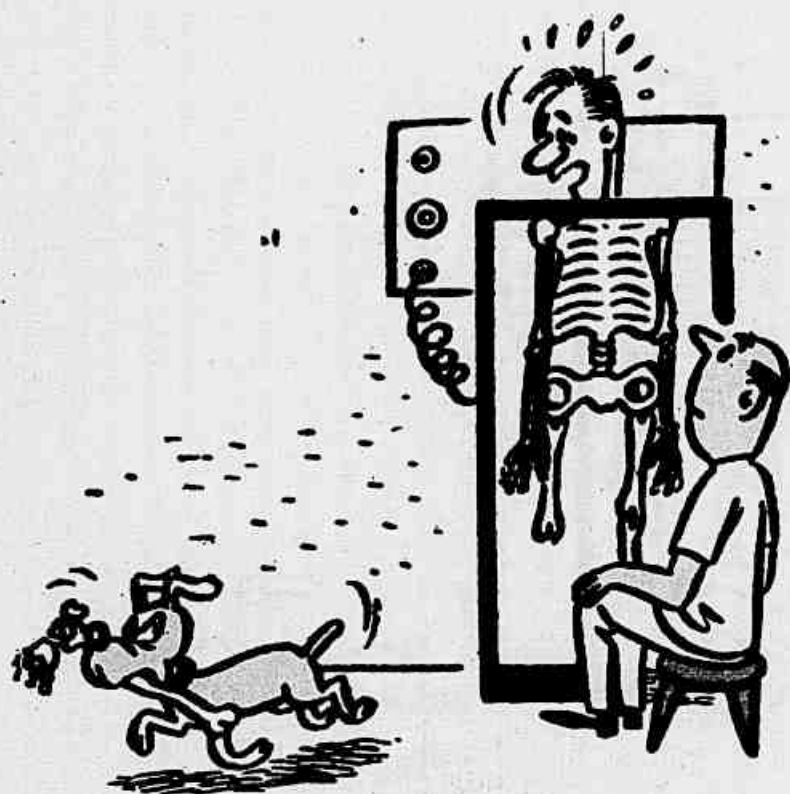
Mas o caminho a percorrer é ainda bem longo. Por algum tempo, Kapitza sabe apenas que renuncia às idéias precipitadas de Terenine para concentrar seus esforços no processo H.Hi. assim como ele o chama (estas três letras significam HIGHER-HEAT-IDEA, ou seja, idéia de um mais elevado grau de calor), sem, contudo, abandonar suas primeiras idéias. Esta «mais elevada temperatura», segundo demonstram os

seus primeiros cálculos, deverá ser da ordem de dezenas de milhões de graus centígrados.

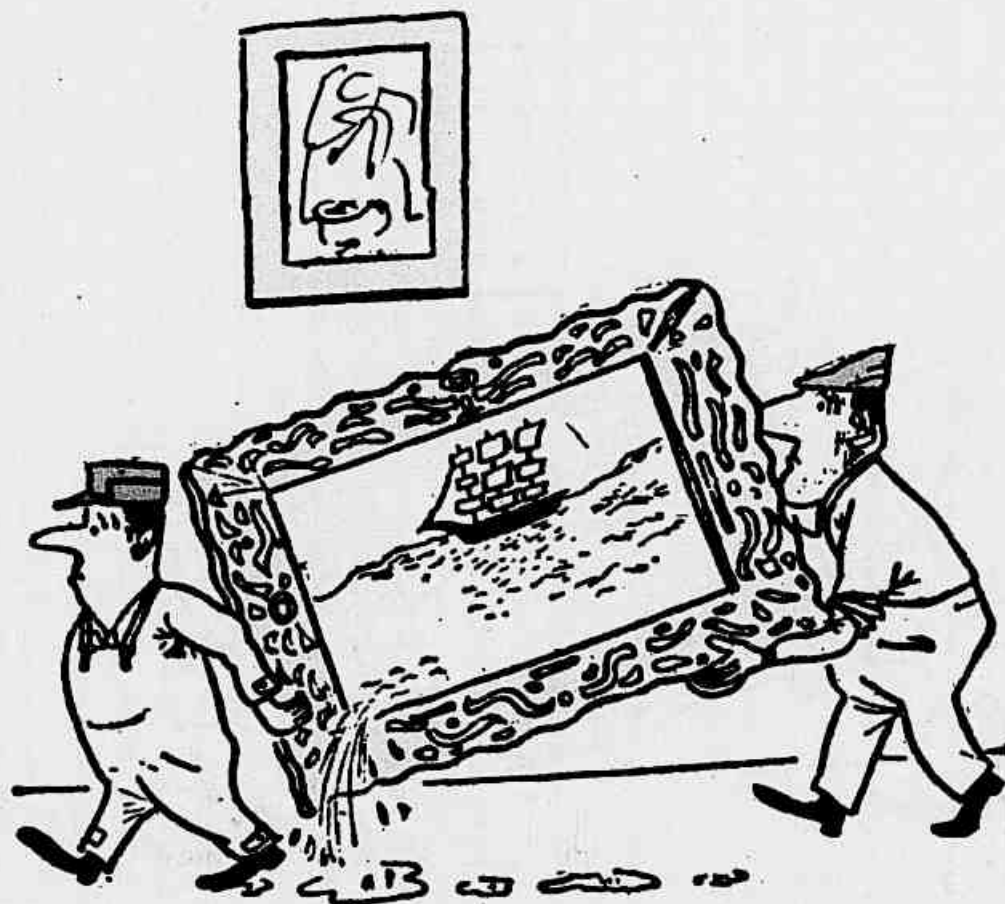
E Kapitza pensa que somente através da explosão baseada na «fissão» pode-se conseguir tão monstruosa temperatura. Abandonará, então, temporariamente, o aspecto primário dos estudos da fissão, que mais tarde dará a bomba de urânio; mas ele não trabalha pessoalmente.

Ele tem muito o que fazer com a separação dos seus «isótopos». O primeiro grupo de trabalho vai a Kurtchatov, que realiza experiências primeiramente com o efeito de curta duração, e em seguida, com o método do professor Otto Hahn. Seus assistentes Flerov e Perzak se acham presos desde 1939, quando caíram sob a espada da «lei suprema». Ele mandará libertá-los quando seus trabalhos, que coroarão mais tarde a explosão de laboratório houverem produzido os seus primeiros frutos. Para iniciar, Kurtchatov deve, entretanto, fazer um empréstimo pessoal à escola do seu concorrente, Kapitza, e se junta aos irmãos Alichanian.

— Se tivéssemos menos pressa, nada seria mais fácil.
(Cont. na página 42)



— Veja, veja, Doutor!!!...

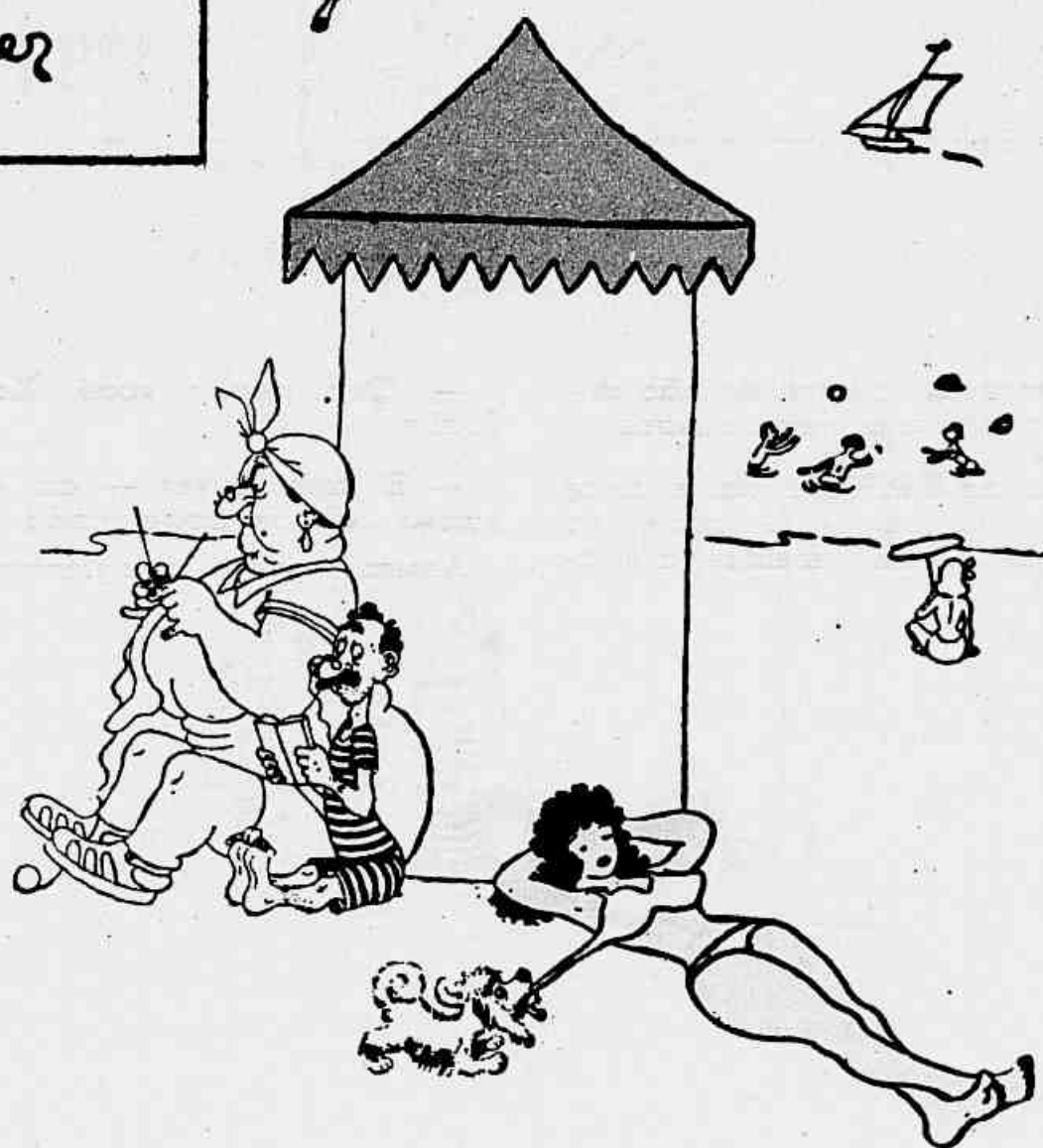


lepper

O
RISO
DOS OUTROS



Urs



— Totó, traz aqui!...

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Stendhal foi cônsul francês em:
 - Nápoles?
 - Parma?
 - Civitã-Vecchia?
- 2—A Estátua da Liberdade é um presente, à América:
 - da Alemanha?
 - Itália?
 - França?
- 3—«Eu creio; pude crer; ah! finalmente pude...» — verso de:
 - Emílio de Menezes?
 - Emiliano Perneti?
 - Emiliano di Cavalcanti?
- 4—O país de Khem é:
 - Canadá?
 - Egito?
 - Israel?
- 5—«Fragilidade, teu nome é mulher» — verso de:
 - Otelo?
 - Macbeth?
 - Hamlet?
- 6—Coluccio Salutati foi:
 - geógrafo?
 - humanista?
 - político?
- 7—João Caetano celebrizou-se na interpretação de:
 - Falstaff?
 - A Gargalhada?
 - Rei Lear?
- 8—Nasceu na Biblioteca da Faculdade de Direito paulista:
 - Vicente de Carvalho?
 - Humberto de Campos?
 - Álvares de Azevedo?
- 9—«Morte e Transfiguração» é:
 - poema sinfônico?
 - ópera?
 - sinfonia?
- 10—Quem explorou o México:
 - Cortez?
 - Pizarro?
 - Grijalva?
- 11—Qual desses residentes de França foi assassinado:
 - Mac-Mahon?
 - Sadi-Carnot?
 - Vincent Auriol?
- 12—Inventou a máquina a vapor:
 - Fulton Sheen?
 - Hero?
 - Stevenson?
- 13—Onde nasceu Ana Magnani:
 - Roma?
 - Nápoles?
 - Alexandria?
- 14—Que quer dizer Tenocitlan:
 - nome antigo de Guatemala?
 - de México?
 - ou de Nicarágua?
- 15—E' autor do Monumento das Bandeiras:
 - Miguel Angelo?
 - Brecheret?
 - Otto Maria Carneaux?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Civitã-Vecchia; 2 — França; 3 — Emiliano Perneti; 4 — Egito; 5 — Hamlet; 6 — humanista; 7 — A Gargalhada; 8 — Al-
vares de Azevedo; 9 — poema sinfônico; 10 — Grijalva; 11 — Sadi-Car-
not; 12 — Hero; 13 — Alexandria; 14 — nome antigo do México; 15 —
Brecheret.



200

VIAGENS POR DIA

Onibus diretos para SÃO VICENTE e PONTA DA PRAIA

das 4,30

às 24,00 hrs.

cada 8 minutos

AGÊNCIAS

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone: 34-1395

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones: 32-8733 e 34-5393

Rua Senador Queirós, 85 - Fones: 34-2399 e 36-6402

Rua Tabatinguera, 37 - Fone 33-3326

SANTOS

Pça. Barão de Rio Branco, 62 - Fone 1314 (S. Vicente)

Av. Presidente Wilson, 186 - Fone 4-4090 (José Menino)

Pça. Independência, 11 - Fone 4-3426 (Gonzaga)

Pça. Mauá, 11 - Fones 2-2299 e 2-8777 (Cidade)

Av. Conselheiro Nebias, 841 - Fone 4-5788 (Boqueirão)



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Ltda.

AZASO - EB-2



GREGÓRIO FORTUNATO, EX-PRÓ-HOMEM DA REPÚBLICA. NÃO PERDEU A ARROGÂNCIA AO ENFRENTAR O JÚRI, MAS ASSUSTOU-SE COM AS VAIAS QUE RECEBEU.

DE TONELEROS A FREI CANECA

★ O «mar de lama» que entrou em ressaca no dia 5 de agosto de 1954, acaba de ser represado, num julgamento memorável. Apreciando e julgando os homens de Toneleros, com Gregório Fortunato à frente, o que se fez foi o processo de uma época de decadência. Enfrentando, agora, a Justiça, composta dos mesmos homens, que antes, quando viviam o clima de impunidade, tanto desdenharam, recebem os empreiteiros sinistros a sua merecida recompensa numa condenação maciça, sem que nenhuma influência se atreva a minorar-lhe as duras penas. A condenação dos homens de Toneleros é o fim da decadência e o início de uma nova era de renovação moral

Reportagem de W. GUARNIERI

Fotos de A. FERREIRA LIMA

O PRIMEIRO MANDANTE

GREGÓRIO FORTUNATO

— um dia cognominado de «Ministro da Defesa» do consulado Vargas — é o primeiro mandante de Toneleros. Por sua culpa, pagaram Alcino (executor) e Climério (co-autor) do atentado.

Trajando elegante terno de tropical cinza-azul, gravata clara com listrinhas escuras, Gregório chegou assustado ao Tribunal. O juiz, após as perguntas protocolares de qualificação, procedeu a leitura da acusação. A certa altura, negou categoricamente, de peito inflado e cabeça erguida:

— Eu disse a Climério: «Vai dar um jeito no Carlos Lacerda». Fui conhecer Alcino no Galeão. O Soares eu conhecia. Pensei que fôsse um homem respeitável, pois tinha boa presença. Pensei que fôsse trabalhador. Quando vi sua ficha no Galeão, fiquei apavorado. Antes do crime eu o conheci. Nunca fui prêso ou processado antes do caso Toneleros. Não conheço a arma do crime. Fui procurado pelo general Mendes de Moraes, no Rio Negro, para que desse um jeito no jornalista Carlos Lacerda para evitar que o país caísse em uma guerra civil, segundo dizia o general. Nunca me passou pela cabeça, matar ninguém, mas o general me falou de tal maneira que me convenci da necessidade de matar o jornalista. Ele disse que era para salvar o Presidente e evitar a guerra civil. Falei com Climério, que fazia parte da Guarda. Mandei «dar um jeito no Carlos Lacerda». Climério aceitou a missão, chamando para auxiliá-lo Soares, Alcino e Nelson.

Rememorando o seu depoimento prestado no Galeão, ouve Gregório atentamente o relato:

«Fui chamado pelo doutor Getúlio no dia do atentado. — «Mas, como é isso? Dizem que é pessoal da Guarda?» Eu respondo: «Não. Eu tenho a Guarda na mão, doutor Getúlio! Não são capazes de fazer uma coisa dessas, doutor Getúlio!» Aí, de manhã, aquela gente em Palácio... Aquelas coisas... O general Caiado avisa o Presidente de manhã, às 9 e pouco. As 11 horas o Presidente manda me chamar: «Como é que o senhor disse que não era pessoal da Guarda?» Eu respondo: «É senhor, realmente, como de fato; da Guarda é quem trabalha no Palácio... Mas, ele é lá de fora. É da Polícia do Distrito Federal... Aí ele «embrabeceu» comigo: «Quem é que não vai dizer que não foi você?» «Mas, senhor Presidente, esse rapaz vive lá por fora, senhor Presidente... quem sabe a mando de outro? Eu não sei disso...»

— Ponha-se daqui para fora! — ordenou-me o doutor Getúlio... Eu! Logo eu! que sempre tratei-o com todo carinho — é o caso de dizer, eu carreguei ele no colo, nas campanha política... Toda essa coisa... Senhor juiz, eu saí desatinado!... Peguei um carro ali...

Por várias vezes Gregório Fortunato meneia a cabeça. Funga de vez em quando, e olha de soslaio para os jurados.

Com referência a participação de Climério no caso, afirmou Gregório que certa vez, em Petrópolis o chamou para dizer-lhe:

— Lá no Rio esse Lacerda está falando muito! É preciso dar um jeito nêle...

Isso aconteceu uns 3 meses antes do crime. Depois Climério veio ao Rio e subiu novamente a Petrópolis, para avisar que «estava tudo arranjado» isto é, tinha ajeitado gente para a tarefa. Nessa ocasião, forneceu-lhe Gregório Cr\$ 30.000,00. Mais tarde, por intermédio de Valente, adiantou mais uns 15 mil cruzeiros.

Após o interrogatório, fez uso da palavra o procurador Araújo Jorge que em sua oração procurou provar que Gregório Fortunato organizou e promoveu a cooperação do crime, dirigindo ademais a atividade dos agentes, concorrendo, assim, para a prática do atentado. Alegou que o mesmo foi cometido mercê de paga e recompensa, e que a execução foi com recurso que dificultou ou tornou impossível a defesa das vítimas.

Falando pela defesa, um de seus advogados (Araújo Lima) acusou Carlos Lacerda e examinou a situação do réu face os violentos ataques do jornalista. Mostrou a influência da personalidade de destaque, aconselhando Gregório e exercendo pressão que o levaram a ordenar o extermínio do diretor da Tribuna da Imprensa. Ao contrário do seu colega de defesa, o dr. Romeiro Neto iniciou sua oração procurando determinar a responsabilidade do réu pelos acontecimentos da madrugada de 5 de agosto de 1954. Pretendeu o causídico provar que não coube ao réu, que ordenara a morte de Lacerda, nenhuma culpa do assassinato do major Vaz e dos ferimentos recebidos pelo guarda Sálvio Romeiro. Desenvolveu argumentação precisa visando demonstrar que Gregório participou do mandado e não da execução do crime. Defendeu assim a tese, visando a desclassificar as agravantes do crime para uma tentativa de homicídio simples contra o jornalista.

Houve réplica e tréplica e após 20 horas de julgamento retiraram-se os jurados para a sala secreta a fim de apreciar os quesitos formulados pelo juiz Souza Neto.

SENTENÇA: 25 ANOS

- 11 pela morte do major (reduzida de 19), por participação «menos grave»
- 12 pela tentativa de homicídio na pessoa de Carlos Lacerda.
- 2 por lesões ao guarda Sálvio Romeiro.



CLIMÉRIO EURIDES, EX-INVESTIGADOR E COORDENADOR DA SINISTRA EMPREITADA. SORRIU AO DEIXAR O TRIBUNAL E QUASE FOI LINCHADO.

O SEGUNDO MANDANTE

CLIMÉRIO EURIBES DE ALMEIDA é o segundo mandante. Influente membro da guarda-pessoal do extinto Presidente Vargas é figura de maior projeção que o pistoleiro Alcino.

Deu entrada no recinto aparentando calma e segurança. Vestia-se igualmente com apuro, terno de gabardine e sapatos de duas côres. Prestou seu depoimento, falando por mais de uma hora, sempre com grande loquacidade e prodigalidade de gestos. Sorriu várias vezes e afirmou com aparente sinceridade, que «não visava a convencer ao meretíssimo ou aos jurados». Climério pertencia à guarda-pessoal desde 1942, tendo entrado para os quadros da polícia civil um ano antes. Nasceu no Rio Grande do Sul e veio para o Rio em 1938 fazendo parte de um grupo de capangas, foragidos da polícia da fronteira em virtude do «estouro» de um contrabando mal passado. Costumava «negociar» com casacos de peles, lingerie, sedas e nylon. No Rio esteve envolvido com uma quadrilha que fabricava dinheiro falso, e poucos dias antes de Toneleros conseguia em companhia de outros malandros, passar o «conto do automóvel» tomando de um comerciante carioca a importância de 50 mil cruzeiros. Planejou o assassinato de Carlos Lacerda e forneceu a arma do crime, uma pistola calibre 45. Ofereceu a Alcino 100 mil cruzeiros e um emprego depois que fôsse feito o «serviço» no jornalista.

Climério ofereceu aos autos do processo um depoimento que colide com a prova. Recebendo «ordens» de Gregório para «acampar» o jornalista, e para exercer com maior eficiência a sua missão, pediu o auxílio de um amigo (Antônio Soares) que, por sua vez, arranhou outro para ajudar (Alcino). Gregório concordara com ambos. Na noite do atentado, Climério estava com Alcino fazendo a «campana» normal. Acompanhou o jornalista desde o Externato São José até a sua residência. Ali, em companhia de Alcino, esperou pela chegada de Lacerda, pois o sabia morador do prédio nº 180 e era necessário ao «serviço» a descoberta da identidade do acompanhante do deputado (major Vaz). Quando este chegou à porta do edifício, Climério recomendou a Alcino:

— Olhe, chegaram. Vê quem é o outro...

E saiu andando pela rua Toneleros, dobrando a primeira esquina. To-

mou um café mais adiante, dando volta no quarteirão. Ao passar pela porta da delegacia de Copacabana soube que «havam dado uns tiros ali por perto». Não voltou a Toneleros, dali mesmo tomou condução e rumou para a casa do motorista Nelson, ficando preocupado por não encontrá-lo de volta. Lá, ouvindo o rádio, é que soube do atentado...

Continuando a sua narrativa, informou Climério ao juiz que Gregório Fortunato combinara, à sua revelia, com Soares e com Alcino, a eliminação do jornalista. Não combinara nada com ele; nada lhe falara sobre a morte. Gregório dera ordens diretamente a Soares e Alcino, afirmou sabê-lo depois. A reviravolta de Climério causou aborrecimento aos advogados de Gregório (Araújo Lima e Romeiro Neto), pois o seu constituinte afirmara em Juízo que dera a ordem a Climério e não aos outros.

O seu defensor, após 3 horas de peroração, apenas havia podido esboçar duas teses que, de certa forma se confundiam: as de negativa do mandato e negativa de co-autoria. Aliás, a refutação de ambas as teses já tinha sido feita, por assim dizer, antecipadamente, pois os acusadores tiveram o cuidado de abordar todas as possibilidades da defesa do réu já ao proferir o libelo acusatório. Tentou ainda preparar psicologicamente, adiantando que estava na tribuna para defender um homem honrado que servira a pátria durante 15 anos. Em dado momento, quando da rememoração dos sucessos do Presidente Vargas pelo causídico, Climério levando um lenço branco aos olhos chorou por alguns instantes. Como os fotógrafos aproveitassem o flagrante do choro, enxugou as lágrimas, baixou mais as pálpebras e voltou a cruzar as mãos sobre os joelhos pendendo a cabeça.

Ao ser conhecido o resultado da sentença, Climério curvou a cabeça e empalideceu. Ao deixar o Tribunal porém, cometeu a imprudência de sorrir abertamente para a grande massa popular que o aguardava junto ao portão, sendo vaiado enquanto o carro do presídio se punha em movimento.

SENTENÇA: 33 ANOS

10 anos pela morte do major Vaz; 12 anos pela tentativa contra Lacerda; 2 anos pela agressão ao guarda Sálvio.



ALCINO NASCIMENTO, UM «POBRE DIABO». DURANTE O JULGAMENTO PREOCUPOU-SE COM O VINCO DAS CALÇAS E AJEITAR OS ÓCULOS.

O EXECUTOR

ALCINO JOSÉ DO NASCIMENTO

autor dos disparos que resultaram na morte do major Rubens Florentino Vaz na madrugada de 5 de agosto de 1954, foi o primeiro a sentar-se no banco dos réus.

Ao ingressar no Tribunal, vestia-se com apuro, usando óculos de tipo moderno, com armações de luxo. Durante o interrogatório, manteve-se numa postura erecta, com as mãos cruzadas, ora na frente ora por trás, respondendo à inquirição com voz firme, sem inflexões. Aparentava serena indiferença; a indiferença dos cínicos. Sentado, com o correr do julgamento, foi pouco a pouco perdendo o aprumo. De quando em vez, preocupava-se com o vinco das calças, suspendendo discretamente a perna para ajustar o tecido, com naturalidade, como se estivesse numa reunião elegante.

Não foi em Toneleros que Alcino pela primeira vez usou de uma arma para liquidar alguém a quem não conhecia. Alguns meses antes, foi empreitado para uma outra tarefa sinistra, e confundiu, também a sua vítima, terminando por abater um inocente.

Alcino nasceu em Itaperuna, no Estado do Rio, indo mais tarde para a localidade de Resplendor no interior de Minas, onde casou-se. Sem profissão definida, vivia de biscates, vendendo mercadorias em feiras-livres, lavando automóveis ou fazendo carretos. Voltando a Itaperuna com a família veio mais tarde a radicar-se no subúrbio de São João de Meriti, próximo a Caxias, no Estado do Rio. Sete meses antes do crime, Alcino ao sair de casa foi abordado por um indivíduo a quem não conhecia, e que mais tarde soube chamar-se Soares (José Antônio). A propósito de uma conversa fútil, conta-lhe Alcino sua vida de dificuldades, recebendo na ocasião pequena ajuda em dinheiro. Um mês depois, Soares vai procurá-lo para um importante «negócio». Trata-se da eliminação de um desafeto do proponente, de apelido «Naval». Alcino não titubeia, pois continua sua vida incerta e a quantia de 5 mil cruzeiros é tentadora, para «gastar apenas uma bala». No Carnaval, perto da Estação de Pavuna faz disparos contra um homem e o atinge mortalmente. Quando vai reclamar de Soa-

res o pagamento da importância devida, tem a decepção de saber que confundira a sua vítima e por isso recebe, apenas, 100 cruzeiros.

Mais tarde, voltou Soares a casa de Alcino, convidando-o a visitar um amigo que teria um outro importante «negócio». Apresentado, então, a Climério (Euribes) vem a saber que se trata de um novo crime. Desta feita denominado «ambulante» — isto é, em lugar incerto. Não lhe foi revelado na ocasião o nome de sua futura vítima. O primeiro reconhecimento deu-se por ocasião de um comício político, em que falou o jornalista Carlos Lacerda na localidade fluminense de Nova Iguaçu.

— E' aquele de óculos! — segredou Climério apontando para o deputado.

A empreitada ficou transferida para alguns dias mais tarde quando um novo comício iria realizar-se na cidade de Barra Mansa, ainda no Estado do Rio. Um pequeno defeito no automóvel que transportava os quadrilheiros (que os impedia de empreender a fuga depois do atentado) adiou pela primeira vez a tarefa. Alcino recebeu Cr\$ 500,00 pela viagem. Decepcionado e por sugestão de Climério e Soares, no dia seguinte, para desistir do trabalho, em face do não cumprimento das promessas que lhe haviam sido feitas. Climério propõe então a conseguir-lhe, uma vez cumprida a missão, um emprêgo de investigador de polícia. Animo alevantado, fica o assunto para ser resolvido naquele mesmo dia, em frente ao Externato São José no Rio. Cerca de 23 horas, reunidos Climério, Alcino e Nelson (personagem novo) motorista do carro que deveria dar fuga ao assassino, combina-se os últimos detalhes. E' Climério, quem antes de despedir-se, faz a última recomendação:

— Esse camarada aí (diz referindo-se a Alcino) vai dar um tiro na perna de um «cara». Você faça a corrida com êle.

A saída, como havia muita gente, Alcino confundiu-se e resolveu seguir o carro do parlamentar adiando a empreitada. Finalmente, nas primeiras horas da madrugada seguinte executou a sua missão traiçoeira.

Foi assim o seu depoimento relatado perante o juiz.

Falando das frustrações e dos sonhos de seu constituinte, o advogado Humberto Telles passou a sustentar a tese de coação irresistível, apontan-



NELSO RAIMUNDO, O MOTORISTA. SEUS DEFENSORES FAZIAM «BLAGUE» ALEGANDO EXTORSÃO NO PREÇO DA CORRIDA COMO SEU CRIME

do Climério como o autor da coação. Quis mostrar aos jurados que o emprego de investigador oferecido, era coagi-lo na sua miséria. Apresentou Alcino como o «pária e o pobre diabo» a quem Climério parecia o palácio e o poder. Lembrou até que o «instinto de caboclo» de Alcino lhe dizia que ele não sobreviveria ao segredo. Assim, não pôde dizer não a Climério. Terminou pedindo a condenação de seu constituinte, não pelos crimes de homicídio e duas tentativas, mas invocando a tese do crime continuado e reafirmando que Alcino não atirara em Lacerda, que matara

Vaz porque este se atirou contra ele e que não tentara matar Sálvio Romeiro (o guarda) e sim garantir sua fuga, imobilizando-o.

SENTENÇA: 33 ANOS

19 anos pela morte do major Vaz; 12 anos pela tentativa contra Lacerda; 2 anos pela agressão ao guarda Sálvio.

O CÚMPLICE

NELSON RAIMUNDO DE SOUSA, motorista profissional, fazia «ponto» com seu táxi nas imediações do Palácio do Catete, servindo comumente aos homens que compunham a Guarda Pessoal do então Presidente.

Mas, não era apenas motorista: fazia parte do quadro de investigadores da polícia do Estado do Rio, embora portando carteira do tipo «graciosa», comum à época.

Foi Climério quem chamou Nelson Raimundo no dia do atentado:

— Nelson, venha até aqui ao portão do Externato São José, na Tijuca. Pára o carro na esquina que depois eu apareço. Não demore!

Nelson partiu incontinenti no seu «Studbaker». Parou no local recomendado e aguardou por algum tempo. Depois chegaram Climério e Alcino.

— Nelson, vamos à Copacabana. Toca depressa!

O carro parou, conforme lhe ordenou Climério, na esquina da rua Paula Freitas com Toneleros. O motor ficou ligado enquanto Climério e Alcino saltaram para a empreitada. Minutos após Alcino empreende a fuga e da porta do automóvel de Nelson, perseguido pelo guarda Sálvio Romeiro, alveja-o com a sua arma. O guarda atira também e dois

projéteis furam a carroçaria do táxi. Deixa o pistoleiro na Av. Beira-Mar e retorna à zona Sul. Medita porém sobre o caso. Sabe que seu carro foi atingido e resolve apresentar-se ao distrito. Mente ao relatar sua história ao comissário de dia: passava por uma rua, quando um desconhecido alvejara o seu táxi. Fica em observação. Na manhã seguinte, resolve apresentar nova versão: passava por Copacabana quando um desconhecido tomou seu táxi e pediu para estacionar nas proximidades da rua Toneleros, ali saltando e pedindo para que ele esperasse um pouco. Enquanto aguardava ouviu tiros e o desconhecido ameaçando-o com arma de fogo na mão intimou-o a tocar para a cidade. Somente 5 dias depois confessa a verdade: o passageiro «desconhecido» era Climério. O fio da meada fôra encontrado.

Perante o juiz, Nelson Raimundo relutou em confirmar que conhecia o objetivo das viagens que fizera. O seu julgamento foi rápido. A tese da defesa fundou-se na coação irresistível.

SENTENÇA: 11 ANOS

6 anos pela morte do major; 4 anos pela tentativa contra Lacerda, 1 ano pelas lesões em Sálvio.



DORINHA DUVAL: é «TV PARA CRER» lá no Alumínio de São Paulo.



LANDA SANTIS: «Tem Areia no Bikini».

PRESENÇA DO VERÃO

Fernando LOBO

♦ Não há muito o que dizer nem muito o que contar. O que há é essa promessa de quente que de quando em vez vem trazido pelo vento do mar. Sopra uma brisa morna e o sol escan-

cara dentro do dia e da tarde. Tudo é promessa de calor em todas as praias. Já se vêem os primeiros «maillots» que cruzam o asfalto e buscam a areia. A areia somente, pois a água está

ainda gelada. «Maillots» mais curtos nos corpos de moças que cresceram um pouco. Um punhado de vidas novas enfiadas em roupas — quase roupas — de cores e cores. O verão quer chegar. Está mandando dizer pelo vento morno que não demorará. Esperará um pouco sim, que os colégios fechem para que as crianças venham para as suas areias. Esperará que passe depressa o mês de novembro e venha dezembro com cheiro de nozes e castanhas. Esperará por outras coisas grandes e pequenas que levam o homem ao trabalho, suando, infeliz de suar, mas de olhos alegres diante de tanto colorido. Verão está por aí e calor para afastar casais de quase um ano presentes. Petrópolis, Cabo Frio, pescas, pescarias, peixadas e peixes, piscinas e verde da serra e verde do mar. As noites mornas serão convites e o gelo cairá bem num uísque que não seja morno nem feito em casa. Verão com uísque com quente do sol, com cheiro de sal que a água deixa em todos os corpos, a água do mar — evidentemente — pois a da torneira é um mistério indecifrável. Longe estão os ternos grossos e os coletes apertados. Até a gravata é um pesadelo. A noite virá e a promessa de um sono suave de brisa mais fresca. Haverá estrêla de graça, no céu gratuito e só não será de graça, apenas o que se come e se bebe dentro das casas sem noite — a não ser — alguns privilegiados e «amigos do peito». E porque estragar a noite vendo esses homens, olhando esses rostos sem forma, sem calor e sem sol se uma estrêla no céu, uma mulher bonita, um vento mais quente há de nos entregar o verão — a estação pavor dos homens gordos que são obrigados ao refúgio do «Sacha's» ou mesmo dormir dentro da própria geladeira? Verão está aí! E a serra é mais fria para quem não pode ficar ao sol, medroso de estourar como um «baiacu».

DE CONVERSA EM CONVERSA

Carlos Machado, com a sua roda de amigos constantes, depois da ceia regulamentar afirmava que ninguém melhor que Heron Domingues sabia dar «slogans» para moças da noite. Se não vejamos: Marina Marcel: «Carinha de Gato»; Zizica: «Menina Feliz»; Irma Álvarez: «Covinha do Lado Direito»; Norma Benguel: «Tão Se Mostre deira»; Edith Morel: «A Beleza Profissional mais Competente que Conheço» (esse é o «maior», no tamanho); Norma Tamar: «Serena»; Ana Maria Buonacorsi: «BUONA toda vida»; Josy Lenoir: «Olhos de Fogo»; e essa espetacular Elisabeth Gasper (que não sabe mais onde botar tanta bonitesa). Termina o colunista dizendo que aquelas bonitesas «vão sumir do Copa com suas cores e risos deixando «fan- agora seus preços reduzidos e a

tasmas» inolvidáveis naquele palco». Em seguida entrou no palco do Copa a cantora portuguesa Amália Rodrigues...

AMÁLIA — A «santinha» Amália Rodrigues está outra vez no Copacabana Palace e outra vez recebe daquele público o mais justo aplauso. Em seguida a grande fadista deverá seguir para os Estados Unidos.

MOVIMENTO — Carminha Mascarenhas terminou a sua temporada no «Clube 36» e descansa na praia enquanto tem oportunidade de fazer o «Clube de Paris», em Montevideu. ★ E por falar no «Clube de Paris» de Montevideu, ali acaba de fazer sucesso dos grandes, Dolores Duran e já Angela Maria. ★ «La Cremaillère» tem presença de Catulo de Paula. ★ Em novembro o «Clube 36» nos



NELSON GONÇALVES, uma voz dentro da noite do «Ma Griffe».

promete a sublime Elisete Cardoso, provavelmente. ★ No «Jirau» temos o piano de Kalua. Ribamar foi para a Venezuela. ★ Nelson Gonçalves

ves estreou e está fazendo casas cheias no «Ma Griffe» que tem também a beleza e a voz de Maria Janete.

Literatura e arte

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

Notas e informações

GILBERTO AMADO compareceu à Livraria São José, a fim de receber as manifestações de apreço e admiração dos intelectuais brasileiros. Teve então ensejo de assinar autógrafos em seus dois mais recentes livros — o soberbo «Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa», e «Oração aos Moços». Esse livro, aliás, mereceu as honras de duas edições: uma, do Serviço de Documentação do Ministério da Viação, e outra, da José Olympio. Gilberto partirá dentro de mais alguns dias para os EE.UU.

PARA REPRESENTAR o Brasil e a cultura brasileira no Congresso da UNESCO, em Nova Delhi, seguiu pequena comitiva de intelectuais brasileiros, entre eles Simeão Leal e Maria Martins. O chefe é Gustavo Capanema. Frederico Schmidt, que faria parte da delegação, à última hora desistiu, afirmando estar já «muito cansado para viagens tão longas».

NA BIBLIOTECA de Divulgação Cultural, deverão aparecer brevemente inúmeros trabalhos dos mais conhecidos ensaístas brasileiros. E ainda agora foi publicado «Da Liberdade de Criação Artística», de autoria de Antônio Rangel Bandeira.

UM POETA paulista, José Tavares de Miranda, dedica-se à crônica social, em sua cidade natal. Dizem-me, aliás ser ele dos melhores cronistas sociais de São Paulo. O caso é o seguinte: terá ele abandonado a Poesia, depois dessa recente experiência? «Alamboa», e outros livros que prometiam um razoável poeta, ficarão como peças incompletas de uma personalidade que aderiu ao «society»? Ou, de volta dos «parties» e dos «cocktails», das recepções e bailes de gala, ainda achará ele tempo para a Poesia?...



♦ ERICO VERÍSSIMO e Limeiro Tejo compareceram a uma das tardes de autógrafos organizadas pelo «mercador de livros» Carlos Ribeiro, na São José, a fim de assinarem para seus admiradores as últimas obras aparecidas. Eis um grupo em que aparecem Drummond de Andrade, Limeira Tejo, Érico Veríssimo e Maurício Meira, em animada palestra.



POETA E EMBAIXADOR

♦ O dr. José R. Castro, Embaixador de Honduras no Rio de Janeiro, é poeta de méritos reconhecidos, em sua terra natal. Desempenhando há algum tempo suas elevadas funções junto ao Governo Brasileiro, ficou de tal modo encantado pela paisagem carioca, que escreveu, sobre a cidade, três sonetos, um dos quais abaixo estampamos:

*Esta ciudad, sonora y rutilante
que canta y vibra, sueña, ama y palpita
es un gran corazón que precipita
su pasión de caboclo y bandeirante...*

*Su historia es de heroísmo impresionante
entre el combate incruento del jesuita
con un Cristo, una Cruz y agua bendita
sobre un pueblo, una selva y un gigante.*

*Y bajo el cielo inmenso el mar canoro
y el sol crepuscular, cobalto y oro,
se estremece la tarde, como para*

*brindarse e dulcemente al peregrino
como un vaso traslucido de vino
en la bahia azul de Guanabara...*

♦ Agora, o Embaixador acaba de editar uma plaquete contendo aqueles três sonetos, no original espanhol, e na tradução que deles fez o dr. Eugenio Vilhena de Moraes. A edição foi feita pelo Instituto Cultural Brasil-Honduras.

Livros em desfile

COTAÇÃO: — * ruim; ** medíocre;
*** regular; **** bom; ***** muito bom

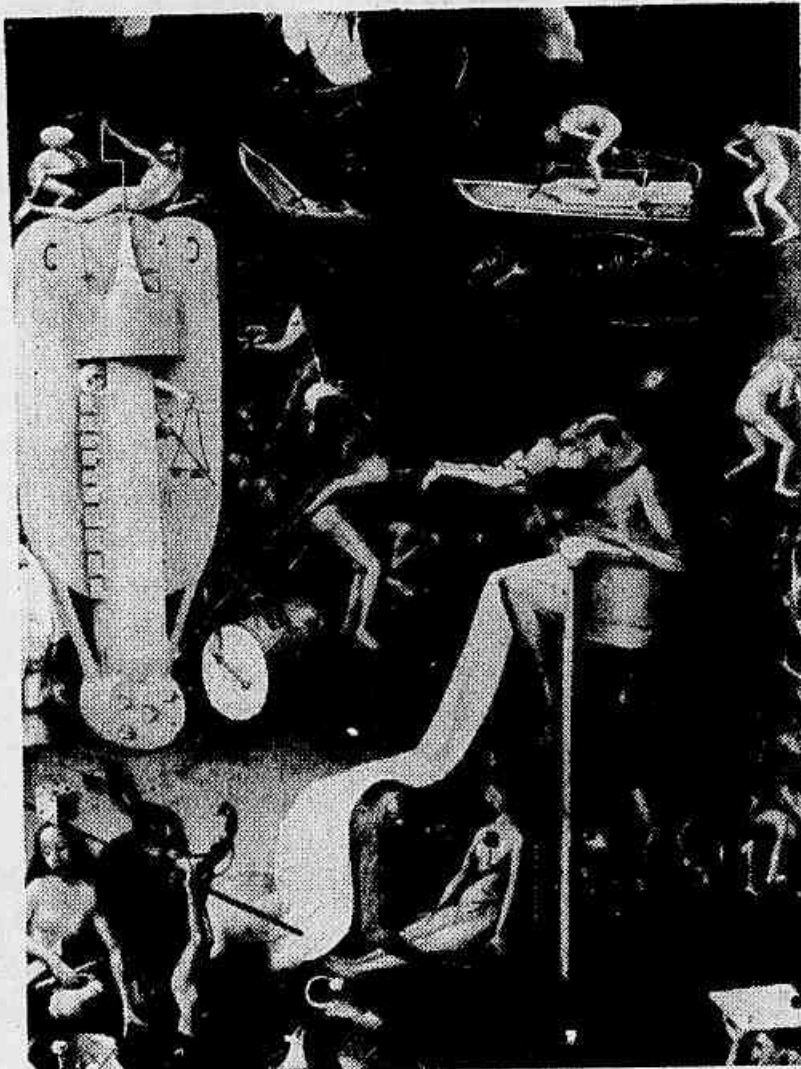
GILBERTO AMADO, que vem de editar o terceiro volume de suas Memórias, e já trabalha no seguinte, também editou, há pouco, «Oração aos Jovens Diplomatas», discurso de paraninfo aos jovens moços que deixaram o Instituto Rio Branco, em 1955. Como tudo quanto escreve Gilberto, esse livrinho, de umas poucas páginas apenas, é valioso. Veja-se o que diz, dirigindo-se aos rapazes do Itamarati: «Meus jovens colegas; não fiquéis franceses na França, americanos nos Estados Unidos, ingleses na Inglaterra. Conservai-vos brasileiros até no modo de falar no jeito de vestir e, sobretudo, no estilo de homens». — Para concluir: «Brasileiro desnacionalizável, londrinizável, não pode ser bom diplomata». E, como sempre, o estilo do escritor é simples, direto, gostoso. É o menos convencional dos oradores (Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1956. 44 páginas. Cotação: ****).

SILVEIRA NETO, que se intitula, modestamente, de «historiador da província», é um rapaz de valor, que agora mesmo nos oferece seu livro «História de Carmo do Paraná», história minuciosa dessa cidade mineira, desde as origens até à atualidade. E Silveira Neto escreve de modo agradável. Há trechos em seu livro, que se lêem como se se tratasse de um romance (Livraria Bernardo Alvares Editora Belo Horizonte, 1956. 114 páginas. Cotação: ***).

CAUBY CRUZ — cujo livro «Os Elementos do Verbo» acabo de receber, por gentileza da Editora — é bom poeta, capaz de vivificar, com seu poderoso instrumento poético, velhos temas e motivos. Muitos de seus poemas, pelo ineditismo de que neles se reveste a forma, e pelo arrôjo das imagens, surpreenderam-nos sinceramente. Não quer isso dizer, porém, que Cauby Cruz seja um poeta já realizado. Nós conhecemos outros, porém, de muito maior fama, e sem tanto merecimento. Veja-se o início do poema «Dez Anos», onde creio aliás ver a influência de Murilo Mendes: «Dez anos / comemora o poema / atravessou cem salas / para cair no teu colo / Colhe no fundo / a vida rasa / ei-la à tua frente / como o canto do galo». (Livraria Portugal Editora, Rio de Janeiro, 1955. 40 páginas. Cotação: ****).

DEBATE SÔBRE BOSCH

COM A PRESENÇA de Mário Barata, Celso Kelly, José Paulo Moreira da Fonseca, Manoel Jorge Caminada, Eduardo Alvim Correia, Ana Leticia Quadros e Douglas Marques de Sá, foi efetuado, na sede do Pen Clube do Brasil, sob o patrocínio do Grupo de Estudos Mário de Andrade, um debate (antecedido de palestra) sobre alguns aspectos controvertidos da vida e obra, principalmente, de Jheronimus Bosch, o pintor primitivo holandês sobre quem, há algum tempo, publicou o colunista um ensaio, pelo Ministério da Educação. Teve por tema a palestra seis itens pouco estudados por aqueles que se dedicam à figura ímpar de Bosch: de início, analisou-se a teoria de Wilhelm Fränger, que dá o artista — cuja catolicidade parece não ter sido muito ortodoxa — como filiado a uma seita herética, os «Irmãos do Espírito Livre»; após, foi estudado o livro de Jan Mosmans, arquivista na própria Igreja de São João, em 's-Hertogenbosch, onde o pintor foi registrado e posteriormente enterrado. Com a análise das obras de Fränger e Mosmans sobre Bosch, estava encerrada a primeira parte da palestra. A segunda abrangia igualmente dois itens, dedicados à tópica do artista: Bosch, e o Mundo dos Adynata, ou dos Impossíveis, e Bosch e o Tema do Navio Errante. Quanto à terceira parte, tratava de possíveis influências da arte boschiana sobre dois ilustres pintores italianos: Giuseppe Arcimboldo, e Rafael. Seguiram-se os debates, fazendo uso da palavra Manuel Jorge, para realçar uma provável ascendência dos mi-



DETALHES DA asa direita do «Jardim das Delícias», no Prado, talvez a mais célebre obra de Jheronimus Bosch.

niaturistas franceses sobre Jheronimus Bosch: Mário Barata, o qual levantou a questão da sanidade mental do artista (que, segundo acha-

— e nós também achamos — não foi de modo algum o louco que alguns apressados ainda hoje em dia nêlo reconhecem); e Alvim Correia para uma análise bastante perspicaz da arte boschiana, do ponto de vista estético, detendo-se igualmente no exame do pioneirismo de Jheronimus em inúmeros campos da História da Pintura. Manuel Jorge, Barata, Alvim Correia e outros ainda debateram o propalado surrealismo boschiano, que — segundo conclusão a que chegaram — nada possui em comum com o Surrealismo propriamente dito.

Ganharam maior veemência os debates quando o poeta José Paulo Moreira da Fonseca, pedindo a palavra, fez uma severa análise do mundo de idéias boschiano, ao qual taxou de cruel e sem grande interesse, terminando por condenar aqueles que consideram Jheronimus Bosch um grande artista, sempre de acordo com a teoria aristotélica de «Catársis». Após réplicas e tréplicas, fora inúmeros apartes que choveram da assistência — quase toda ela constituída de estudantes de Arte, ou pessoas na Arte interessados — fez-se a calma quando se chegou à conclusão, mais ou menos aceita por José Paulo, de que o artista-pintor Jheronimus Bosch está, já hoje em dia, acima de qualquer contestação; ao passo que as idéias por êle expostas (e em algumas de suas telas, apenas, note-se bem), e que traduziam uma época de aflição e de grande ascendência religiosa sobre todas as mentes, essas sim, podem ser postas em dúvida.

pola rezende



veitados e acentuados em certas linhas pela artista, não deixa de ter a sua beleza primitiva e rude, que emociona e fascina. Sua escultura tem peso, e sua voz, de tão vibrante com as vibrações de um mesmo tema, é uma monódia que, não deixando de ser monótona, é igualmente bela.

artista paulista que há muito tempo não expunha no Rio, apresentou no Ministério da Educação um grande número de esculturas. Há um tema constante, em Pola Rezende: é o Cristo. Essa escultora, sempre insatisfeita com as suas soluções desse problema a que se parece em última análise resumir toda a sua arte, busca sempre novas, numa ânsia de ultrapassar-se a si mesma. O que busca um artista, ao exteriorizar um quadro ou uma escultura, é justamente, a nosso ver, o desejo de se ver livre de uma obsessão, de uma carga de que está carregada sua alma. A darmos crédito à Psicologia das Artes, que mestre René Ruggue vem sistematizando desde há alguns anos, Pola Rezende, dedicando-se tão amindadas vezes ao tema do Cristo, o que procura é livrar-se dele. Até agora não o conseguiu, ainda. Do ponto de vista puramente artístico, há um certo ângulo academizante na arte de Pola Rezende, que nos aborrece profundamente. Por outro lado, a simplificação das formas a que chegou em alguns de seus Cristos, muitos dos quais parecem verdadeiros blocos apenas apro-

tizianna bonazzola

Expôs, na Petite Galerie uma série de trabalhos. Óleos e desenhos. Essa artista italiana, que em sua cidade natal, Milão, já se conquistara uma posição de relêvo nos meios artísticos, tudo abandonou ao embarcar para o Brasil, país que adotou como segunda pátria, desde que se casou com o conhecido crítico Mário Barata. Deve ter sido terrível, aos olhos europeus de Tiziana, acostumados a outra luminosidade, a ambientação em nosso meio verdadeiramente esbanjador de luz e de cores. Em conversa recente com a artista, falava-nos ela da alegria infantil com que ia «descobrir» a cada dia as árvores brasileiras (e que emoção lhe deram as palmeiras!), as nossas admiráveis crianças, o céu, o mar, a montanha. Na mostra atual, que é a segunda a que assistimos (a primeira foi a exposição realizada em 1953 no Ministério da Educação) nota-se maior amadurecimento na arte de Bonazzola. Ela (que aliás partiu da arte não-figurativa, para chegar agora a um bom figurativismo, sólido e arraigado no humano) dispõe cores e volumes com maior decisão e obtém assim efeitos bastante mais convincentes do que os de suas primeiras incursões no domínio da arte figurativa. Também seus desenhos são dignos de menção, apresentando boas soluções num traço ágil e disciplinado.

Notícias

◆ OS EMPREGADOS da Light e companhias associadas, durante êsse mês de outubro, apresentam a sua Quarta Mostra de Arte, na Avenida Marechal Floriano.

◆ EUGÊNIA MILLER BRAJNIKOV realiza uma exposição na Galeria do Instituto Brasil-Estados Unidos, à rua Senador Vergueiro, 103.

A qualquer hora
do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros.

Record

VILA-LÔBOS NA SEMANA DE ARTE MODERNA

◆ Lendo o interessante livro de Vasco Mariz sobre o maestro Heitor Vila-Lôbos, há algum tempo publicado pela Divisão Cultural do Ministério das Relações Exteriores, nos foi dado formar uma idéia bem mais ampla e precisa da extensão que assumiu a luta do novo contra o velho, no setor musical, durante aquela fase turbulenta da história artística e cultural do Brasil. A fermentação, é claro, vinha da Europa, apaixonando os espíritos: Arnoldo Schoenberg e Claude Debussy, mal conhecidos e mal queridos, exceto por um grupo de idealistas, principalmente os literatos, como Graça Aranha, Osvaldo de Andrade e Mário de Andrade, que propugnavam pelo direito à pesquisa estética permanente em qualquer campo da manifestação artística.

◆ Integrado nesse espírito, Osvaldo de Andrade repudiava, pelas páginas do «Correio de São Paulo», a «cantarolice tôda do «Guarany» e do «Schiavo», inexpressiva, postiça, nefanda», abrangendo com sua fúria modernizadora as obras que contivessem o verismo itálico. Enquanto isto, no Rio de Janeiro, ouvia-se a voz de Oscar Guanabara investindo contra a ainda jovem esperança da música genuinamente nacional: Heitor Vila-Lôbos. Assim é que o crítico carioca, limitado por um tradicionalismo doentio, via na música do autor das «Bachianas Brasileiras» nada mais que aglomerados de notas, desconexas, incoerentes, retidas na inarmonia pela urgência de fazer música a todo preço e pela incapacidade de construção melódica dentro de um plano mais fixo, mais sério. O compositor em questão não passava, portanto, de um criador de músicas que «não têm nem pés nem cabeça... que chocalham caninhamente como se todos os músicos da orquestra, atacados de loucura, tocassem pela primeira vez aqueles instrumentos que se transformam em mãos doidas, em guisos, berros, latidos». Não obstante tôda essa barulheira e discussões doutrinárias em que ambas as facções se empenhavam, Graça Aranha e Ronald de Carvalho procuram Vila-Lôbos em sua casa para pedir-lhe que participe da Semana de Arte Moderna. O compositor aceita e parte para a paulicéia, pois que comunga dos mesmos ideais que informam o grande movimento artístico de 1922, ao mesmo tempo que se vê ante uma excelente oportunidade para difundir

a sua música tão mal recebida na Capital da República.

A princípio, Vila-Lôbos é acatado pelo público do Teatro Municipal de São Paulo. Não gostam muito da sua música, mas respeitam o seu renome. Executa a «Sonata N° 2», o «Trio N° 2», a «Valsa Mística» (coletânea), «Rodante», «A Fiandeira» e «Danças Africanas». O povo aceita com reservas, mas a imprensa grita, uns defendendo, outros acusando de maneiras as mais exasperadas. Justifica-se esta atitude passiva do público por causa das seguintes palavras publicadas por um órgão paulista e da autoria de um líder modernista a respeito de Vila-Lôbos: «Felizmente nós temos hoje a imprevisita genialidade de Vila-Lôbos. São Paulo vai ouvi-lo. E como São Paulo é a cidade dos prodígios — herdeira das migrações e das entradas vai aceitá-lo». Por ocasião do segundo Festival, realizado em 15 de fevereiro foram interpretadas «O Gine-te do Pierrotzinho», «Festim Pagão», «Cascavel», «Solidão» e o «Quarteto N° 3». Agora sentia-se que a platéia estava revoltada. Já não tolerava mais as dissonâncias, o ritmo exarcebado, frenético. Prorromperam em terríveis vaias, assobios, insultos do mais baixo estilo. Assim se exprime a crítica no dia seguinte: «Nexo necessário entre palavras — nexos necessários entre os sons. Sons sucessivos sem nexos estão fora da arte musical: são ruídos, são estrondos... são disparates como tantos e tão cabeludos, que nesta semana conseguiram desopilar os nervos do público paulista, que raramente ri às bandeiras despregadas».

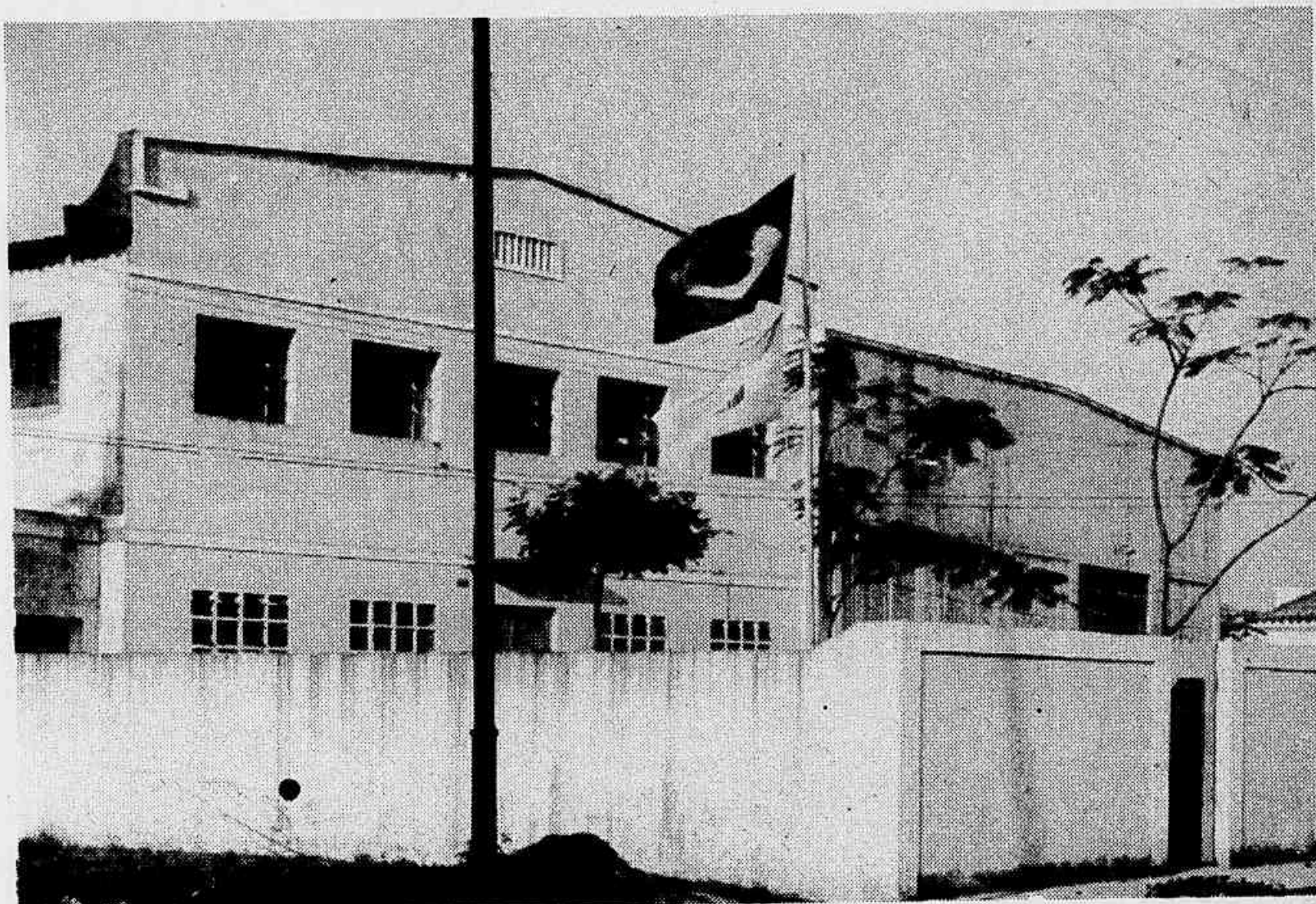
◆ Vila-Lôbos volta ao palco. E como se nada houvesse acontecido executa as «Historietas», «Sonata N° 2», «Camponesa Cantadeira», «Num Berço Encantado», «Dança Infernal» e «Quatuor». Novas vaias, novos apupos. A grande maioria o detesta, mas quase todos discutem a sua música «para epiléticos», que começava a se projetar no cenário nacional e internacional. Já Darius Milhaud reconheceu os seus méritos e se propunha a mostrar sua música à Europa. E desde então ninguém pôde contestar o papel que Vila-Lôbos representou na criação da nossa música moderna. Agora resta saber qual a amplitude da influência exercida pelo grande compositor carioca no período que se seguiu à Semana de Arte Moderna.



Operários da RADIOARTE, satisfeitos e agradecidos com a consideração que lhes é dispensada pelos diretores da firma, falam-lhes da sua alegria.

FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO

♦ A RADIOARTE, instalada em Nova Iguaçu, vem de comemorar a passagem do seu 20º aniversário de fundação. Firma de invulgares qualidades técnicas e especializada na fabricação de caixas e móveis para rádios e vitrolas, a RADIOARTE tem sabido manter a sua tradição no meio industrial do Rio de Janeiro. Nas solenidades que se fizeram realizar para a comemoração de tão significativa data os funcionários que integram o quadro de servidores da RADIOARTE aproveitaram a oportunidade para exteriorizar os seus sentimentos de apreço e simpatia para com os laboriosos diretores daquela organização.



Aspecto parcial das instalações onde funciona, em Nova Iguaçu, a RADIOARTE, e em cujas oficinas são preparados os belíssimos móveis para vitrolas e rádios.



Ao banquete de confraternização efetuado pela família RADIOARTE, compareceram figuras de destaque dos meios bancários locais e do Rio, jornalistas, etc.



A prosperidade de uma indústria depende muito da compreensão entre operários e patrões. O flagrante denuncia claramente essa afinidade na RADIOARTE.



PACIENTE é esse hipopótamo, que se deixa ficar comodamente imerso, com um pato em cima. E' verdade que o calor é grande, e um pato, convenhamos, não pesa lá grande coisa. Tudo aconteceu no zoo de Londres.



EM TORINO, uma mulher casada resolveu mudar as roupas femininas pelas do sexo forte. E também cortou cabelos, sapatos másculos, etc. Chama-se Fiorentina, e ei-la ao lado do marido. Quem é mesmo o homem da casa?

POR ESSE MUNDO DE DEUS



OS JORNAIS noticiaram, não faz muito, a queda ao mar de Marlene Dietrich, quando filmava, com uma equipe, nas imediações de Monte Carlo, seu último filme. Dizem que ela quase morreu. Eis aqui duas cenas do salvamento da ainda bela e ágil estrêla: primeiro, quando pulava por cima de uma corda; depois, quando, apoiada por um companheiro, graciosamente alçava o voo que iria conduzi-la ao tombadilho de um iate.



EM COMPANHIA da mulher, Ruth, e da filha Shelly, aqui aparece o ator Zachary Scott, em plena praça de S. Marcos, dando de comer aos pombos. Ele foi um dos componentes da delegação ianque ao Festival de Veneza.



A CONDESSA Alexandra Tolstoi, filha do célebre autor de «Guerra e Paz», assiste, em companhia de seu neto Ilya, à première cinematográfica da obra-prima do romancista russo. De há muito tempo a condessa vive nos Estados Unidos.

FERNANDEL aqui está entre seus dois filhos, Frank-Gerard e Janine, ao chegarem todos a Milão. «Don Camilo», que está com 53 anos, chama-se em realidade de Fernand Contandin, e se proclama, modestamente, «mero imitador de Carlitos».



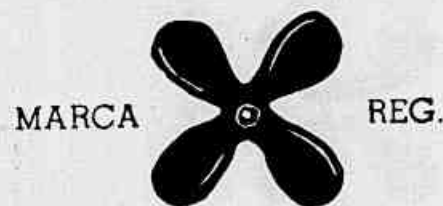
O TELERADIOTELEFONE

DE ACÓRDO com os planos do engenheiro Harold Osborne, técnico em telefonia e televisão norte-americano, não está longe o dia em que possam usar objetos como êsses, que são vistos ao pescoço dessa bela jovem, e, em detalhe, nu'a mão espalmada. Chamar-se-á provavelmente «teleradiotelefone», e os que o utilizarem poderão falar como também ouvir e ver a pessoa interlocutora. Mas isso, talvez daqui a dez anos.



TINTAS INTERNATIONAL

AS MAIS AFAMADAS



23 FABRICAS NO MUNDO

FABRICADAS NO BRASIL PELA

S/A. Composições "INTERNATIONAL" [do Brasil]

DISTRIBUIDORES

para PERNAMBUCO e ALAGOAS

SOCOREL S.A.

EDF. SOCOREL — Rua Madre Deus, 300
Fones: 9011 - 9799 — End. Teleg. SOCOREL — RECIFE

Fábrica de latas para gasolina, querosene, óleos
e quaisquer outros tipos.

FONE 2575 — RUA DA AURORA, 1313

CARAMELOS — CHOCOLATES — BOMBONS — MAS-
SAS ALIMENTÍCIAS — COLORAU — CANELA
PIMENTA — CUMINHO E TEMPERO:

LITOGRAFIA — TIPOGRAFIA — ESTAMPARIA

RENDA, PRIORI & CIA.

MATRIZ: RUA DA AURORA, 1313

FONES: Escrit. 3196 — Sec. Gráfica 2575

RECIFE — PERNAMBUCO

END. TELEG.: "RENDA"

FILIAIS: BELÉM — PARÁ — CAIXA POSTAL, 650
SALVADOR — BAHIA — CAIXA POSTAL, 238

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 27 DE OUTUBRO E 2 DE NOVEMBRO
DE 1956 (HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — De início a semana não favorecerá o leitor. Do terceiro dia em diante, porém, as coisas melhorarão, transformando-se o ambiente astral, inteiramente. Todos os negócios, então, serão facilitados.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — Sua caminhada, durante a semana, não será demorada nem difícil, tudo por força das astralidades reinantes. As coisas virão ao alcance das mãos. Para apanhá-las bastará ficar atento. Os desejos serão realizados.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Apenas o lado sentimental de sua vida estará desamparado na vigência da semana em pauta. O período não propiciará os noivados e os casamentos. Adie para outra oportunidade, o que estiver programado a respeito.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — O leitor vai ter uma semana movimentada, muito cheia, mas de pequenos resultados. O astro que lhe influencia o destino receberá muitos aspectos, todos mediocres, porém. Os dois últimos dias serão os melhores.
- ★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Pode confiar no resultado dos seus esforços. O leitor terá êxito no que empreender durante a semana. Além de firme, sua atuação será muito bem orientada.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Uma completa esterilidade caracterizará a semana, no seu caso. Serão inúteis os esforços que fizer para conseguir qualquer concurso ou ajuda. Não se empenhe na solução de casos importantes. Nada conseguirá.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Haverá perigo de profundos desentendimentos na vida sentimental, conjugal ou doméstica. As ameaças serão mais fortes nos três últimos dias da semana. Na profissão e na vida social tudo correrá bem.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — A semana favorecerá extraordinariamente, as coisas da inteligência e do espírito. O leitor terá inspiração e concepção de primeira ordem. O período será bom para pôr em dia a correspondência e ativar a propaganda.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Tem alguma viagem programada para a semana entrante? É bom adiá-la. Haverá inconvenientes, na locomoção, nos dias 28, 30 e 31 de outubro e no dia 1 de novembro.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — A semana propiciará as solicitações que fizer, os requerimentos encaminhados nas repartições do governo. A semana será de chance neste particular.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Recomendamos discrição e cuidado com a «entourage». Não confie a ninguém, principalmente aos parentes, os projetos mais importantes da semana. Guarde sigilo sobre os propósitos de que estiver animado.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Haverá surpresas agradáveis durante a semana, imprevistos que lhe provocarão estado de verdadeira euforia. Um velho recalque será desfeito e isso se refletirá de modo benéfico sobre seu estado de espírito.

OS NOMES DA SEMANA

Outubro, 27	—	Vicente	—	Vicentina.
" 28	—	Jairo	—	Célia.
" 29	—	Januário	—	Enir.
" 30	—	Paulo	—	Cecília.
" 31	—	Jacinto	—	Débora.
Novembro, 1	—	Fulgêncio	—	Margarida.
" 2	—	Umbelino	—	Clementina.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol, ao meio dia de Greenwich

			(Signo do Escorpião)
Outubro, 27	4h 02' 52"		
" 28	5h 02' 47"		
" 29	6h 02' 45"		
" 30	7h 02' 45"		
" 31	8h 02' 47"		
Novembro, 1	9h 02' 51"		
" 2	10h 02' 57"		

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.

a eletricidade tão essencial é muito barata no Brasil



PREÇO MÉDIO POR kWh

RIO DE JANEIRO

LUZ	FÔRÇA
Cr\$ 1,39	Cr\$ 0,57

NOVA YORK

LUZ	FÔRÇA
Cr\$ 2,20	Cr\$ 1,22

M I L Ã O

LUZ	FÔRÇA
Cr\$ 3,02	Cr\$ 1,05

P A R I S

LUZ	FÔRÇA
Cr\$ 3,12	Cr\$ 1,00

FILADELFIA

LUZ	FÔRÇA
Cr\$ 2,02	Cr\$ 0,72

B A S I L E A

LUZ	FÔRÇA
Cr\$ 3,40	Cr\$ 0,85

As tarifas de energia elétrica na região Rio-São Paulo e em outras regiões do país continuam sendo das mais baixas do mundo. É mínima a incidência do custo da energia tanto no valor da produção industrial como no orçamento do lar.



A conversão das tarifas estrangeiras foi feita à taxa de Cr\$ 43,82 por dólar.

A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL

COMERCIAIS EM TV

SPECTATOR

Todo o problema em anunciar na TV está em saber-se se realmente a propaganda que, por menor que seja o tempo de exibição, custa uma pequena fortuna vai realmente trazer proveitos que compensem os gastos que acarreta. Na maioria dos casos sabe-se que o sucesso é completo. Muito das nossas firmas comerciais quando têm algum produto cuja venda está sendo lenta e difícil, ao exibi-lo ante às câmaras garantem como certa a liquidação do estoque, bem como a encomenda de nova remessa. Dessa maneira, prova-se de forma bastante sensível a eficiência da propaganda através da TV.

É necessário, no entanto, ter em vista algumas pequenas regras na composição desses comerciais a fim de que eles não se tornem monótonos e enfadonhos para o telespectador. Enumeraremos algumas vantagens apresentadas pelos filmes comerciais:

- a) Evitam a possibilidade de enganos no momento da apresentação.
- b) Os comerciais são apresentados sempre de maneira idêntica; nas grandes ou pequenas estações, em todas as regiões do país, sem maiores trabalhos de composição.

c) Ainda que a execução de um filme comercial seja bastante onerosa, essa despesa é logo compensada, devido ao grande número de vezes que o mesmo comercial pode ser exibido, sem a necessidade de novos gastos.

d) São tecnicamente superiores porque podem empregar vantagens que só os filmes oferecem: animação, efeitos óticos, tomadas exteriores, etc.

E os comerciais ao vivo, serão realmente os mais aconselháveis? Vejamos algumas das vantagens que oferecem:

- a) São mais baratos, podendo ser usados também por diversas vezes o que os torna mais práticos.
- b) Podem ser modificados com frequência, acrescentando-se um novo detalhe, introduzindo-se alguma outra frase.

Como se vê, são vários os recursos de que pode lançar mão a TV para a organização dos anúncios, de modo a variá-los o mais possível tornando-os agradáveis aos telespectadores.

TV FISCAL

◆ Recentemente a revista «PN» publicou interessante entrevista com o sr. Lauro Lelot, fundador da TV-Fiscal, única empresa no gênero funcionando em S. Paulo. Em suas declarações a «PN», assim fala o sr. Lelot sobre as atividades e sistema de trabalho da sua empresa, que abrange não só o setor de rádio como também de TV.

— «Mantemos, tanto para o rádio como para a televisão, escutas domiciliares com prévia instrução em nossa escola de aprendizagem. Para evitar possíveis senões, todo o serviço é duplo, ou seja, duas pessoas habilitadas controlam cada estação ou canal, e são distribuídos em um ou mais períodos de controle, sempre com descanso intermediário».

— «Com esses trabalhos integrais da publicidade radiofônica e televisionados, nos é possível apresentar vários estudos no campo da propaganda, como:

a) fiscalização diária da irradiação de textos comerciais, falados e gravados; textos de chamada; momentos e programas, tanto no rádio como na televisão.

b) serviço mensal de controle nos diversos setores da indústria e comércio anunciantes, tais como: perfumarias, cigarros máquinas de costura, sapatarias, artigos domésticos, etc.

c) índice mensal do rádio e da televisão relacionando todos os anunciantes de cada estação ou de cada canal, em ordem alfabética».

Esses são alguns dos ótimos serviços prestados por essa original organização que vem obtendo muito bons resultados no campo da propaganda, beneficiando não só aos anunciantes que têm perfeito controle de como está se desenvolvendo a propaganda dos seus produtos, como também aos telespectadores que através desse serviço têm a apresentação dos programas sempre rigorosamente dentro do horário previsto.

◆ INEZITA BARROSO — As audições de Inezita Barroso através do Canal 6 ainda constituem ponto alto na programação dessa emissora. Números folclóricos os mais variados, são interpretados pela cantora, devendo-se ressaltar o cuidado com que é preparado o ambiente e a composição do cenário, bem como a iluminação das cenas.

◆ REGRESSO DE HELOÍSA HELENA — Os fãs de Heloísa Helena têm acompanhado o seu sucesso nos Estados Unidos, através das filmagens que com frequência a TV-Tupi exhibe sobre as diversas atividades que a estrela tem exercido na TV-norte-americana. E' Paulo Magalhães um dos maiores propagandistas do sucesso da esposa, e afirma ele que em meados de novembro Heloísa estará entre nós, retomando o seu trabalho normal no Canal 6 e matando as saudades dos fãs.

GRAU DEZ:

Para as atuações de Silvio Mazuca e sua orquestra, através do Canal 6. Essas apresentações alcançam sempre o maior agra-

do junto ao público devido à perfeita execução dos mais variados ritmos e principalmente nos números de "jazz" nos quais o conjunto é especialista, ocasião em que consegue fazer vibrar de verdade os entusiastas desse gênero.

Para Silvio Caldas, que continua deliciando os espectadores com suas ótimas interpretações de serenatas. Essas apresentações são bastante valorizadas pela presença de Neide Aparecida, essa simpaticíssima garôta-propaganda que, com muita simplicidade e graça aparece sugerindo as músicas que o cantor irá apresentar.

Programa feito sem recurso de cenários e montagem mas que consegue agradar plenamente.



Hamilton Ferreira, em uma das várias cenas cômicas de que participa, durante os «shows» exibidos pelo Canal 6.



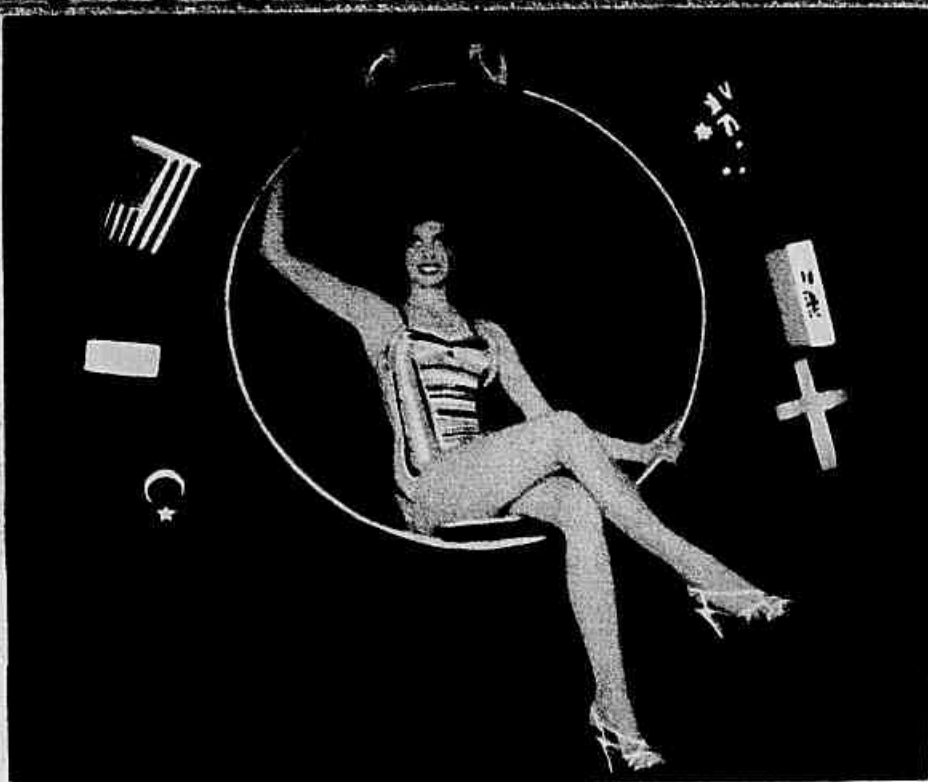
Mara Silva na foto aparece com Alvarenga e Ranchinho, tem se exibido com sucesso em vários «shows» do Canal 6.



GLORIA DE VOS e sua mascote, um filhote de leão (que aliás não aparece em cena). Gloria, grande estrêla internacional, prestigia o espetáculo «Sim Sala Bim», que os cariocas agora conheceram.

KALANAG E SUAS "FEITICEIRAS"

ESSE NEGÓCIO DE MÁGICA PODE SER MUITO BOM, MAS SEM PEQUENAS BONITAS, COMO AS QUE AQUI APARECEM, E QUE EMBELEZAM O ESPETÁCULO, NÃO HÁ MAGO QUE ALCANCE ÊXITO — MESMO QUE SE TRATE DE UM FAMOSO COMO KALANAG, O MAIOR, TALVEZ DA ATUALIDADE



KALANAG

FAZ DESAPARECER UM CARRO E SEU OCUPANTE, EM
PLENO PALCO, EM ALGUNS MINUTOS ★ GLORIA DE VOS,
ESTRÊLA INTERNACIONAL, E O CONHECIDO HUMORISTA
JORGE MURAD, COMPLETAM O ESPETÁCULO, QUE CONTA
AINDA COM UM PUNHADO DE GARÔTAS ALUCINANTES

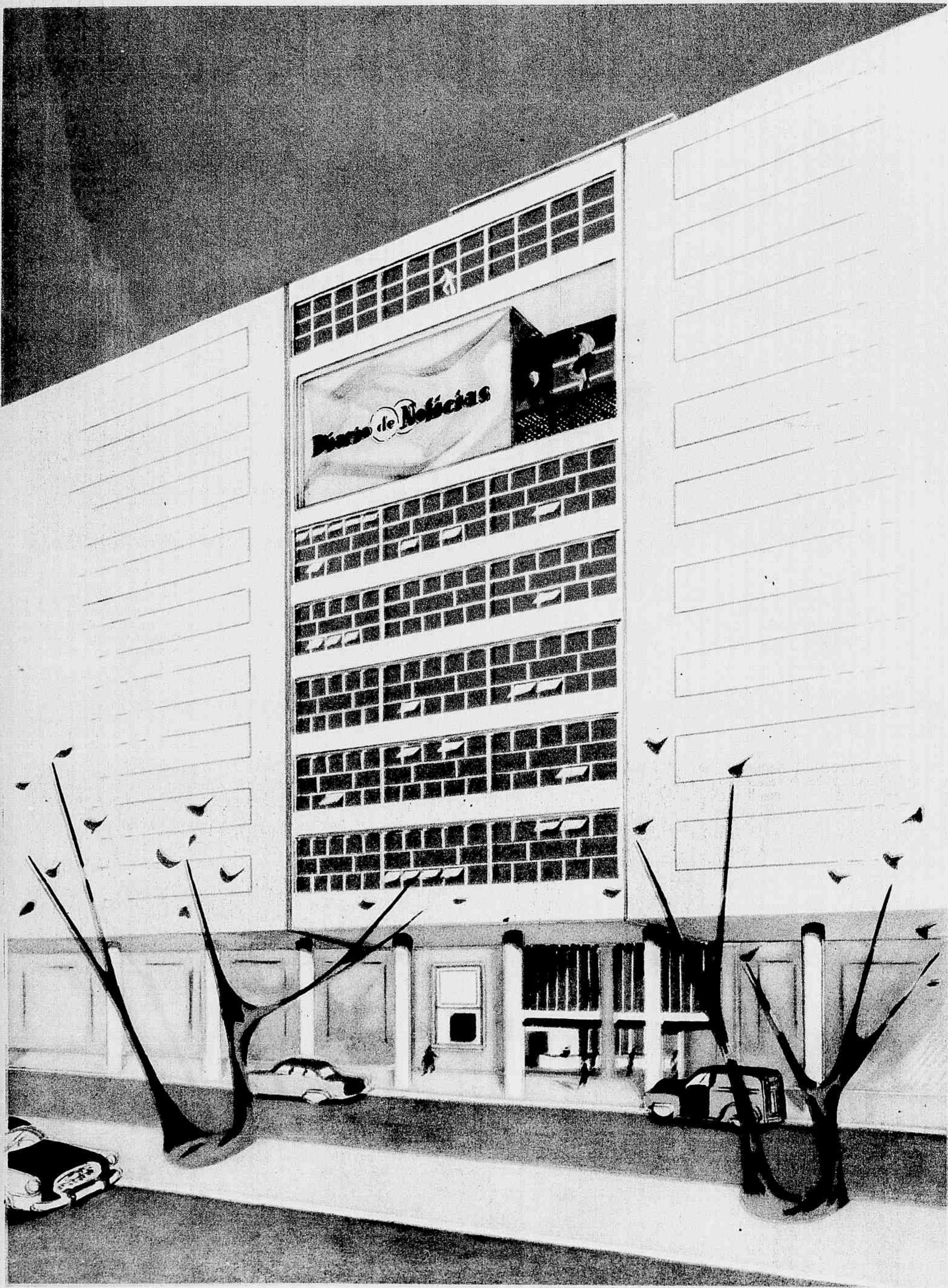




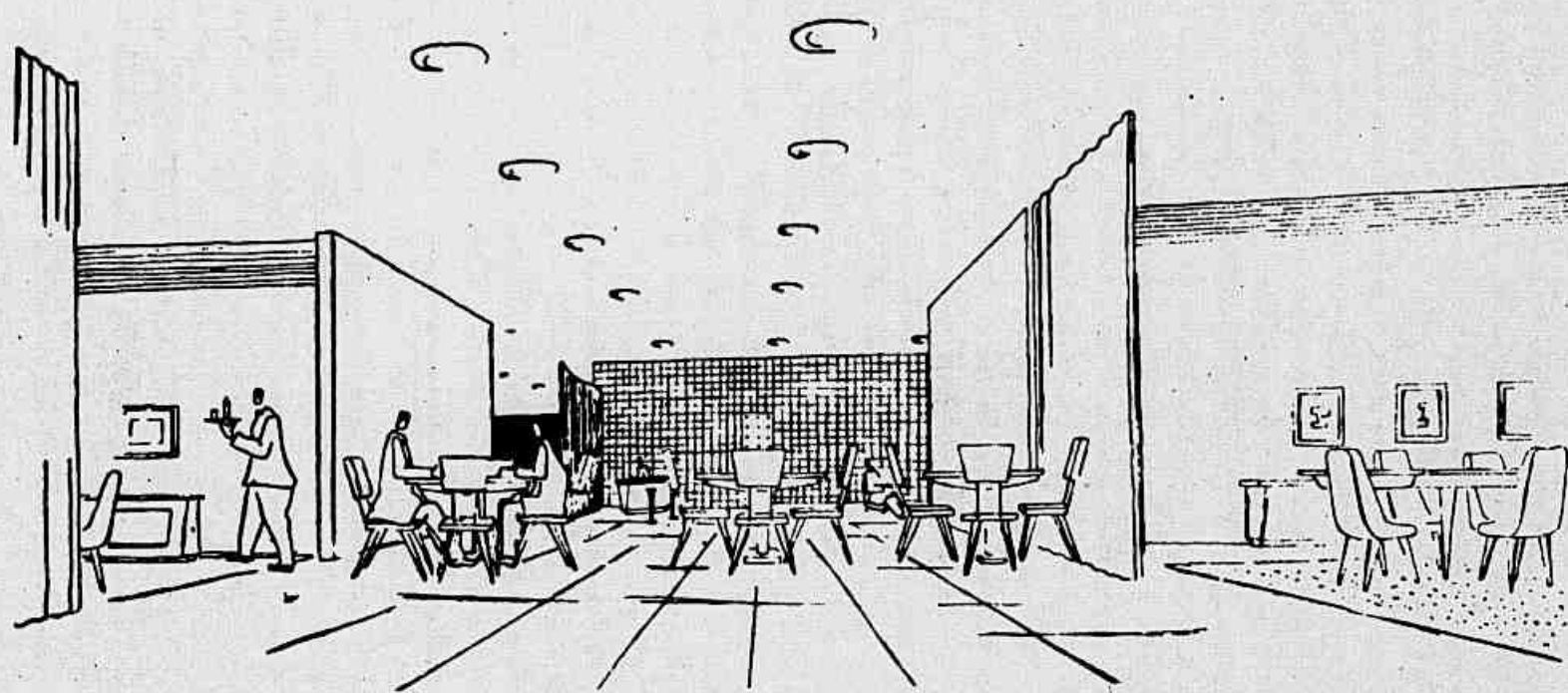
◆ KALANAG, o grande mágico alemão, que certos entendidos na matéria chegaram a comparar ao célebre Houdini, pelo ineditismo de seus truques, está no Rio de Janeiro há algumas semanas, apresentando-se, com sua companhia, num de nossos teatros. Seu espetáculo, que não é só diferente, mas também divertido e luxuoso, tem atraído inúmeros assistentes, que ficam verdadeiramente maravilhados com a rapidez e a perfeição com que o mago faz desaparecer, por exemplo, em pleno palco, um automóvel com seu respectivo chofer — escolhido minutos antes entre os espectadores, na platéia. SIM SALA BIM — pronuncia o estranho mágico — e imediatamente o carro desaparece, seu ocupante, tudo. Em copos

que não existem, e a pedido de quem o solicitar, Kalanag pode servir os mais diferentes refrescos ou licores, que tira de uma garrafa que parece não ter fundo. Acompanha o mágico, com ele repartindo as honras do espetáculo, a bela Gloria de Vos, famosa estrêla alemã, cuja presença alegre e vistosa muito contribui para a beleza das récitas. Como Kalanag não fala o português, quem faz a apresentação dos números é o conhecido «mestre de cerimônias» Jorge Murad. Como Jorge Murad aprendeu o alemão para falar com Kalanag é que não sabemos, preferindo atribuir o caso a mais uma façanha do bruxo... (Kodachromes de Arnaldo Vieira).





A NOVA SEDE DO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"



AS novas seções recentemente criadas no Diário de Notícias a quase duplicação de sua tiragem, o aumento de páginas e dos cadernos dominicais, o crescimento de sua equipe, a expansão em todos os sentidos a fim de oferecer aos nossos milhares de leitores um jornal cada vez mais aprimorado, exigia de há muito a locomoção de nossas dependências para uma sede mais ampla e apropriada. Isso vinha sendo, durante longos anos alvo de demorados estudos aos quais se entregou a direção do Diário de Notícias desde que os primeiros reflexos dessa expansão se fizeram sentir mais acentuadamente. Projetistas e técnicos especializados idealizaram o empreendimento que afinal teve início dia 6, às 11 horas da manhã, quando a «pedra fundamental» da nossa nova sede foi lançada solenemente.

◆ OS AUTORES DO PROJETO:

A equipe de projetistas está assim constituída:

Na parte de arquitetura os arquitetos Jorge P. Guimarães e Waldyr Leal da Costa. A estrutura entregue ao Escritório Técnico de Serviços de Engenharia sob a direção do engenheiro Benedito Ferreira. As instalações hidráulicas e elétricas à F.A. Dittl.

◆ A CONSTRUÇÃO:

Caberá à firma de Engenharia de Fundações S.A. a parte de fundação com 44 tubulões de concreto armado numa média de 400 kg. A construção da obra fica a cargo da firma Pena & Franca Ltda.

◆ LOCALIZAÇÃO DA NOVA SEDE:

Constituído de dois lotes o terreno em que se erguerá a nova sede do Diário de Notícias fica dentro do novo plano urbanístico de acordo com a urbanização geral da área que se enquadra na futura Esplanada de Santo Antônio. Um dos lotes tem frente para a Rua da Relação com 2 pistas de rolamento e 30,00 metros de largura; o outro tem frente para a Rua do Lavradio com 19,00 metros de largura. Em ambas as ruas foram projetadas galerias com 7 metros de altura, semelhantes às existentes na Av. Pres. Vargas e Esplanada do Castelo. Os dois lotes são totalmente aproveitáveis até a sobre-loja do novo edifício. Daí para cima serão utilizados somente na profundidade de 20,00 metros. A área total de construção atinge a cerca de 7.000 m².

◆ O EDIFÍCIO:

Não obstante constituído de um subsolo e mais 10 pavimentos, inclusive sobreloja e andar térreo o novo edifício terá altura de um prédio de 12 pavimentos que é o gabarito da quadra. Isto porque os seus pavimentos terão o pé direito de 3,50m e suas lajes 4,40m de espessura. Para o jornal foi utilizada a parte da Rua da Relação até a sua altura máxima, enquanto a parte da Rua do Lavradio utilizou-se até o 2º pavimento. Os demais ficarão para aproveitamento independente do jornal.

O prédio possui duas entradas: uma pela Rua da Relação destinada aos diretores, público e visitantes e a outra pela Rua do Lavradio, para os funcionários, carga e descarga, bem como a expedição que futuramente se efetuará pela área interna da quadra, quando completada a construção dos seus edifícios.

◆ CIRCULAÇÃO VERTICAL:

A circulação vertical é feita por 3 elevadores, divididos segundo as suas necessidades: para o público, para os funcionários e para a carga. Além desses há mais um elevador privativo que circula fazendo a ligação dos departamentos: Redação, Editorial, Direção e Gerência. Também está projetado um monta-carga que faz a ligação dos arquivos e almoxarifados com todos os departamentos do jornal.

Ar condicionado: Está prevista a instalação de ar condicionado em todo o jornal, bem como no depósito de bobinas a fim de serem asseguradas condições ideais de umidade e temperatura para o papel. Na estereotipia uma chaminé com exaustor conduzirá os gases e calor até a parte mais alta do edifício, acima da casa de máquinas dos elevadores.

Todo o prédio comportará o mínimo de 500 funcionários em trabalho simultâneo.

◆ UTILIZAÇÃO DOS PAVIMENTOS:

Os diversos pavimentos são assim distribuídos:

Subsolo — Depósito de bobinas, subestrutura das rotativas, depósito de tintas, casa de força, depósitos diversos, oficinas, bombas, etc. No subsolo as bobinas chegam por meio de calhas inclinadas que vêm de uma plataforma no pavimento térreo, onde são descarregadas as bobinas diretamente dos caminhões de carga. O pé direito do subsolo é de 4 metros e a área é de 1.100m² e pode manter um estoque de duas mil toneladas de papel.

1º pavimento (térreo) — Com entradas pela Rua da Relação, ficarão situadas a loja de Publicidade, grande hall de público, expedição, instalações sanitárias para pessoal do jornal e para jornalistas e rotativas. Do grande hall de público são vistas as rotativas através de uma vitrine de 10 metros de comprimento, com isolamento acústico. A capacidade é de 10 unidades de rotativas em preto e duas unidades de rotativas de rotogravura a quatro cores. Há ainda uma vitrine para a galeria da rua da Relação com cinco metros de altura, dividida em duas partes: a de baixo, bastante profunda, para montagens, comemorações de datas festivas etc.; e a de cima, para anúncios luminosos, televisão, cinema e outro tipo de aviso, letreiro, etc.

Sobreloja — Linotipia com previsão para 38 linotipos, caixa, instalações sanitárias completas. Nesse pavimento foi previsto um espaço vazio sobre as rotativas, para colocação das impressoras de cor.

2º pavimento — Redação onde trabalharão 50 redatores, sala de entrevistas, gravura. Esse pavimento está em nível com a cobertura da sobreloja que, constituindo um grande terraço serve para entrevistas de grandes grupos, reuniões de classes, etc.

3º pavimento — Editorial, gabinete fotográfico, revisão e coleções. A revisão é ligada por tubos pneumáticos com a linotipia, razão porque foi colocada nesse pavimento. Isso evitará que se tire área à redação ou linotipia.

4º pavimento — Diretoria, sala de reuniões, apartamento privativo do diretor com entrada independente.

5º pavimento — Gerência, contabilidade e circulação.

6º pavimento — Biblioteca, arquivo, almoxarifado. Está destinado, também a qualquer ampliação futura do jornal.

7º e 8º pavimentos — Auditório, salão de exposições. O auditório terá todas as características de visibilidade e acústica exigidas. Sua lotação será de 350 pessoas. O palco, com áreas, permitirá os mais variados tipos de representação, desde a conferência até a música de orquestra. Conterá ainda uma cabine de projeção para exibição de filmes. O salão de exposições permitirá a organização de mostras de arte, ciência, campanhas educativas, etc. Os elevadores estão dispostos de modo a todos os três poderem atender ao auditório simultaneamente, permitindo o total escoamento em poucos minutos.

9º pavimento — Museu, restaurante e clube. O restaurante com capacidade de 90 pessoas, é dividido em três partes: para o pessoal operário que poderá fazer as refeições à vontade, com as roupas de trabalho; para o pessoal administrativo de modo geral e para os convidados ou banquetes. O clube do pessoal do jornal está localizado nesse pavimento, ao lado do restaurante do pessoal, da sala de estar, secretaria, etc.

10º pavimento (cobertura) — Nesse pavimento estarão localizadas a casa de máquinas dos elevadores, caixa de água e três quartos para os encarregados da vigilância do jornal.

◆ ARQUITETURA FUNCIONAL:

Os arquitetos tiveram a preocupação de projetar um edifício que atendessem ao fim a que se destina não só no aspecto funcional como também no aspecto da economia na construção e na manutenção. Não há artifícios para tornarem o edifício mais atraente ou mais original. O que existe nele é necessário, daí o aspecto sóbrio e simples de sua fachada. Não há molduras ou quadros, nem balanços para «movimentar» a fachada. O fundo do auditório permitiu que dele se tirasse partido para um grande painel, onde está colocado o nome do jornal que, graças à largura futura da rua da Relação, poderá ser visto facilmente e assim identificado o edifício.



CINE-ROMANCE

EMPOLGADO PELO SUCESSO DO MOMENTO, SANDY MATA AQUILO QUE SERIA O POMO DA DISCÓRDIA.

A ÚLTIMA CAÇADA

NA manhã seguinte, Charles e Sandy saíram por caminhos diversos a procura de búfalos. Para Charles, uma manada de búfalos a beber água num poço solitário era algo que o deixava louco. O desejo de matar estava na massa do seu sangue. Não podia dispensar um alvo para as suas balas certeiras. Ele colocou seu equipamento no cimo de uma grande rocha que dominava todo o vale. Aprontou a sua munição e apoiou seu rifle numa enorme raiz. Tinha as mãos molhadas de suor. Ajustou a mira do rifle e olhou através dela. Viu algo que o deixou louco, ansioso. Abriu fogo uma vez. Duas vezes. Três vezes. Franziu os sobrenhos quando viu os búfalos em tropelia no fundo do vale. Quando não havia mais balas no rifle, puxou a pistola e continuou atirando sem cessar. Estava coberto de suor, as mãos tremendo de tanta excitação e os olhos injetados. Respirava tão irregularmente como se houvesse corrido loucamente vários quilômetros.

Dentro de pouco, os búfalos desapareceram, exceto os que foram atingidos. Charles sentou-se. Com o rifle na mão, inclinou a cabeça para trás, quase exausto.

Próximo de onde Sandy se achava, em um bellissimo vale, cerca de duzentos búfalos bebiam, dormiam ou brincavam. Ele colocou no chão o seu equipamento e contemplou a quietude e bonita cena. Muniu a sua arma e os dedos apertaram o gatilho. Em seguida, deteve-se. Levantou-se e caminhou um pouco. O simples pensamento de matar envenenava-lhe o sangue. Mas, afinal, o que haveria de fazer? Voltou à posição anterior e atirou, regular e metódicamente. Um após outro, os búfalos caíam. Sandy não podia parar de chorar. Talvez as lágrimas fossem por causa da fumaça que saía da arma... ou talvez pelo que ele sentisse realmente. Porém, continuava a carregar a arma e a atirar.

De repente não pôde acreditar no que seus olhos viam. Através da mira, viu um búfalo branco. O animal parecia simbólico, de maior tamanho que os seus companheiros. O búfalo levantou a cabeça, cheirando o ar. Sandy apontou a arma contra ele, mas não atirou ainda. O búfalo fez outro movimento de cabeça. Sandy apontou novamente, tentou atirar, e como da vez anterior, não conseguiu. Procurou controlar-se. A pontaria, agora, estava excelente. A bala saiu. O búfalo deu ainda alguns passos e caiu, em seguida, sobre os joelhos. Sandy baixou a cabeça arrependido. Não queria ver o que havia feito. O rifle caiu de suas mãos. Em seguida ouviu o uivo de um lobo. Sandy voltou-se.

Lá de longe, no vale, Charles vinha montado em seu cavalo. Seus olhos brilharam quando viram os búfalos que Sandy havia abatido.

— Julguei que eu fôsse o maior, mas pelo

que vejo você ganhou de mim longe — disse a Sandy.

Jimmy, que surgiu dentre as rochas, de onde assistia à carnificina, olhou para o búfalo branco apavorado.

— Isto é um excelente remédio — falou ele. — Entre os índios, o búfalo branco é um ótimo remédio.

Charles disse-lhe para começar a tirar o couro do animal, mas Jimmy recusou-se:

— Não. Eu não. Dêsse eu não tiro o couro não.

— Claro que você vai fazer isto. — disse Charles.

— Deixe-o em paz — interveio Sandy. — Eu me encarrego do branco. — E dirigindo-se a Jimmy: — Está bem rapaz. Cuida dos outros!

Jimmy foi apanhar as facas.

— Provavelmente a pele dêste vale mais que a dos outros reunidos — observou Charles. — Estou cansado de ouvir dizer que a pele de búfalo branco vale dois mil dólares. Será verdade?

— Não sei — foi a resposta de Sandy.

Os homens voltaram para o acampamento com as carruagens cheias de peles. A mulher índia veio auxiliar Sandy a espalhar os couros para secar. Ela trabalhava rápida, mas silenciosamente, até que viu a pele do búfalo branco.

— Um búfalo branco! — Exclamou ela sem fôlego.

Sandy, que acabara de colocar no chão a pele do animal, parou admirado pelo fato de ouvir a mulher falando inglês.

— Vocês tomam os nossos alimentos e agora matam a nossa religião — disse ela num sussurro.

Surpreendido com a acusação, Sandy permaneceu em silêncio. A mulher fez meia volta, apanhou a criança e dirigiu-se para a barraca.

Ao chegar a noite, todos sentaram-se ao redor do fogo. Charles, satisfeito por levar uma vida em que podia caçar, matar e beber, puxava a

(THE LAST HUNT)

CAPITULO III

ELENCO

Charles Gilson	ROBERT TAYLOR
Sandy McKenzie	STEWART GRANGER
Woodfoot	LLOYD NOLAN
A Índia	DEBRA PAGET
Jimmy	RUSS TAMBLYN
Peg	CONSTANCE FORD
Ed Black	JOE DeSANTIS

Dirigido por RICHARD BROOKS — Produzido por DORE SCHARY.

Em CinemaScope, Technicolor, da M.G.M.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

◆ Charles Gilson, um caçador de búfalos, se associa a Sandy McKenzies, um vaqueiro, cujo gado foi violentamente dispersado por uma manada de búfalos. Eles contratam o Velho Woodfoot, famoso tirador de couro da região, e Jimmy, jovem de meio sangue índio. Os quatro estabelecem uma sociedade para dar caça aos búfalos. Charles, que detesta os índios, só tolera a presença de Jimmy por causa de Sandy. Certa noite, quatro de suas mulas são roubadas pelos índios. Charles os persegue, e mata todos, exceto um... e traz consigo uma bela mulher índia com uma criança. Ele procura fazer ver a Sandy e aos outros que a mulher é sua propriedade exclusiva. Charles mata vários búfalos. Enquanto isto, Sandy, caçando sozinho, sente-se terrivelmente decepcionado quando sua arma abate um gigantesco búfalo branco.



A BELÍSSIMA ÍNDIA COLOCA ACIMA DE TUDO A DEVOÇÃO QUE TEM SUA RAÇA PELOS BÚFALOS. CHARLES DÁ EVASÃO AO SEU ÓDIO, MATANDO O ÍNDIO QUE ALI APARECE.



Índia para perto de si e a beijava; ela, porém, permanecia passiva aos seus carinhos.

Woodfoot pôs de lado a sua sanfona e perguntou a Charles como se sentia ele quando matava tantos búfalos.

— Atirando horas após horas a gente se sente como se fôsse todo-poderoso, não é verdade?

— Mais ou menos — falou Charles, os olhos brilhando por causa da bebida.

— Há alguma diferença entre matar um homem e um búfalo? — Insistiu Woodfoot.

— Não sei... Sim... Talvez — disse Charles, tentando articular as palavras. — É algo semelhante a... semelhante a... quando se vai fazer qualquer coisa importante... Matar é como... Matar é a única prova de que a gente está vivo... Eu não sei. — Em seguida, virou-se para Sandy: — Que acha você... você que matou mais búfalos do que qualquer outra pessoa? Como se sente?

Como Sandy nada respondesse, Charles disse:

— Ah! Não responde! Quer um trago, Sandy?

O outro continuou mudo.

— Que é que está lhe mordendo? — perguntou Charles. — Tem alguma coisa contra mim?

— Nada, Charles — respondeu Sandy calmamente.

— Aposto que sei a razão de tudo isto. É ela, não é? — Charles apontou para a índia. — É ela, sim!

Após um prolongado silêncio, durante o qual todos olhavam para Sandy, este falou:

— Você não compreende, Charles.

— Então não se aproxime dela — murmurou Charles. — Não se aproxime dela.

Levantou-se rapidamente, e pegou a índia pelo braço. Envolveu a mulher pela cintura e dirigiu-se para dentro da barraca. Antes de entrar, ele parou e disse:

— Boa noite para todos.

E olhando Sandy com desdém, entrou na barraca com a mulher.

No dia seguinte, um jovem índio, montado num cavalo pintado e trazendo um outro amarrado por uma corda, aproximou-se do acampamento. Rápido como uma flexa, Charles puxou o revólver, mas Sandy disse que ele não atirasse. Jimmy, todo sorridente, correu para o jovem índio. Abraçaram-se à maneira índia e falaram na língua nativa. A seguir, Jimmy veio até Sandy e explicou que ele e o «Mão Pintada» eram grandes amigos. Havia crescido juntos, caçado e lutado lado a lado. O índio estava com fome, e Jimmy pediu permissão a Sandy para dar-lhe um pedaço de carne. Ele aceitou a oferta de bom grado. Mas no momento em que viu a pele do búfalo branco, parou de comer e ficou olhando-a reverentemente. Ajoelhou-se, tocou bem de leve com a mão na pele e murmurou uma oração na sua língua nativa. Após o que voltou-se para Jimmy e perguntou se os homens brancos seriam capazes de trocar aquele couro pelos dois cavalos que ele trazia. Jimmy transmitiu a proposta aos homens. Sandy não se opôs mas Charles recusou-se brutalmente:

— Esta troca significa muito para o rapaz — disse Sandy calmamente. — E depois, os dois cavalos valem o couro.

— Mas a metade é minha e eu digo que não! Quando Jimmy traduziu essas palavras para o seu amigo, «Mão Pintada» dirigiu um olhar terrível para Charles. (Cont. na página 48)

CIMENTO

"POTY"

O MELHOR

Cia. de Cimento Portland Poty

Avenida Dantas Barreto

6.º e 7.º andares

CAIXA POSTAL, 223

RECIFE

PERNAMBUCO

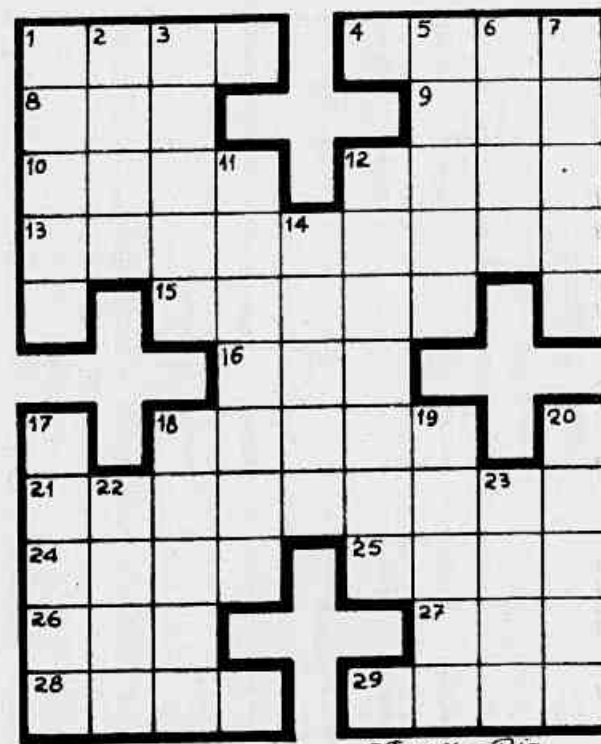
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 142

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Cabana de gentios — 4. Gênero de árvores e arbustos da Ásia e da África — 8. Assentada — 9. Nome de duas cidades conquistadas por Josué — 10. Espécie de macaco — 12. Arrulho — 13. Prometedores — 15. Peixe africano — 16. Voz que exprime admiração — 18. Peia — 21. Fazer recordar — 24. Terra nova e arroçada de fresco — 25. Planta têxtil — 26. Amuleto egípcio — 27. Comércio — 28. Cruzar (o mar) — 29. Pandemônio.

VERTICAIS: — 1. Rebroto vegetal — 2. Céptico — 3. Indício — 5. Aquilo que determina um acontecimento — 6. Diz-se do gado que tem a cabeça branca e o resto do pelo de outra cor — 7. Velho — 11. Falso brilho — 12. Medianeiro — 14. O que está reservado para servir em caso de necessidade — 17. Olha com atenção — 18. Namorada — 19. Cupim — 20. Fisionomia (pl.) — 22. Pedir — 23. Zanga passageira.

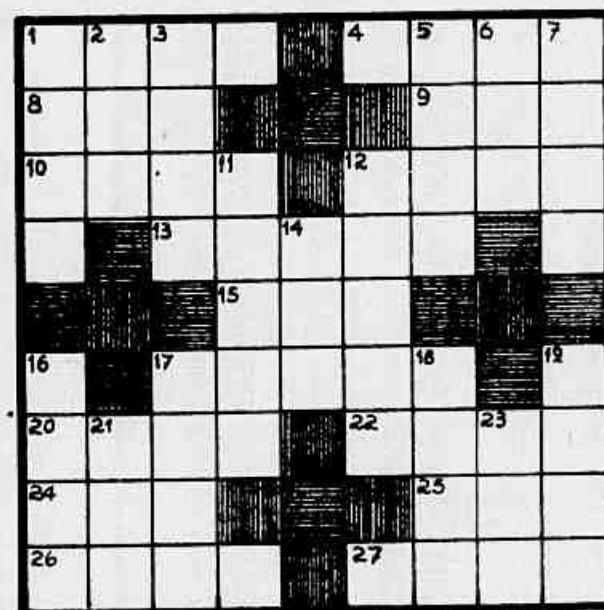


Dantas - Rio

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Fêmea do mulo — 4. Cachaça (pl.) — 8. Nome de homem — 9. Reza — 10. Rosto — 12. Lavram — 13. Assalta — 15. Cólera — 17. Conduzirá para cá — 20. Reboco — 22. O mesmo que emir — 24. Moléstia — 25. Governanta — 26. Fileiras — 27. Discursar.

VERTICAIS: — 1. Padiola — 2. Verme que aparece em feridas de animais — 3. Unidade monetária da Itália — 5. Dá cor — 6. Pedra do altar — 7. Fôlha do pinheiro — 11. Lança — 12. Acarajé — 14. Altar dos sacrifícios — 16. Leito — 17. Bôba — 18. Querer bem — 19. Irritar — 21. Semelhante — 23. Íntima.



Dantas - Rio

x x x

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 141

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: ami — amt — monetizar — anacoluto — Sá — óbices — Rb — adro — cam — Oil — obás — mó — amaras — gr — laterício — acaléfico — ror — aos.

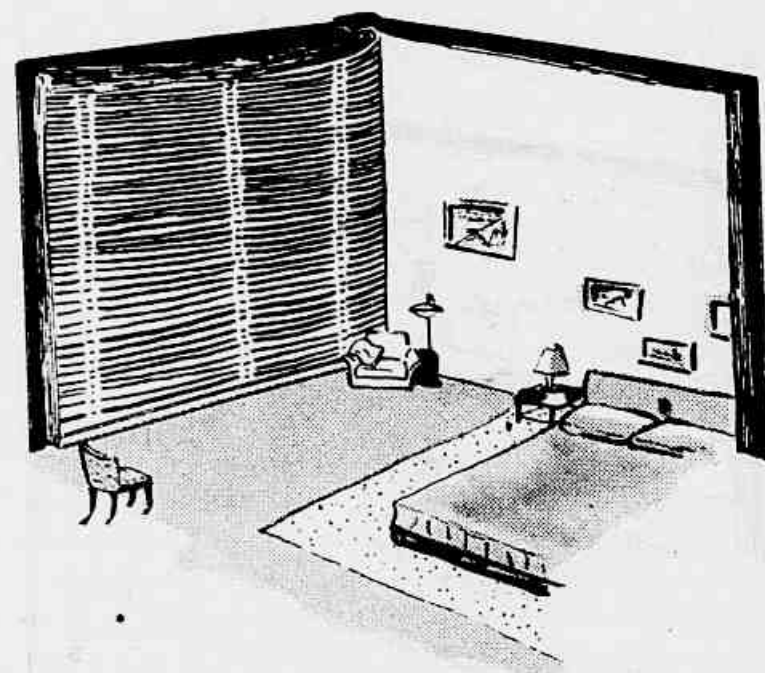
VERTICAIS: amás — monarcômano — Ina — azucrim — meteorológico — Tros — eco — toba — ilido — babatar — marel — sare — alar — Sif — Roos — cia.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: amar — abar — iam — aia — olindense — gaura — adi — anu — aroma — molecadas — ira — Ari — rosa — usar.

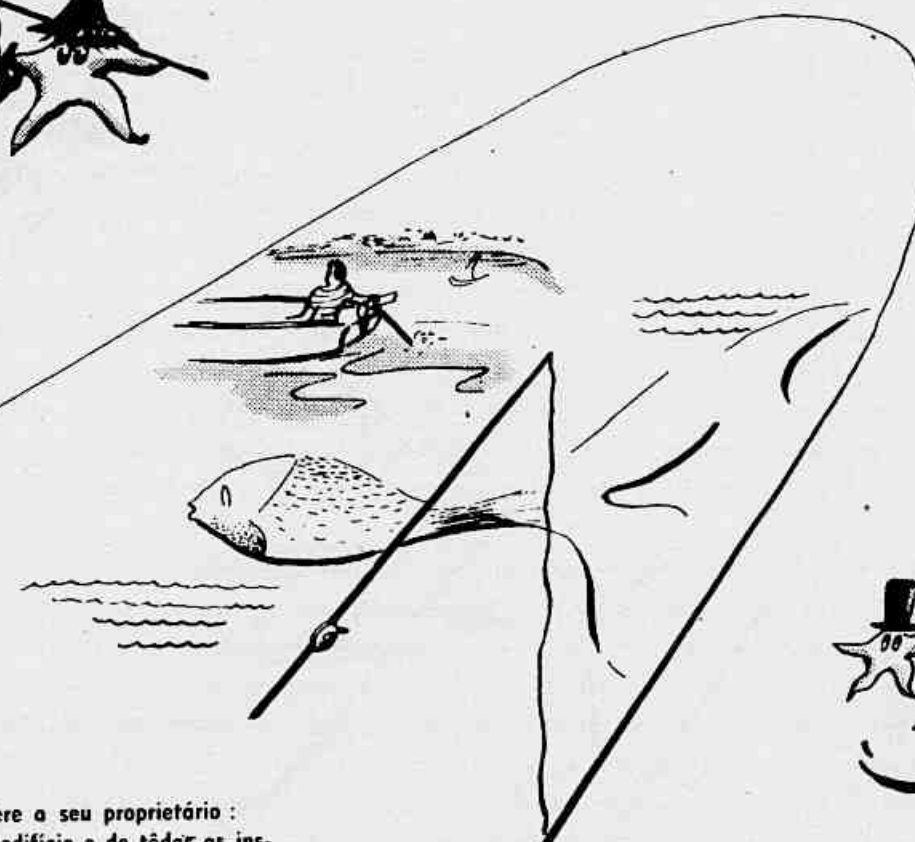
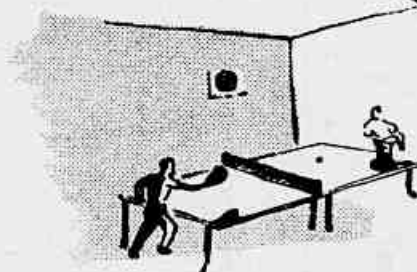
VERTICAIS: aios — mal — amígdalas — bananadas — ais — raer — udu — naire — eramá — emir — ôco — asir — oro — ara.

O que lhe oferecemos



Apartamento com vestibulo, dormitório, banheiro, completamente mobiliado, atapetado e cortinado.

O Hotel Beira-Mar assegura para sempre o gozo de suas férias, graças ao plano econômico de quotas-partes de propriedade mobiliária



Preço de 25 mil cruzeiros com 2 mil cruzeiros de entrada e 46 prestações de:

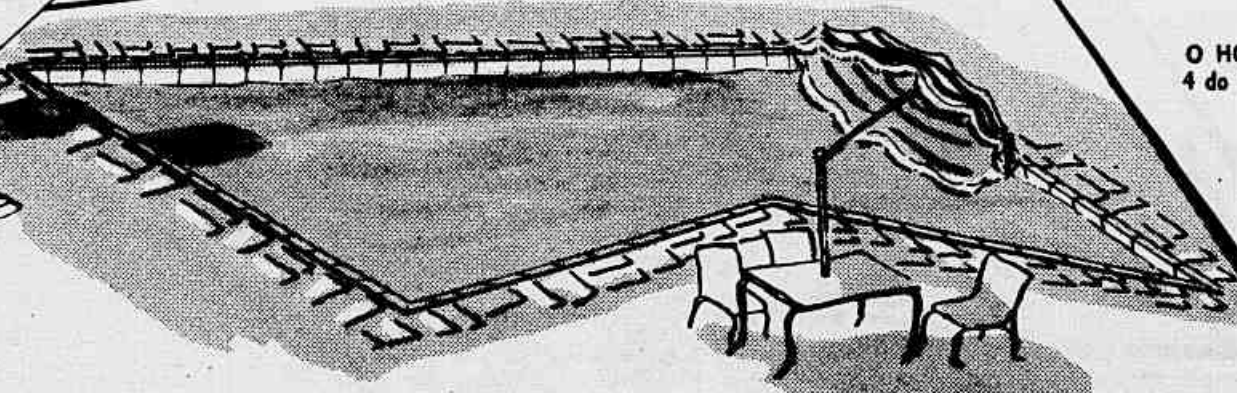
500,00 mensais!

Tôdas as diversões de um grande centro de turismo: Cinema, Teatro e "Boite"

- Cada quota — parte do HOTEL BEIRA-MAR confere a seu proprietário:
- a) Posse e domínio de uma parte ideal do terreno, do edificio e de tôdas as instalações do HOTEL BEIRA-MAR.
 - b) Uso e gozo de um apartamento do HOTEL BEIRA-MAR durante uma quinzena anual, máximo 4 pessoas.
 - c) Direito de vender, transferir ou hipotecar em qualquer tempo a sua quota — parte que é transmissível aos herdeiros.
 - d) Abatimento de 30 por cento nos serviços do Hotel.
 - e) Direito à cessão de seu período de férias.
 - f) Participação nos lucros da exploração do Hotel Beira-Mar.

Planejamento e Vendas da
PREDIAL CRUZEIRO DO SUL, S/A
 Rua da Assembléia, 36 11.º andar. — Telefone 22-7930
 Incorporação da
HOTELEIRA MONTE MAR LTDA.
 RUA ARAÚJO PORTO ALEGRE, 56
 S/loja, 2 — Telefone 32-9933

Barra de São João, suas belissimas praias e sua pesca abundante, tornou-se um convite para os dias de repouso e férias



O HOTEL BEIRA-MAR, já em franca construção, está localizado nas quadras 3 e 4 do loteamento Cidade Beira-Mar, em Barra de São João, Est. do Rio de Janeiro, entre a rodovia Amaral Peixoto e a praia das Ostras.

Para informações e detalhes escreva-nos

NOME
 ENDEREÇO
 CIDADE ESTADO



AS reminiscências do fotógrafo JORGE DE CASTRO, narradas por GASPARI-NO DAMATA

poeta pediu-me licença, foi lá dentro e veio com um exemplar de um dos seus últimos livros. Tratava-se de «I Dolore», onde na primeira parte o poeta clamava em versos de uma beleza, de uma limpidez e de uma amargurada dramaticidade, contra a morte do filho. E na segunda, sem dúvida um pouco inferior à primeira, e por razões óbvias, um protesto desesperado e surdo contra a tragédia do nosso tempo — verdadeiro e dramático libelo contra a guerra!

O MODESTO AMADO

♦ O Jorge Amado era uma das figuras mais irrequietas, apesar de o não parecer, de toda aquela turma de escritores e artistas plásticos que freqüentavam o atelier de Cândido Portinari. O romancista baiano, naquela época muito magrinho, gostava sobremaneira de dizer disparates e de fazer todo mundo rir a custa de anedotas e pilhérias. Mas ao contrário do que acontece com certos escritores da atualidade, que de tudo se servem para efeito de publicidade, como certos cantores de rádio e gente de teatro musicado — o Jorge sempre foi um sujeito extremamente modesto; modestíssimo. E nunca se aproveitou, em momento, em circunstância alguma, para ofuscar os companheiros de profissão ou de grupo, para se projetar um pouco mais... A sua projeção, todo mundo sabe, veio da maneira mais natural e espontânea possíveis. E se hoje é conhecido universalmente, se tem quase todos os seus livros traduzidos, deve-se sobremaneira ao seu talento, as suas qua-

O RISONHO UNGARETTI

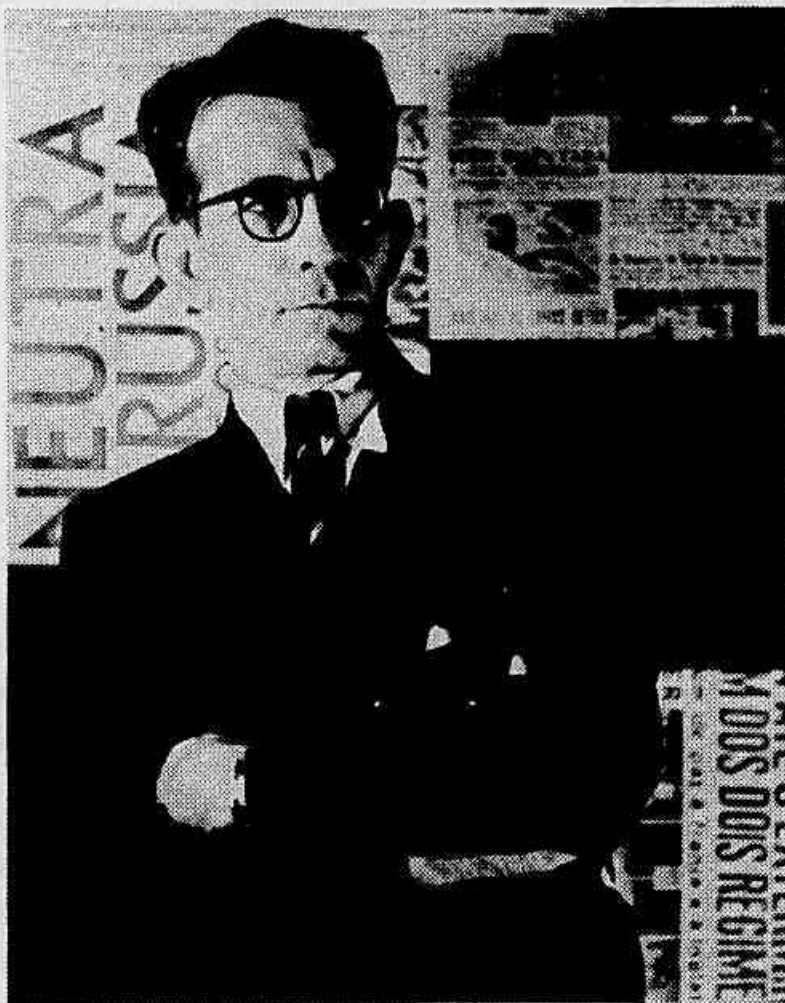
♦ A convite do Mário de Andrade, que era um dos melhores companheiros de toda aquela turma que freqüentava o «atelier» do Portinari, no Leme, fiz uma rápida viagem recreativa a São Paulo. E, como era natural, levei a minha máquina, pois já pensava em fazer uma exposição de fotografias no Hotel Palace. Aconteceu que indo certa manhã à casa do poeta procurá-lo, encontrei lá outro grande poeta, visitando-o: tratava-se de Giuseppe Ungaretti. O poeta italiano mais discutido deste último quarto de século viera para São Paulo em 1937, quando a Europa começava a pressentir as ameaças de uma próxima guerra, contratado pela recém-fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, para reger a cadeira de Literatura Italiana. E até então, dissera-me, mostrava-se encantado com o Brasil... e com São Paulo, onde se sentia quase que em sua própria casa... Ungaretti era um homem risonho, de estatura um pouco inferior à mediana, tinha uns belos cabelos brancos que brilhavam como fios prateados, e um par de olhos azuis miudinhos... E falava com um entusiasmo, com uma exuberância fora do comum, pois afi-

nal de contas já não era mais nenhuma criança... O autor de «Vita de um uomo», e toda uma obra poética considerada, na sua pátria, verdadeiramente revolucionária, partiu daqui anos mais tarde, amargurado com a guerra, sofrendo a perda de um filho que morrera de peritonite em São Paulo. E ainda por cima mal visto, acusado de fascista... Acho que voltou aqui, isto é, a São Paulo, logo que terminou a guerra, mas não cheguei a vê-lo (tampouco o saudoso e querido Mário de Andrade, que já falecera). Aí por volta de 51 fiz uma viagem à Europa, estive na Itália vários meses. E como ele me havia dado o seu endereço, anos antes, na casa do Mário de Andrade, resolvi procurá-lo. O poeta recebeu-me com muita alegria. E falamos durante horas sobre o Brasil, os amigos que deixara em São Paulo; afirmou que iria voltar à capital sampaulina a fim de visitar a sepultura do filhinho de sete anos, que lá deixara enterrado. O grande poeta italiano lecionava, desde que regressara do Brasil, como professor da cadeira de Literatura Italiana Moderna na Universidade de Roma, onde era muito admirado e estimado. Antes de me despedir dele, o



lidades inegáveis de grande escritor latino-americano de projeção universal. O grande romancista de «Mar Morto» esteve, por mais de uma vez, nas minhas cogitações para ser, ou melhor, para ter um dos seus livros filmados. Acho que uma vez chegámos (eu e o Gregg Toland, numa das viagens que fizemos juntos, num comboio de patrulhamento à Bahia) a discutir seriamente o assunto. O grande «cameraman» americano chegou mesmo a escrever ao seu companheiro John Ford, que também esteve aqui conosco, sobre as possibilidades de um filme... A coisa, porém, como tantas outras, nunca chegou a se concretizar, permanecendo assim o grande escritor brasileiro, na minha opinião dos nossos modernos o único cujos livros darão filmes verdadeiramente notáveis, completamente inédito na sétima arte. E a pobre Bahia, que ele tanto ama, que soube, melhor do que ninguém descrever nos seus excelentes e tocantes romances, a aparecer nas telas daqui e do estrangeiro, justamente no seu lado menos interessante, a bem dizer negativo. Ainda hoje penso o que não se teria feito — eu, o mestre Gregg Toland e o grande John Ford com um argumento extraído de um dos livros de Jorge Amado nas mãos... As coisas, aqui, porém, nunca acontecem como nós as planeamos, como temos vontade que aconteçam; as coisas, aqui, resultam cair sempre nas mãos de quem não as merece, de quem não sabe ou não tem o mínimo interesse em fazê-las direitas. Por isso, aqui, as pessoas inteligentes, de valor, que sabem verdadeiramente onde têm as ventas, já nascem, quando não totalmente, pelo menos um tanto e quanto da esquerda...

A RÚSSIA IA ATRAPALHANDO...



◆ O escritor e jornalista pernambucano Osório Borba — um dos bons companheiros que tive naqueles bons tempos, não passava uma semana que não se metesse numa enrascada. O jornalista combativo, por fim, metera-se na política, e graças ao seu prestígio, por ser também um indivíduo íntegro, sem «rabos de palha», como se diz lá pela sua terra, conseguiu finalmente eleger-se deputado. O autor de «A Comédia Humana», que conseguiu mais tarde

eleger-se vereador pelo Distrito Federal, não deixava de ter, como é natural, seus inimigos políticos, de sofrer suas perseguições... Assim, uma tarde, estava eu muito calmamente bebericando no meu apartamentozinho do Beco dos Carmelitas, quando me bateu à porta o Osório Borba, muito sorridente, muito afável que sempre foi comigo. O problema, era o seguinte: estava precisando de umas fotografias para publicidade de uma campanha política ou outra coisa qualquer, não me recorde bem. O apartamento, além de um tanto desarranjado (naquela época eu trabalhava com a Marinha, havia sempre uma profusão de negativos e cópias contato por cima das camas e armários!), não oferecia margem para uma foto à altura... E o pior é que eu precisava a todo custo conseguir um fundo para colocar o Osório, pois do contrário a foto ficaria parecida com as tiradas por um fotógrafo profissional, para passaportes! Aí tive uma idéia: peguei um gurizote que me ajudava, dei-lhe dinheiro e mandei-o descer e comprar um jornal do dia. O gurizote voltou com o jornal, e sem perda de tempo, fui arrancando as páginas e pregando numa velha prancheta, para conseguir um fundo vistoso, jornalístico, meio simbólico... O resultado, minha gente, foi que ninguém deu pela coisa (você sabem que em matéria de política, tudo é pretexto!) e a fotografia, depois de publicada, deu um verdadeiro bode! A imprensa inimiga, que o combatia, que o acusava naquela época de «perigoso comunista», caiu em cheio em cima do coitado! Pois não é que o Osório saíra com a palavra «RÚSSIA» bem atrás das costas; ainda por cima de braços cruzados, com uma cara de bicho, como se tivesse desdenhando, fazendo pouco da macacada?!...

AS EXCENTRICIDADES DO POETA

◆ A vida de Murilo Mendes, mais do que a de qualquer outro intelectual brasileiro, achase pontilhada de ocorrências excêntricas, curiosas, que no mais das vezes descambam para o anedótico. É bem verdade que muitas coisas não se passaram exatamente como as pessoas depois contam, dando-se, inclusive, ao trabalho de inventar e adicionar detalhes jocosos... Eu mesmo só presenciei duas coisas meio malucas, meio exibicionistas, do querido poeta mineiro, com quem privei durante algum tempo, isso por volta de 31 ou 32. O Candinho regressara da Europa e fizera a sua primeira exposição, depois da volta, no antigo Palace Hotel. E como já tive ocasião de aludir anteriormente, a dita exposição foi um verdadeiro fracasso, esteve às moscas. As razões, não carece repetir, pois são por demais sabidas. Pois bem, todas as noites, quando saíamos de lá — eu, o Candinho, a Maria Portinari, o Murilo e outros admiradores do artista, fomos de bonde para o Catete, onde o pintor instalara-se. E, como eu ia dizendo, uma noite, no bonde que nos levava ao Catete, de repente entrou e sentou-se num banco à nossa frente uma mulata extraordinária. Uma dessas mulatas enormes, fornidas, elegante, cherosa, bem vestida — verdadeiro tipo de beleza na-

cional e carioca. O poeta não teve dúvida, ergueu-se batendo palmas, olhando para a mulher, convocando ao mesmo tempo os intrigados passageiros a fazer o mesmo, num arroubo de vivo, de sincero entusiasmo pela sua beleza. «Vamos, meus senhores, batam palmas! Uma salva de palmas em homenagem da mulata mais bonita do Brasil!» A pobre mulher, desconfiada, incomodada com uma tão estranha e inesperada homenagem de uma pessoa que ela não conhecia, assim em público, tratou então de saltar no primeiro ponto... O Rubem Braga também conta uma história mais ou menos idêntica: um dia, o poeta ia passando por uma rua e viu uma mulher à janela. E gritou: «Mulher na janela! Parabéns! Coisa rara! Coisa belíssima! Parabéns, minha senhora!» Após o jantar em casa do Portinari, a turma costumava ir todas as noites ao cinema Politeama, no Largo do Machado, na época uma das melhores e mais familiares casas de espetáculos do seu gênero, no Rio. Pois bem, esta eu presenciei: em determinado momento — acho que passavam uma fita de Bela Lugosi, o poeta abriu um guarda-chuva, protestando, causando assim um verdadeiro escândalo!... E fora muitas e muitas outras cenas jocosas, anedóticas, provoca-



das pelo poeta mineiro — verdadeiro mestre no gênero; inclusive ter-se deitado no chão, durante o concerto de uma pianista de sua amizade, no Municipal, como sinal de protesto, por estar «assassinando» as músicas de Mozart, seu compositor predileto.



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

HOTEL BOA VIAGEM



- ★ a 1 Km do Aeroporto, na bela Praia de Boa Viagem.
- ★ 100 apartamentos de frente, todos com varanda, banheiro e telefone.
- ★ Ar Condicionado (opcional)
- ★ Restaurante "à la carte", Bar, Cafeteria, etc.
- ★ Reservas: End. telegráfico "DISLUNA" - Recife.

Recife

O MAIS NOVO HOTEL DE LUXO DE PERNAMBUCO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»



O ENIGMÁTICO KAPITZA

As últimas palavras do professor Magdessiev de morrer na prisão: trata-se simplesmente de uma situação atômica e, sobretudo, de aparelhos que permitem imprimir às partículas atômicas grandes velocidades capazes de determinar a desagregação dos núcleos atômicos.

Mas porque rodear essas construções e grupos de pesquisadores de tal mistério, que arriscava justamente atrair a atenção e a traição (o que não deixou de haver).

O professor não via dificuldades no que dizia respeito às construções de grupos ou estações. Ernest O. Lawrence já tinha construído os seus nos Estados Unidos e o problema do estudo dos fenômenos atômicos estava praticamente resolvido.

Entretanto, fazia-se mister empreender novos melhoramentos e sobretudo obter velocidades de ordem mais elevada.

Na Rússia, já haviam, inteiramente aparelhados, dois ciclotrons, um em Moscou e outro em Lenigrado. Um terceiro, ainda mais poderoso, estava sendo projetado. E neste poder-se-ia introduzir aperfeiçoamentos colhidos no estrangeiro.

O professor Magdessiev tinha à sua disposição todos os planos, esboços e cálculos do gigantesco ciclotron de Berkeley, na Califórnia, que deveria fornecer 30 MEV (30 milhões de eletrons-volts) e entrar em funcionamento em 1940. Este era capaz de satisfazer todas as exigências mesmo as de um Kapitza.

Magdessiev estuda o problema em todos os seus detalhes, combina os dois sistemas conhecidos, os aperfeiçoa do ponto de vista cinemático, reforça-os dinamicamente, e finalmente, torna-os menos caros...

Kapitza quer uma tensão mais elevada. E é certo que a terá! Magdessiev fez uma proposta, depois uma outra. Kapitza rejeita as duas.

NEUTRONS GRAÇAS AO «NEU-THRON»

Por que razão ele se mostra tão exigente? Magdessiev se surpreende e Ioffe também.

Afinal, o que é que ele quer?

Neste ponto, manifesta-se um dos traços essenciais do caráter de Kapitza. Deve à sua poderosa imaginação os sucessos junto ao Lord Rutherford, mas tal não impede que Kapitza realize uma experiência, por mais arriscada, por mais surpreendente que possa parecer, sem haver, previsto, os seus menores detalhes e as suas mais distantes conseqüências. E justamente por isto é que Rutherford é chamado «o homem dos sonhos precisos».

(Cont. da página 13)

Enquanto isto, Magdessiev morre. Mas conseguiu aprontar seu décimo sétimo projeto de construção de um grupo atômico, sem ousar obter o assentimento de Kapitza. Por sua vez, Kurtchatov se livra de toda uma série de experiências que o conduziram ao chamado «curto efeito». Vavilov se ocupa de suas radiações eletrônicas que vão fechar o círculo da «fissão». Abrão Ioffe coloca em dia seus «grupos de sínteses» de onde, mais tarde, sairão a bomba de urânio e a Bomba de Hidrogênio. Dorfmann encontra-se ao seu lado.

Kapitza está absorvido no estudo dos grupos atômicos. George Rafoelovitch sucede a Magdessiev. Trata-se de um antigo colaborador de Kapitza que sabe que é preciso atender, de bom grado, ao palrão. Este não lhe faz nenhuma nova proposição.

Kapitza chama para trabalhar com ele, o engenheiro e físico Veksler. Os dois homens formam um par muito equilibrado; Kapitza fornece as idéias e Vladimir Veksler as concretiza.

Dinheiro não falta, nem faltará. Kapitza sabe disso: é necessário prever um certo número de grupos. A Rússia pode realizar este esforço, ainda que um único ciclotron pese alguns milhares de toneladas e custe alguns milhões de dólares.

Em 1945, o mundo científico aprendeu a colocar em funcionamento dois grupos completos. Um deles é fruto dos esforços do americano MacMillan e o outro do russo Piotr Kapitza — sendo que os dois haviam trabalhado sem a menor conexão. O sistema Kapitza-Veksler é quatro vezes menos caro e duas vezes menos pesado que o americano. Mas para conseguir tal resultado, os russos tiveram de realizar cerca de quarenta tentativas infrutíferas.

Kapitza vai, então, poder realizar sua «fusão» em três ou quatro anos, enquanto sete ou oito anos de trabalho serão necessários para a construção da Bomba de Hidrogênio americana. Eis aqui o preço da política inteligente empregada por Kapitza de 1939 a 1943.

Na Rússia, comumente não se faz uma idéia bem clara da descoberta Kapitza-Veksler. O novo «THRON» é considerado como a primeira tentativa feita para fundir num só ciclotron e sincrotron. Este resultado é conhecido no estrangeiro, sem qualquer discussão. O engenheiro Veksler propõe que se lhe denomine Stalintron, mas Kapitza se contrapõe a isto formalmente: a ciência eterna nada tem a ver com os nomes efêmeros.

Como sempre é Ioffe quem encontra a melhor solução.

(Cont. na página 48)

A INFERNIA DE LAGUNA

EDUARDO TOURINHO

A 27 de dezembro de 1864, Barrios — com seus doze navios, cento e sessenta e três canhões e cinco mil homens — intima o tenente-coronel Porto Carrero a entregar-lhe o forte de Coimbra, guardado com doze bôcas de fogo e cento e sessenta e sete soldados. Muitas mulheres e crianças abrigavam-se sob seus muros.

Repelida a intimação, durante dois dias heróicamente manteve-se a praça. Mas, esgotada a capacidade de resistência, a 29 recolheu-se a gente do forte na «Anhamby» — comandada pelo capitão-tenente Balduino de Aguiar — e sobe o rio na direção de Corumbá, onde chega no dia seguinte.

A coluna Resquin tinha como objetivo Miranda, Dourados e Nioaque. Invadido Mato Grosso, bipartira-se a força paraguaia: parte, ataca o coronel Dias da Silva no rio Feio; parte, sob o comando de Urbietta avança sobre Dourados. E' o tenente Antônio João Ribeiro quem — à frente de dezesseis homens — garante a colônia. Resolve defendê-la até o sacrifício. Faz com que os civis sigam para Nioaque e ao coronel Dias da Silva dá conta de sua resolução. E escreve-lhe: — «Sei que morro, mas o meu sangue e o dos meus companheiros servirão de protesto solene contra a invasão do solo da minha pátria». No dia 29, Urbietta e seus duzentos homens aparecem. Antônio João e seu punhado de bravos alinham-se para a luta. Alinham-se e, sob a fuzilaria inimiga, tombam como heróis...

Planejara Caxias enviar seis mil homens, por S. Paulo, para a penetração de Mato Grosso. Acrescidos em número, avançariam depois pelo rio Apa para — ligadas as forças brasileiras — proceder-se à invasão, pelo sul, do território paraguaio. Em abril de 65, a tropa reunida em Uberaba sob o comando do coronel Drago era de mil e quinhentos e setenta e cinco homens. Ao deslocar-se para Cuiabá, em setembro, esse **Corpo Expedicionário** muda de itinerário e — substituído Drago pelo coronel Fonseca Galvão — marcha para Miranda a fim de atingir terra inimiga. Comanda-o, então, o coronel José Joaquim de Carvalho. Mas, em Miranda — que a força atingiu penosamente — mais de quatrocentos homens tombam vitimados pelo béri-béri.

E' quando assume o comando do **Corpo** o coronel Carlos de Moraes Camisão: — 1 de janeiro de 1867. Funde numa só as duas brigadas e transfere o acampamento para Nioaque. Sobre o novo comandante, entretanto, pesava — injustamente — a pecha de covardia, gerada pelo precipitado recuo do 2º de Artilharia quando os paraguaios invadiram Corumbá. Mas, disso não tivera a responsabilidade. No afã de apagar a enxovalhante acusação decidiu-se a realizar o avanço pelo Apa embora sem ignorar a deficiência dos elementos de que dispunha. Coube a José Francisco Lopes — um mineiro que tinha estância em Jardim — orientar a marcha. Conhecia bem a região e, assim, saberia encontrar gado para abastecer a tropa. A 17 de fevereiro, inicia-se o avanço e — dois meses depois — chega ao rio Apa. Atravessa-o em quatro dias e atinge Bela Vista, que o inimigo incendiara. A fome castiga a coluna, mas o coronel Camisão não se detém e — duas léguas além da fazenda de Laguna — defronta-se com os paraguaios. O inimigo ressentia-se ao primeiro embate. Mas volta à liça e é, de novo, ba-

tido... A sede e a fome, no entanto supliciam os brasileiros e a retirada se torna inevitável.

★

Na manhã de 8 de maio começa o retorno de Laguna. Num grande losango, a **impedimenta** ocupa o centro, enquanto os batalhões ficam quadrangulados nos vértices. As forças inimigas — sob o comando de Urbietta — fustigam implacavelmente os retirantes. O Apa é novamente transposto a 11 de maio mas, ao fragor da luta, tresmalha-se o gado... Para poupar distâncias e mascarar os movimentos da tropa, o coronel Moraes Camisão troca a estrada batida pelo intrincado da macega. Incendeia-a o inimigo e — por doze dias de estoicismo, com o bravo guia Lopes a apontar o caminho a seguir — caminham os brasileiros sobre braseiros, sede e fome a corroer-lhes as entranhas, a fuzilaria inimiga a acompanhar-lhes os passos...

Surge, então, um invencível inimigo: o cólera-morbus. Regista-se o primeiro caso no dia 16 de maio. Mas, dentro em pouco, são dezenas e dezenas de soldados enfermos a encher as viaturas. Dias houve em que mais de metade da coluna teve de ser utilizada no transporte de padiolas. Uma medida trágica tornou-se imprescindível: o abandono dos coléricos para a salvação dos remanescentes da coluna. Mais de cem foram, então, deixados numa clareira. Encimava-os este letreiro: — «Compaixão para os coléricos». Inútil invocação. Tiveram o fim abreviado a fusil e a punhal...

★

Após quatro léguas de marcha, chega a coluna perto da Estância de Jardim. Traz o coronel Camisão, o tenente-coronel Juvêncio de Mene-

zes — seu imediato — e o guia Lopes atacados do terrível mal, sob o qual em seguida sucumbem. Assume o comando da tropa o tenente-coronel José Tomás Gonçalves. O rio Miranda é atravessado e a 1 de junho — enfim! — alcançam os retirantes a Estância. A marcha é logo retomada e, a 3, vencidas sete léguas, chegam os retirantes a Nioaque. A 11, às margens do Aquidauana, contam-se os sobreviventes. Dos dois mil e seiscentos homens que haviam partido para a invasão do Paraguai, após a trágica retirada de trinta e cinco dias restavam, somente, seiscentos.

A 12, na ordem do dia que baixou relembrou o tenente-coronel José Tomás Gonçalves os horrores da retirada: — «sem cavalaria, contra um inimigo que a possuía formidável; em campinas onde o incêndio da macega continuamente aceso, ameaçava devorar-nos e nos disputava o ar respirável; extenuados pela fome, dizimados pela epidemia do cólera que arrebatou em doze dias o comandante o imediato e dois guias... E, isso, muita vez «sob chuvas torrenciais, no meio de borrascas, através de imensas inundações».

Num livro que se tornou clássico, gravou Tauxay a infernia que foi a retirada de Laguna. Evocou, então, bravos companheiros de armas: os drs. Gesteira e Quintana, que faziam parte do Serviço de Saúde; Ferreira de Paiva, que comandava o 20º de Infantaria; João Tomás de Cantuária, comandante dos artilheiros. E, ainda, Lago e Gusmão, Lacerda e Marques da Cruz, que dirigiam a Engenharia. E relembra — numa sublimação — a vivandeira Ana Mamuda. Era ela que, abnegadamente, arrancava do corpo as vestes em farrapos e pensava os feridos. E, aos ouvidos dos agonizantes, sussurava ardentes palavras de Fé



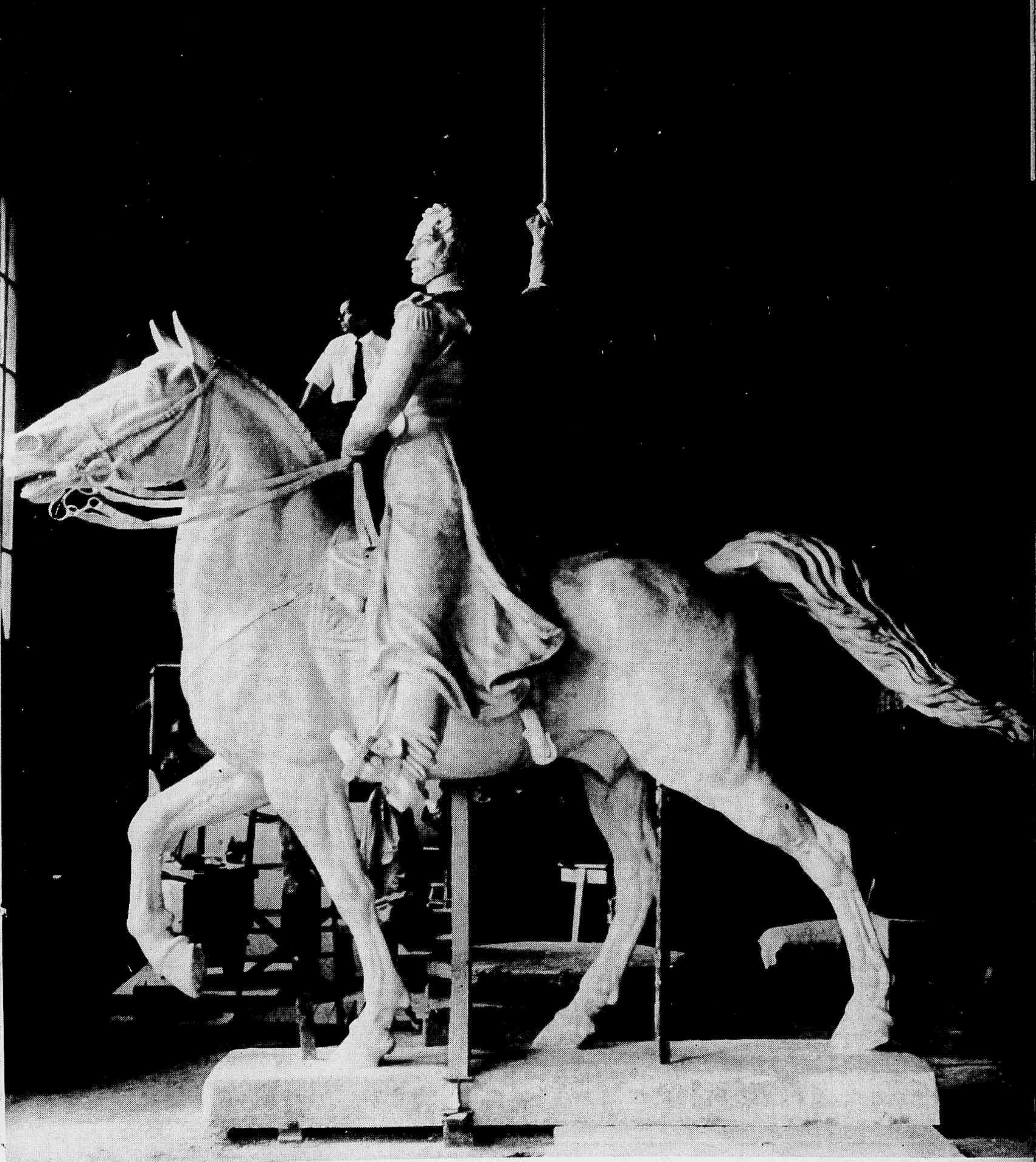
O CORONEL Camisão, ladeado por dois de seus heróicos comandados. Ele escreve uma página de ouro na História do Brasil.



FELIX WELDON, escultor austríaco radicado na América, trabalha com afinco na grande estátua eqüestre de Bolívar, a qual dentro em breve erguer-se-á em aprazível recanto da capital norte-americana, presente da Venezuela aos EE.UU.

O ESCULTOR americano Felix Weldon, um dos mais conhecidos artistas de seu país, está ultimando uma obra imensa, que a Venezuela pretende ofertar, em sinal de amizade, aos Estados Unidos. Trata-se de um grande monumento eqüestre, cujo modelo, de oito metros de tamanho, já foi montado. Agora, é necessário que a estátua seja fundida em bronze — e só essa operação demorará aproximadamente um ano. Quando ficar pronta, a obra será colocada num triângulo de jardim, entre os prédios da União Pan-Americana, em Washington, de frente para a Constitution Avenue e para o já projetado Parque das Américas. Luís Malausena, famoso paisagista venezuelano, incumbir-se-á do desenvolvimento arquitetônico do local onde ficará a estátua eqüestre, que representará o grande Simon Bolívar em seu cavalo favorito. Juntamente com a estátua seguirá para Washington um pedestal e uma fonte com seis jorros, cada um dos quais significará um dos países libertados por Bolívar. No triângulo em que ficará erguida, já existe a estátua de Artigas — o herói da independência uruguaia. O modelo completo, em gesso, será cerrado em cinco partes, e seguirá de caminhão para uma fundição, em Brooklin. Dali sairá, já ligada, a estátua, e será colocada em Washington, em meio a várias e imponentes cerimônias. O escultor Felix Weldon, austríaco, de nascimento, porém americano por adoção, vive em Washington há mais de dez anos, e seu mais conhecido trabalho é o célebre grupo que apresenta um punhado de fuzileiros americanos plantando a bandeira norte-americana na ilha inimiga de Iwo-Jima. Essa é, aliás, uma das obras de arte mais reproduzidas em todos os tempos, pois é o motivo de uma série de selos postais, não desconhecida de nossos leitores filatelistas. **(Fotos USIS)**





PRESENTE DA VENEZUELA AOS ESTADOS UNIDOS

LEIAM

ESPORTE ILUSTRADO



TUDO SOBRE ESPORTE
AS QUARTAS-FEIRAS
CR\$ 5,00

Caixa Postal. 641
— Recife —
Telef.: 28-263 e 6325

End. Tel. MANDRADE — Recife
Códigos: Mascote, Borges e
Particulares

CORTUME STA. MARIA, LTDA.

Produtores de:

VERNIZES, BÚFALOS, VAQUETAS, NACOS, CAMURÇAS, PELICAS,
MESTIÇOS, SOLAS, RASPAS, ETC.

O Brasil produz as melhores peles do mundo. O «Sta. Maria»
prepara as melhores peles do Brasil.

Pernambuco:

Matriz: Pr. Peixinhos, 250 — Olinda
Depósito: R. Direita, 12 — Recife.

Rio de Janeiro:

Filial: Rua Senador Pompeu, 208

Pôrto Alegre:

Depósito: Av. Júlio de Castilhos, 57

REPRESENTANTES NOS DEMAIS ESTADOS

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou
sem firmeza, use BÉL-HORMON n° 1
e quando for, ao contrário, demasiada-
mente volumoso, use BÉL-HORMON
n° 2. BÉL-HORMON, à base de hor-
mônios, é um preparado moderníssi-
mo, eficiente, de aplicação local e
resultados imediatos. Adquirir-o nas
farmácias e drogarias ou pelo Correio.



**BÉL-
HORMON**

Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro
Ltda. — Queiram enviar-me por Re-
embolso Postal um vidro de «BÉL-
HORMON» N°

NOME
RUA N°
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

**REVISTA
DA
SEMANA
7 CRUZEIROS
EM
TODO O BRASIL**



Processo patenteado. Êxito ga-
rantido. Aumenta vários centí-
metros de estatura. Dá **FÔRÇA**
e **SAUDE** aos homens. **ELEGÂN-
CIA** e **BELEZA** às mulheres.
Informações gratuitas. Pedir-las
por via aérea a **INVENTIONS
PRATIQUES N.º 12 ANNEMAS-
SE** (Haute-Savoie), **FRANÇA**

A ÚLTIMA CAÇADA

— O que sei é que este índio
briga que nem tigre — falou Wood-
foot.

Charles propôs:

— Diga-lhe que se ele quiser lu-
tar, poderemos disputar a posse da
pele agora mesmo.

Ambos usavam pistola, e antes
da luta todos os presentes, exceto
«Mão Pintada», sabiam que este
não tinha chance alguma. Pois
ninguém naquela região era tão
hábil no gatilho quanto Charles
Gilson.

Quando terminou a luta, com a
morte do índio, Charles perguntou:

— Eu só quero saber porque
esses índios dão a vida por uma
pele de búfalo branco. Por que
motivo?

— Religião — respondeu Jimmy.

— O búfalo representa muito pa-
ra os Injuns. E' a carne. Abrigos pa-
ra o inverno e roupas para tôdas
as épocas. Da gordura eles fazem
cola para uso doméstico e para
pregar a madeira dos arcos. Dos
ossos fabricam as mais variadas
utilidades, como eixos, ferramentas,
agulhas para costurar. Os músculos
servem para se fazer fios e cordas
para os arcos. O emprêgo das par-
tes do corpo desses animais não
tem limitação para os índios. O bú-
falo é a vida para os Injuns. Este é
o motivo porque fizeram dele o
objeto da sua religião.

Quando Jimmy partiu levando o
cadáver do seu amigo para sepul-
tar, a mulher tomou a si cuidadosa-
mente, a pele disputada.

Somente Sandy permaneceu à
beira do fogo, engraxando a sua
cela. A índia aproximou-se com
o café.

— Você gosta dele — indagou
Sandy.

A mulher balançou a cabeça ne-
gativamente.

— Então porque razão continua
aqui?

O ENIGMÁTICO KAPITZA

Ele possui bastante habilidade
para fazer Stalin compreender que
seu nome «irradiante» deve ficar
apagado ante a imperiosa realida-
de. E' preciso fazer prevalecer o
têrmo NEU-THRON, qualquer coisa
o coroamento de uma nova concep-
ção, no mundo das realizações atô-
micas, donde este «slogan»:

«Neutrons para o NEU-THRON».

O neutron é um dos projéteis do
bombardeio atômico.

No mês de novembro de 1942,
Stalin abre a segunda reunião plená-
ria do «Conselho dos Grandes»,
no mesmo salão onde ocorrera a
primeira um ano antes.

Todo mundo está presente; não
obstante a disseminação geográfica
extrema dos institutos instalados

(Cont. da página 37)

— Para onde hei de ir?

— Volte para onde está o seu
povo. Posso ajudá-la.

— Meu povo está morrendo de
fome. E esta criança precisa viver.
E' por isso que fico.

Após uma pausa, ela continuou:

Por que você gosta dos índios?
Por que é tão delicado com a crian-
ça? E não demonstra odiar o meu
povo? Por que?

— E' que nasci no meio do seu
povo. Ele me ensinou como andar
a cavalo, como caçar... como viver.

Sandy refletiu um pouco e per-
guntou:

— Esta criança não é sua, é?

— A mãe dela morreu — respon-
deu a índia, olhando para a caba-
na onde se achava Charles.

Sandy decidiu que seria melhor
que ele e Charles passassem al-
guns dias separados. Apanhou as
peles de que dispunha e partiu pa-
ra a cidade a fim de vendê-las.

— Como posso ter a certeza de
que você vai voltar, com o dinhei-
ro? — Perguntou Charles a Sandy.

— Você não precisa ter certeza —
respondeu Sandy sêcamente.

Sandy partiu deixando o seu
companheiro cheio de frustração e
de ódio.

No armazém de Ed Black este e
Sandy examinavam as peles e pro-
curavam a do búfalo branco. Ed
afirmou que tinha um freguês que
seria capaz de comprá-la por du-
zentos e cinquenta dólares ou mais.

— Você não trouxe a pele —
disse Ed. — E' provável que tenha
sonhado com uma delas, e agora
está impressionado.

— Eu mesmo matei o búfalo e ti-
rei a sua pele.

— Neste caso, deve ser coisa
daquele seu sócio — falou Ed. —
Ele tem a mão mais rápida do
que o cérebro.

(Cont. no próximo número)

(Cont. da página 42)

no norte, na Sibéria e na Ásia
Menor.

Stalin entra novamente em Le-
ningrado. Os alemães, que conti-
nuam cercando a cidade, se man-
têm com muita dificuldade, mas
ainda demonstram um certo espírito
ofensivo e o general Constantino
Rokossovski, comandante em che-
fe do lugar, lhe diz:

— Minhas perdas são o duplo
do que poderiam ser se estivésse-
mos mais bem armados!

Ele acrescenta que compreende
mal as hesitações dos sábios. Seu
imediato, o comandante dos carros
blindados, Arthur Berndt, observa:

— Se aqueles laboratórios esti-
vessem sob fogo já eles se apres-
sariam em nos dar uma arma sem
réplica. (Cont. no próximo número)

Concurso apresentado em forma de teste de escolha objetivando difundir os princípios básicos da boa alimentação

GANHE PARA APRENDER

◆ Aproveite a oportunidade para avaliar seus conhecimentos sobre o assunto e, em caso de dúvida, recorra ao folheto «SAÚDE E ALIMENTAÇÃO», remetido gratuitamente pela Divisão de Propaganda do SAPS, devendo o interessado juntar ao pedido um selo de Cr\$ 3.00 para remessa dos referidos folhetos. Os candidatos concorrerão ao sorteio de 5 prêmios no valor de Cr\$ 2.000.00 (dois mil cruzeiros) em livros dos nossos melhores autores além de outras publicações editadas pelo SAPS.

Assinale com um «x», no quadrado correspondente, as respostas certas.

PERGUNTAS

1ª — Afirmamos que a necessidade calórica do organismo varia com a idade, sexo, altura e tipo de trabalho executado e, por conseguinte, se a alimentação recebida não cobre as exigências calóricas do organismo, este consome suas reservas, e, como consequência, a pessoa:

- a) engorda? ☐
- b) emagrece? ☐
- c) incha? ☐

2ª — A ausência de vitamina «A» no organismo, acarreta a cegueira noturna e frequentes infecções do aparelho respiratório. Para prevenir-se contra esses males, você deve incluir em sua alimentação:

- a) verduras e legumes? ☐
- b) arroz? ☐
- c) farinha de mandioca? ☐

3ª — As frutas de bagaço como a laranja, tangerina, abacaxi, caju, etc., devem ser comidas e não somente chupadas, porque o bagaço é constituído de celulose, elemento natural de combate:

- a) às doenças infecciosas? ... ☐
- b) à prisão de ventre? ☐
- c) à acidez do organismo? ... ☐

4ª — O escorbuto é uma das doenças causadas pela falta de vitamina «C» na alimentação. Indique entre as frutas abaixo relacionadas a mais rica em vitamina «C»:

- a) limão? ☐
- b) laranja? ☐
- c) tangerina? ☐
- d) abacaxi? ☐
- e) caju? ☐
- f) goiaba? ☐

◆ As respostas, com o nome e endereço do concorrente, deverão ser remetidas à Divisão de Propaganda: Praça da Bandeira, nº 96 — 3º andar — Distrito Federal, até o dia 30 de novembro do corrente ano.

O CRIME PERFEITO

Conto de ADRIANO MORAES FILHO

Desenho de BENJAMIN SILVA

◆ Quando aquele menino correu para seus braços, Cláudio Serra chorava. Seu filho! Aquêlê retrato vivo, seu, mostrava-lhe também seu crime. Crime perfeito! Os mínimos detalhes que precederam aos fatos e sua natural evolução e conseqüências, reviveram à chegada do menino, agora crescido, que o visitava. Essa visita, periódica, nas folgas escolares, abriam-lhe sempre as cicatrizes, que ainda sangravam. Voltava-lhe o passado...

ENCERRAVA-SE com brilho inextinguível o Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro. Todo o fastígio de pompa e luz acaalorando um espetáculo de fé, não tinham suficiente força para afastar Cláudio de sua obsessão. Fitava a seu lado, sua esposa Lídia que, ferozmente orava.

Que acontecera à minha vida — pensava. Por que aquela mulher entrara em sua vida e agora o desejo de matá-la? Por que? Ora, Deus, por que...

Revia seu casamento. Jamais o imaginara. Conhecia Lídia alhures. Alegre, interesseira e fútil. Procurava casamento. Ele jovem hóspede barato da mais barata pensão do Flamengo. Estudava medicina e trabalhava de auxiliar em um laboratório. Em seus encontros, fortuitos, com Lídia, ouvia sempre indiferente suas explosões sobre as coisas banais. Até aquêlê dia...

— Sabe, Cláudio, o dia que me casar, meu marido deverá ser meu. Exclusivamente meu. O prenderêi. Saberei ser mulher e amante.

Marido e amante. Bruxa — pensou Cláudio. Revia Lídia. Até que era bonita. Principalmente o corpo. Esguio, bem cinturado. Um pouco alta, talvez. Passaram-se alguns anos. Formara-se. Nesse ínterim não a vira. Parecia que o destino que os aproximara os afastaram da mesma maneira.

Da mesma forma simples da separação, encontraram-se novamente. Ela bem posta, firme no terreno social. Ele médico, somente. Iniciando a luta árdua da clientela.

— Cláudio Serra!

— Lídia!

Ele contou que já era médico. Médico pobre e explorado numa Policlínica gratuita.

Ela, a mesma. Fútil, vivia no luxo e na sociedade da «gente-bem».

— Solteira, ainda, Lídia?

— Sim — seus olhos cintilaram — solteira ainda.

Cláudio recordou, na oportunidade, sua frase: marido e amante.

Despudorada — refletiu.

Deu-lhe o enderêço. Palacete e tudo mais. E aconteceu o resto. Viram-se seguidamente e ela mesma tomou a iniciativa.

— Cláudio, nós dois deveríamos casar. Você deve gostar um pouco de mim, eu sei.

Riram-se e ele conjecturou o futuro. Alguns meses e estavam casados.

Cláudio reconhecia suas virtudes. A sobriedade. A calma refletida de suas maneiras e atitudes. Sua esposa? Pieguice e mulher. Só mulher. Não evoluía para os problemas de casa e dêle próprio. Ordenava simplesmente, acabando por reduzi-lo ao nada. Marido de luxo.

— Olha Cláudio, repare naquele homem de marron, o Mário Ribeiro. Queria casar comigo.

Não casou porque eu tinha «muito» dinheiro. Disse-me isso diversas vezes. Pregava minha infelicidade no casamento.

E rematou:

— Diga-lhe quem sou eu — e riu despudoradamente.

Cláudio olhou o indicado. Bem aparentado, demonstrando «finesse» e perfeito domínio da situação. Olhava Lídia distraidamente.

Dai em diante, Lídia falava constantemente em Mário Ribeiro. Cláudio odiava-a por isso. As rugas aumentaram. Ele cada vez mais retraído e taciturno. Ela... a Lídia de sempre. Falava constantemente nos filhos que não vinham. Queria, pelo menos um.

Filhos, pensava Cláudio, para que? Para que? Suas desavenças não tinham mais limite. Chegara a falar em desquite.

— Desquite? Você está louco?

Rejeitou assustada e fez a revelação aterrador:

— Estou grávida.

★

Fugindo de suas recordações, Cláudio não conteve o choro. Nada lhe afastava do drama terrível. Vinha-lhe a visão daquela noite do Congresso. Lídia ajoelhada, em seu sexto mês de gestação, orando, faces coradas e porque não, bonita em seu estado. Ele a olhara amuado. Vibration, murmurara baixinho. Perto a si Lídia continuava rezando, e ele ouviu o sussurro...

«bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus!»

Cláudio suava. Tinha que dar um jeito. Aquela que lhe levava o nome não merecia viver. Que faria Deus, que tudo sabia? Aquêlê filho não era seu. Mário Ribeiro. Suas idas e vindas à casa dêle, Cláudio. Canalhas... pensava.

Ele o vira muitas vezes. Sempre. Em sua casa. Nos clubes. Calmo, confiante e... sempre perto de Lídia. Era dêle... o filho tinha que ser dêle...

Durante todo o trajeto de volta não trocaram palavras. Em casa separaram-se. Ele ficou na varanda. Sem sono. Intranquilo. Seus ouvidos ainda registravam a oração...

«bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus»...

Levantando-se da cadeira, andou pelo jardim procurando distração no cantar dos grilos, aqui e ali. Nada. Volta-lhe incessante de dentro da alma, a solução: Lídia deve pagar seu erro. Não serei pai de filho alheio. Nunca. Repetia sempre... morrerá... matarei... antes...

★

O médico, velho professor, atende-os.

— Muito bem, Cláudio. Tudo normal. Passe aqui amanhã. Dar-lhe-ei umas recomendações. Rotina...

Cláudio voltara no dia seguinte. Desajeitado e quase gritando: Velho imbecil, você não pode

adivinhar. Não quero êsse bastardo. Não é meu! Não largo essa mulher de covarde. De cabotino!

— Meu caro, somos colegas. Serei franco. Queria falar-lhe a sós por uma questão de cavalheirismo e a um ex-aluno. Vocês não deveriam ter deixado essa gravidez evoluir. Teremos que sacrificar a criança, é claro.

E explicara porque. Mencionara o diagnóstico e a razão da impossibilidade. Cláudio compreendia.

— Pois bem, professor, conversarei com ela — respondera confuso.

— Pois o faça com urgência obtemperara o médico.

Já na rua, Cláudio ainda estava confuso... a criança, é claro — tinha dito o professor... a criança, é claro... a criança... Por que a criança? Não. Ela sim, a adúltera. Ela sim.

Súbito, lembrara-se de que era médico. Um médico ultrajado. Traído, diminuído e comprado. Sem amigos e tudo mais. Porém, ainda médico. Vamos ver, pensara, quase louco.

Passaram-se alguns dias, amargos, cruéis. Raciocínio parado na resolução. Nada dissera à Lídia. Remoía tão somente um problema: Ela, Ela é quem deveria morrer e o merecia. Nesse dilema, achou melhor dizer ao médico que sua esposa resolveria. Pederia ao professor para avisar. Assim não teria remorsos.

★

Ela mesma lhe deu a notícia.

— Cláudio, morreu ontem o dr. Siqueira. Um enfarte...

Um raio não teria produzido maior efeito. Galvanizado, parvo, quedou-se estático. Morrerá o velho mestre. Não era seu amigo. Respeitava-o. De repente pulou da cadeira. Isso facilitaria as coisas. Sim, facilitaria. E riu enlouquecido.

Foi ao enterro. Aproveitara-se da casa em reboliço e roubara a ficha médica de sua esposa. Agora só ele saberia do risco de sua mulher.

★

Passara rápido o período de gestação. Alta madrugada, Cláudio foi acordado pela sogra.

— Lídia sente as primeiras dores.

Levaram-na para um hospital. Horas a fio esperou notícias. Tilinta o telefone...

— Fala Cláudio... sim... entendo... salvaram a criança... homem... menino forte... Lamento por ela...

Morrera. Estava consumado seu crime.

★

Vida monótona e ociosa. Um crime perfeito. Compensara-o? Sim, não fora aquêlê filho. Seu filho!... um retrato vivo. Seus traços...

O remorso, expiação de consciência. Juiz eterno nas trevas.

«Bendito é o fruto de vosso ventre Jesus...»

★

A viagem a Buenos Aires assinalou o início de sua obsessão criminoso. Revia a cena baixa.

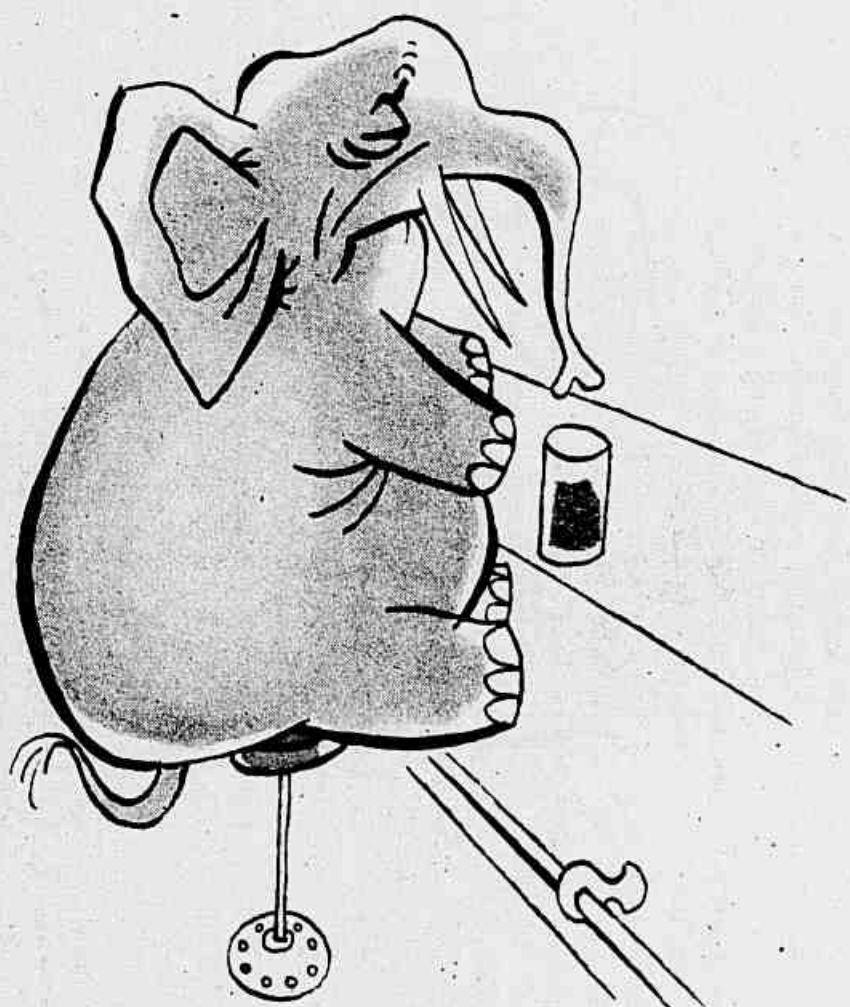


Benjamin - 156
- Rio -

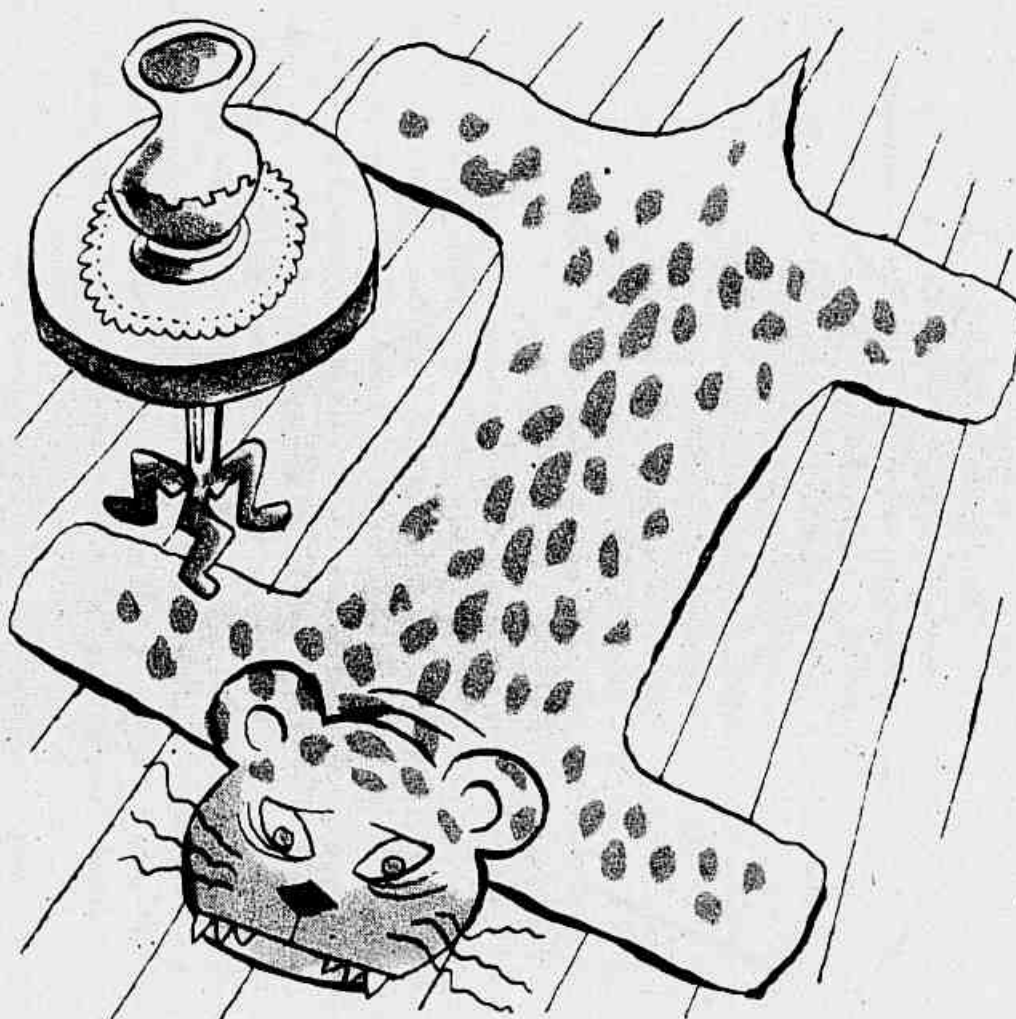
FORTUNA

(com pele de cordeiro) **APRESENTA**

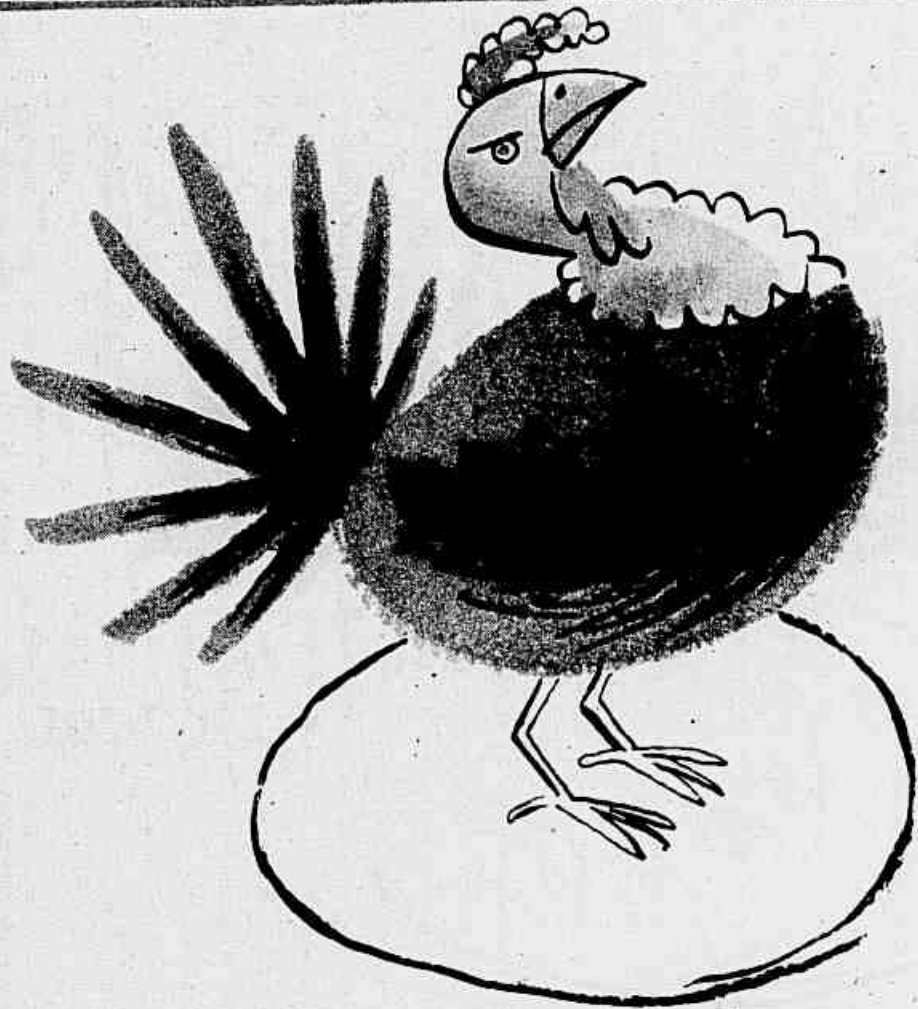
As Atitudes Humanas



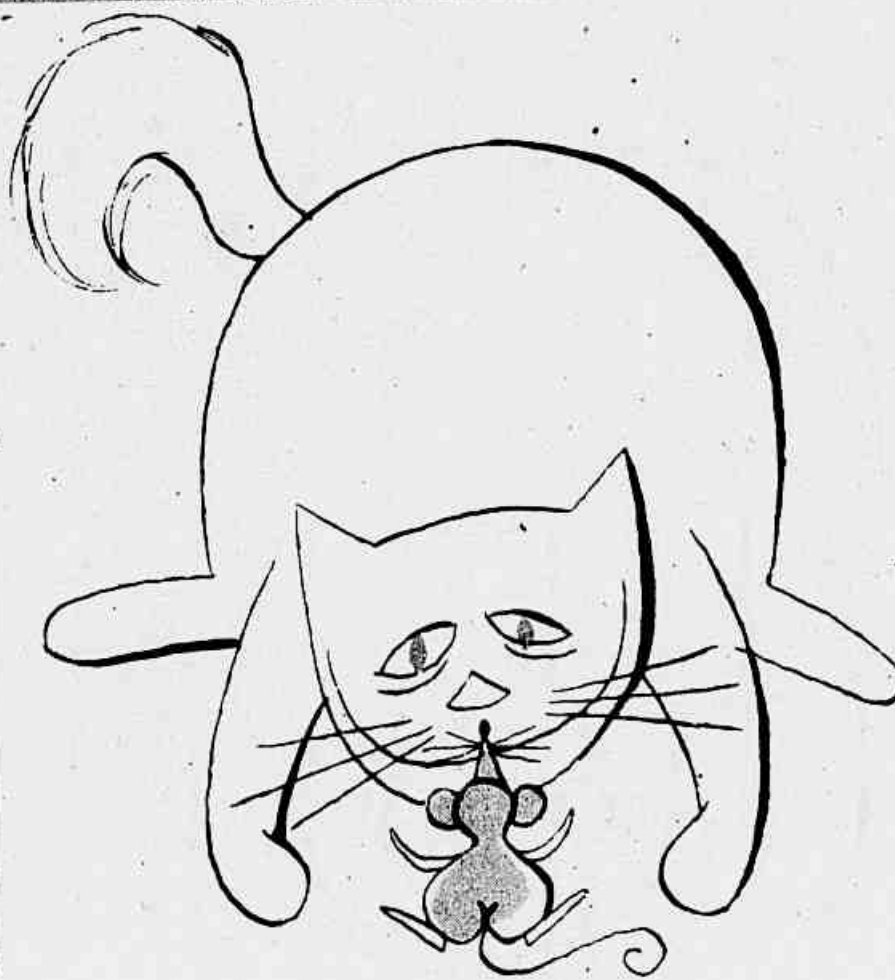
— EU BEBO PARA ESQUECER.



— NO MEU TEMPO...



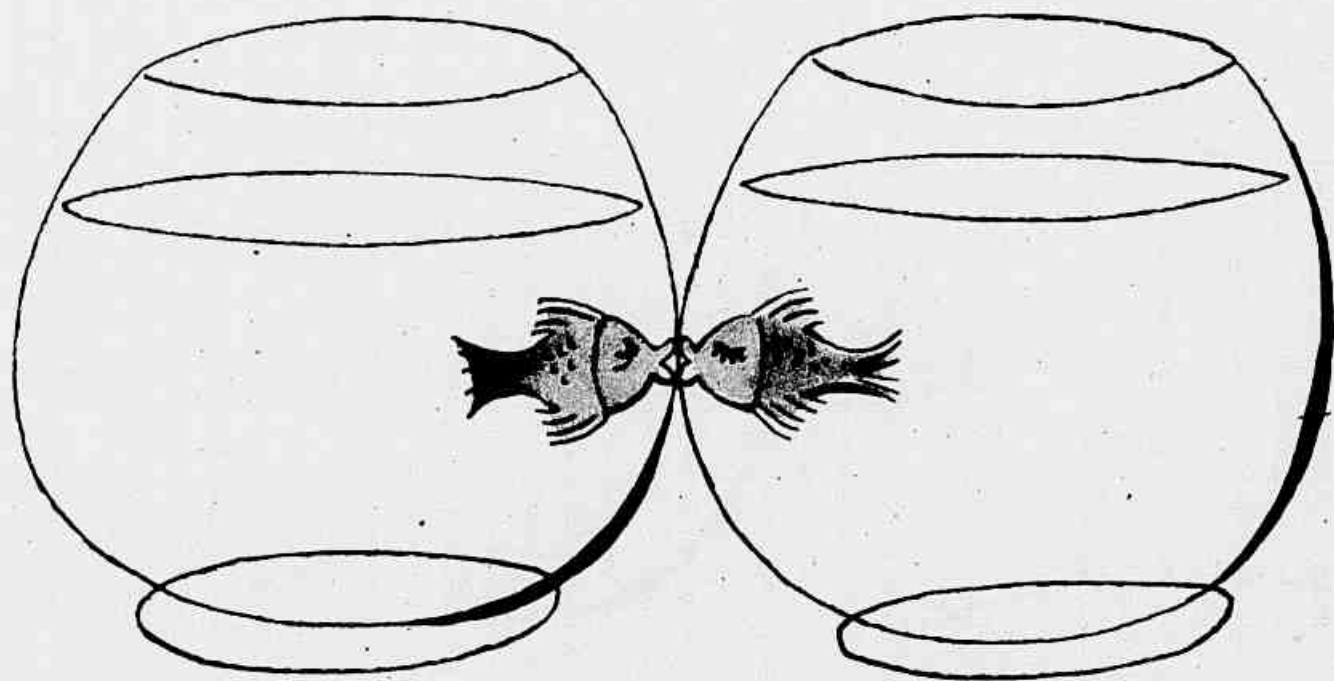
NÃO, AGORA SOU UM HOMEM CASADO.



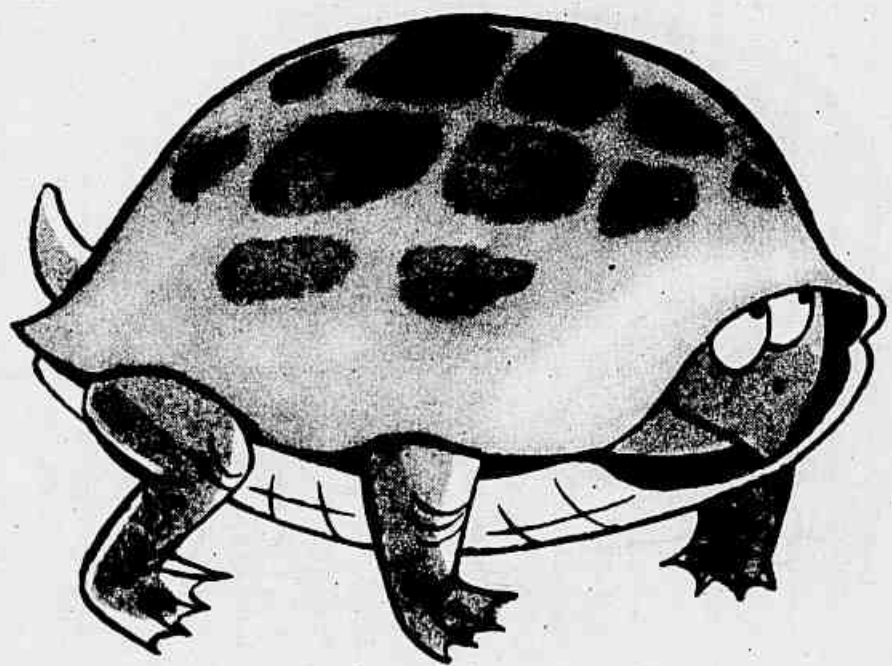
— ENFIM SÓS.



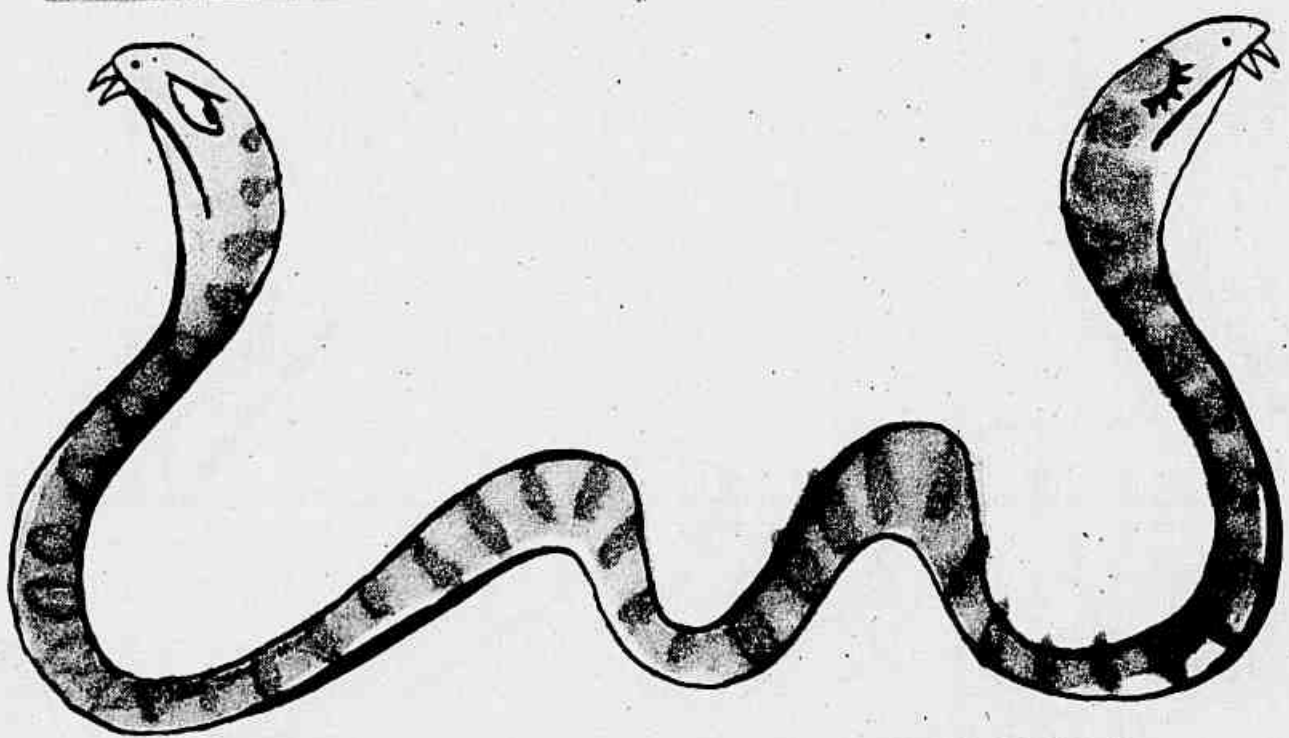
— NO FIM, VOCÊS SÃO TODOS IGUAIS.



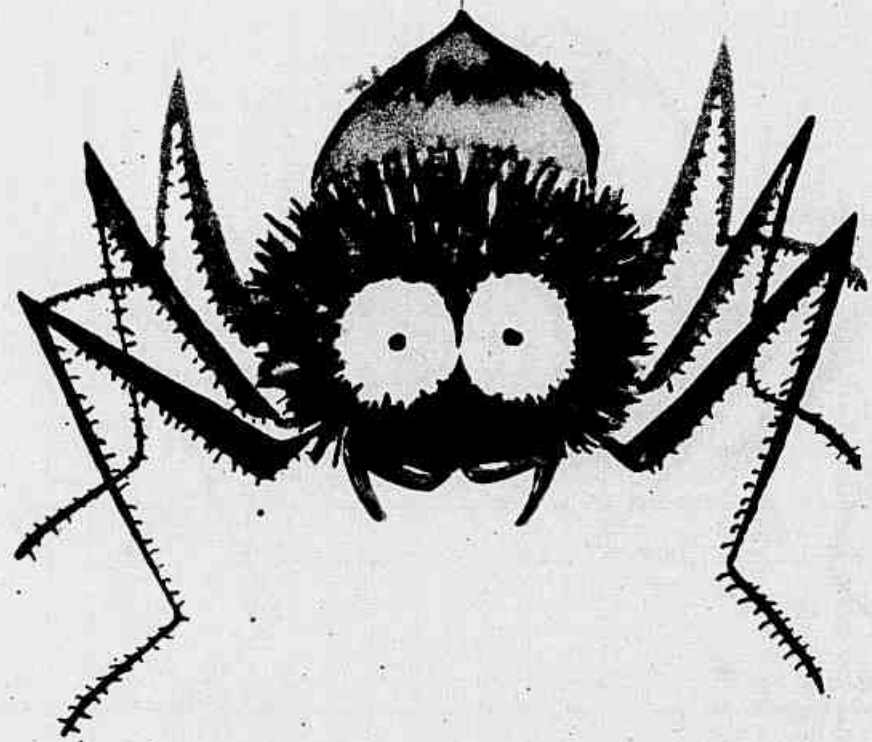
— AH, O AMOR PLATÔNICO...



— POSSO TE PEDIR UMA COISA?



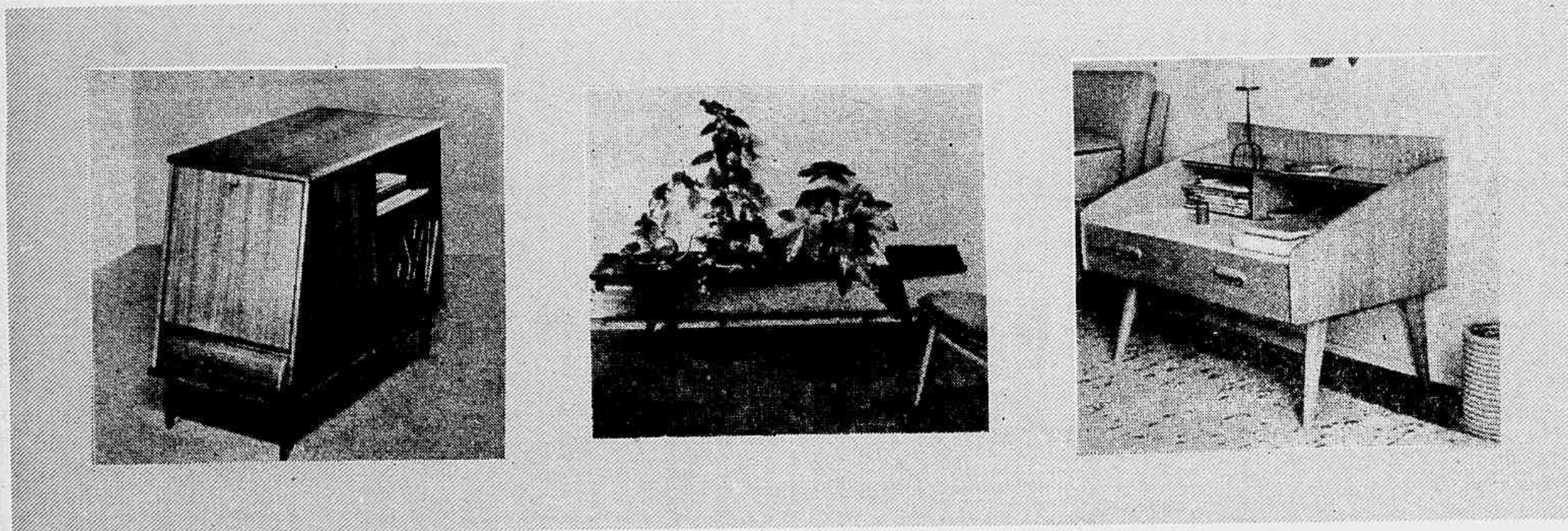
— ENTRE NÓS ESTÁ TUDO ACABADO!



— MAMAE GOSTAVA QUE VOCÊ
FÓSSE LÁ EM CASA...



— ELE ERA TÃO BOM...



SUGESTÕES PARA O LAR

A casa moderna está cheia de pequeninos detalhes que contribuem não somente para torná-la mais bela, como aumentam a comodidade e... aproveitam bem o espaço. ♦ Uma outra estante para lado de solá, com: um porta revistas embutido que se abre como uma gaveta rotativa; duas prateleiras laterais para jornais, livros, etc.; uma gavetinha inferior que pode ter utilidades as mais variadas. ♦ Puramente ornamental é este

banco em madeira negra, com pés palitos e assento de tábuas estreitas. Três ou mais jarros com folhagens diversas foram colocados sobre o banco. ♦ Para o lado do solá ou da poltrona preferida; esta mesinha — estante com escaninhos para livros e revistas e uma formidável gaveta, para o trabalho de tricô, ou o bordado que estão sendo executados.

A MODERNÍSSIMA PSICOLOGIA INFANTIL

♦ Vamos falar hoje um pouco de crianças — que estamos no fim do mês a elas dedicado. Você com certeza já foi testemunha de uma cena desse gênero: é hora de ir para casa, e o delicioso rebento teima em continuar na praia, ou no balanço da praça, ou no velocípede do vizinho. Bate o pé, chora, e a mãe, que leu um livro de psicologia que não se deve deixar as crianças ficarem «recalcadas», nem usar força

para vencê-las, procura argumentar por palavras que... naturalmente não surtem o mínimo efeito. Quer mostrar ser «mãe modelo», despertar na criança noção de auto-disciplina: «fazer o pirralho querer aquilo que deve fazer». Não consegue, e o resultado será mais um adolescente mal educado dentro de alguns anos.

O conselho que poderia dar a essas mães é o seguinte: ponha fora os seus «modernos» li-

vros de psicologia infantil, porque já estão antiquados. Moderníssimos educadores chegaram à conclusão — e não era sem tempo — que os sistemas antigos não estavam completamente errados; um pouco de força, de coação, não faz mal a ninguém e que maiores frustrações terá a criança se for deixada a resolver sozinha problemas de comportamento e ação que não pode ainda solucionar e que não pode entender pela argumentação. Umas palmadas, um pequeno puxão de orelha, são necessários, quando a criança não quer ou não pode entender outros argumentos. Indicaré mais evidentemente como ela deverá agir. A verdade é que as crianças se sentem confusas, perdidas, ansiosas, se os pais não conseguem mostrar-lhes como agir, e se têm que decidir tudo sozinhas. Nesse caso, palmadas e castigos (é preciso não exagerar) agem como argumentos convincentes.

Não existe criança mais cheia de complexos do que aquela a quem os pais procuram evitar «recalques» e «frustrações» deixando-a fazer tudo que entende.

Infelizmente, muitos pais — levados por leituras de livros sobre psicologia infantil, já reconhecidamente exagerados nesse ponto — procuram ser para seus filhos: amigos, irmãos, companheiros de jogos e passeios — e esquecem de ser pais.

(Na foto: Dinah Shore, sua filha e Alan Yong — Paramount).



LEVE A SÉRIO O REGIME ALIMENTAR

★ Se você é uma dona de casa que almoça sôzinha porque o marido faz a refeição do meio-dia na cidade, e as crianças comem antes de ir para o colégio, naturalmente lhe será mais difícil levar a sério um regime para emagrecer. Provavelmente está acostumada a comer um pedaço do pudim que sobrou do jantar da véspera, um pouco do talharim de forno que está na geladeira, e assim por diante. Enquanto isso, as calorias vão aumentando no seu organismo e, adeus elegância!

Ainda que tome mais tempo preparar uma salada de legumes e frutas, tenha força de vontade e faça-o. Complete a refeição com um pedaço de queijo magro (queijo de Minas, por exemplo), e uma sobremesa de gelatina, que não engorda ninguém.

Uma ótima limpeza de pele

Se você tem a pele ainda jovem, não há como água e sabão para deixá-la limpinha e evitar o aparecimento de cravos, espinhas e manchas.

Proceda assim: molhe o rosto (e o pescoço) com água morna. Molhe um pedaço de bom sabão neutro e esfregue-o no rosto e no pescoço até cobrir bem a pele. Umideça os dedos de ambas as mãos, e massageie a pele com o sabão, até formar uma fina camada de espuma compacta. Deixe essa espuma sobre a pele por dois minutos, procurando ao mesmo tempo relaxar os músculos do rosto. Depois, molhe uma toalha de rosto em água quente e deixe-a sobre a pele até esfriar. Repita a operação até ter retirado toda a espuma



de sabão. Finalmente, molhe o rosto alternadamente com água quente e água fria, até ter removido completamente todo vestígio de sabão. Euxugue numa toalha macia.

Faça exercícios na praia

Quando estiver na praia faça exercícios, divirta-se, ande, jogue bola. O movimento é necessário para sua saúde, e essa é uma ótima ocasião para movimentar-se. Porém, não abuse. Descanse, preferivelmente debaixo de uma barraca. Permanecer estirada por longas horas não é um hábito salutar.

Outra coisa: quando pretender passar algumas horas na praia leve uma garrafa térmica com água fresca. O excesso de transpiração deve ser compensado, e a água pura é ainda das bebidas mais aconselhadas.

Quando se sentir cansada depois de um banho de mar ou de sol tome, ao chegar em casa, um copo d'água com uma colherinha de sal de cozinha. A transpiração leva consigo boa quantidade do sal do organismo, produzindo desânimo e lassidão.



Dentre os pratos da cozinha italiana os «ravioli» estão sem dúvida entre os preferidos: saborosos, nutritivos, são também econômicos.

1 — Com 2 ovos (gema e clara) e 250 gramas de farinha de trigo você prepara a massa, que pode ser deixada em descanso perto de 15 minutos antes de aberta, enquanto você prepara um. 2 — RECHEIO DE ESPINAFRE: um bom punhado de espinafre cozido é misturado com 100 gramas de parmesão, 100 gramas de ricota, 1 ovo (inteiro), sal, pimenta e noz moscada. Passe tudo por uma peneira não muito fina. 3 — Abra a massa. Sobre a metade espalhe montinhos do recheio (uma colher das de sobremesa mal cheia). Cubra tudo com a outra metade da massa aberta. Corte os ravioli em quadradinhos, com a carretilha; ou, então, prepare-os na forma de ravioli, cortando-os com a mesma. (Qualquer

casa especializada tem dessas fôrmas de cortar ravioli, para uso caseiro, que cortam 12 de cada vez). 4 — Cozinhe-os em água fervendo (coloque na água depois que essa chegar a fervura) durante 15 minutos, em fogo moderado. Depois de cozidos deixe escorrer toda a água, e sirva-os bem quentes numa travessa escaldada, com manteiga, parmesão e molho de tomate.

O RECHEIO DE CARNE para ravioli é também uma delícia:

— Passe na máquina de moer 150 gramas de carne macia e sem nervos e 50 gramas de presunto. Misture 50 gramas de parmesão ralado, e um ovo inteiro. Tempere com sal e pimenta, a gosto. Recheie os ravioli como indicado anteriormente.

WEEK-END NA COZINHA



Grand Monde internacional



O célebre «chansonnier» Maurice Chevalier para comemorar seu «meio-século» de vida de palco, comprou o «Alhambra», e batizou-o de «Teatro Maurice Chevalier».

◆ Maurice Chevalier, que completou há bem poucos dias 68 anos de idade, comemorou também meio século de vida de palco. Para isto, o célebre «chansonnier» comprou em Paris um dos maiores teatros da cidade, que é o «Alhambra». Foi nesse teatro que Chevalier iniciou, aos 14 anos de idade, sua carreira artística, e depois que comprou o «Alhambra» batizou-o de «Teatro Maurice Chevalier».

◆ O jovem e galante ministro britânico Sir Anthony Nutting, está se

divorciando, e parece ter no seu atual «date» Jeanne Murray Vanderbilt, sua futura esposa. Essa notícia está sendo comentada nas rodas do «Grand Monde Internacional».

◆ A princesa Meg, na sua atual viagem pela África, recebeu de John Williamsons, um broche de 250 diamantes, avaliado em 42.000 dólares. O doador do referido broche, é proprietário de minas de diamantes em Tanganica.

◆ Bobo Rockefeller, atualmente na Europa, parece andar sendo escoltada por Bruce Cabot.

◆ Parece estarem ficando «gélots» as relações matrimoniais entre Pier Angeli e seu esposo Vic Damone. O motivo é que o casal vive sempre separado, devido aos compromissos de filmagens de ambos. Portanto, ao que tudo indica, mais um divórcio está prestes a acontecer.

◆ O bonito «guarda-roupa» que Grace Kelly usou no seu último filme, batizado de «High-Society», foi-lhe apresentado pela Metro.

◆ A muito «beaut» Elizabeth Taylor, que recentemente casou-se com o produtor Michael Todd, é este ano forte candidata a um Oscar, por seu magnífico trabalho na película «Giant».

◆ O maior recorde de correspondência já visto na Fox, é de Elvis Presley, ou seja o «suspense» do «rock-and-roll». Presley botou neste setor até Marilyn Monroe, para a Prateleira.

◆ A loura Kim Novak continua indo a pé para os estúdios. Diz La Novak, que ainda não ganhou «erva» para poder comprar um carro.

«SUPER-SHOPPING-CENTER»

Como informei de «preview» para vocês, será realmente construído no Rio o primeiro «Super-Shopping-Center» da América do Sul. O local onde vai ser erguida essa moderna cidade, será nos terrenos do antigo Clube Paisandu.

Gossips



Num recente «cocktail» na Embaixada da Espanha, a senhorita Solange Haouche, «Rainha das Rosas» de 56, posa para esta coluna. Solange está sem «date».

◆ A elegância britânica do sr. Augusto Viana não tem sido vista ultimamente em companhia de nenhuma beldade. Parece que o sr. Viana anda preocupado com os negócios e a política.

Confidencialmente: a «Rainha das Rosas» de 56, srta. Solange Haouche, parece que ainda não teve nenhum «date». Isso é verdade, Solange?

◆ Ela continua figurando na pra-teleira.

Pequenos Flashes



A elegância «suspense» da sra. Liza Veiga, muito elogiada nas colunas sociais.

★ **CLUBE COMERCIAL** — No próximo dia 5 de novembro o Clube Comercial, vai comemorar sua terceira «mudança-de-idade», com uma noite de «black-tie» que promete ser realmente «suspense». O sr. Boris, «public-relations» do Clube, já está em atividades para a organização dessa «soirée».

★ Determinado colunista social carioca, ficou realmente figurando na PRATELEIRA, depois que chegou a usar todos os meios de sua força para eleger sua loura candidata e namorada, «Miss Elegante Bangu de 56», e terminou num «gélot» muito grande. Pois a referida candidata colocou-se, por uma mágica, no segundo

lugar. Mas, de acordo com a votação do júri, ela estava colocada no terceiro. Como vocês estão vendo, o prestígio social do «tal colunista», está mais decadente do que o do ex-rei Farouk, na Egito.

★ Continuam muito concorridas as feijoadas aos sábados no FIESTA. No último sábado o sr. Renato Bandeira ocupava uma grande mesa com um conhecido grupo. O «maitre» Costa, que dirige o FIESTA, atendia, com sua grande categoria de um dos mais perfeitos «maitres» do Rio.

★ Antonio Maia me telefonou outro dia para informar e me passará a assinar uma seção sobre Vida Noturna, onde foca-

lizará também o «society» no matutino «A Notícia». Vai focalizar o «society», porque como sabem, o seu sonho dourado é ser ainda um colunista social.

★ No Bife de Ouro jantavam na outra noite numa mesa o ministro Sebastião Paes de Almeida, com o jovem deputado Olavo Drumond.

★ Será na noite do próximo dia 23, em São Paulo o «NUIT DE BAGATELLE», no Teatro Municipal local. Este acontecimento está sendo organizado pelo Brigadeiro Neto dos Reis. Vou dar uma «decolada» até ao Planalto para participar dessa «soirée».

★ Em São Paulo, o Hotel Comodoro, que é o mais perfeito do Planalto, continua juntamente com o «Captains Bar», funcionando com cariocas e paulistas.



A mesa do «gentleman» Otávio Guinle, o anfitrião da noite.

AMÁLIA, COM 'HIGH-SOCIETY' CARIOCA

♦ NOVAMENTE atuando no Copacabana, a famosa e internacional fadista Amália Rodrigues. Na recente «soirée-snob» de sexta-feira, Amália fez sua «preview» no «Golden» para um público devidamente «high-society». Esta é a segunda vez que Amália este ano atua no Copacabana. A conhecida fadista portuguesa depois de atuar em «tournée» pelas mais famosas capitais do mundo, volta à noite carioca cantando cada vez melhor, e levando aos seus espetáculos o público mais «high-society» do Rio. Na noite de sua estréia, no meu caderno do «Grand Monde» anotei: Embaixador de Portugal e sra.; sr. e sra. Otávio Guinle; sr. e sra. Gastão Veiga (Liza estava numa elegância realmente «suspense»); sr. e sra. Cecil Hime; sr. e sra. Vítor Issler (muito elegante a gaúcha, sra. Issler); brigadeiro e sra. Dario Azambuja; sr. e sra. Pepe Mora; sr. e sra. Paulo Lira; sr. e sra. Manoel Aranha; sr. e sra. Carlos Quartin Barbosa (numa noite muito feliz Anne Marie); sr. e sra. Guilherme da Silveira; sr. Homero Lopes, outros mais. Foi um acontecimento realmente «suspense» esse novo encontro de Amália, com o «high-society» carioca.



Amália Rodrigues, inicia o grande «show» da noite.



O embaixador Alvaro Lins, esteve presente.



Amália agradece as toneladas de palmas.

DOIS JOVENS elementos do Conjunto Folclórico Lucnica, da Tchecoslováquia, em um momento de suas alegres danças. Universitários, nas horas de folga dedicam-se inteiramente à música.



COM TRAJES típicos, ultra-coloridos, esses rapazes e moças apresentaram no Rio um lindo repertório de danças das montanhas da Eslováquia. Um povo alegre e saudável, que sabe dançar.

OS TCHECOS DANÇAM ASSIM

O CONJUNTO LUCNICA, DE UNIVERSITÁRIOS, PERCORRE O BRASIL, APRESENTANDO DANÇAS E CANÇÕES DE SUA TERRA

Texto de THEREZA CAMARGO

Fotos OTAKAR NEHERA

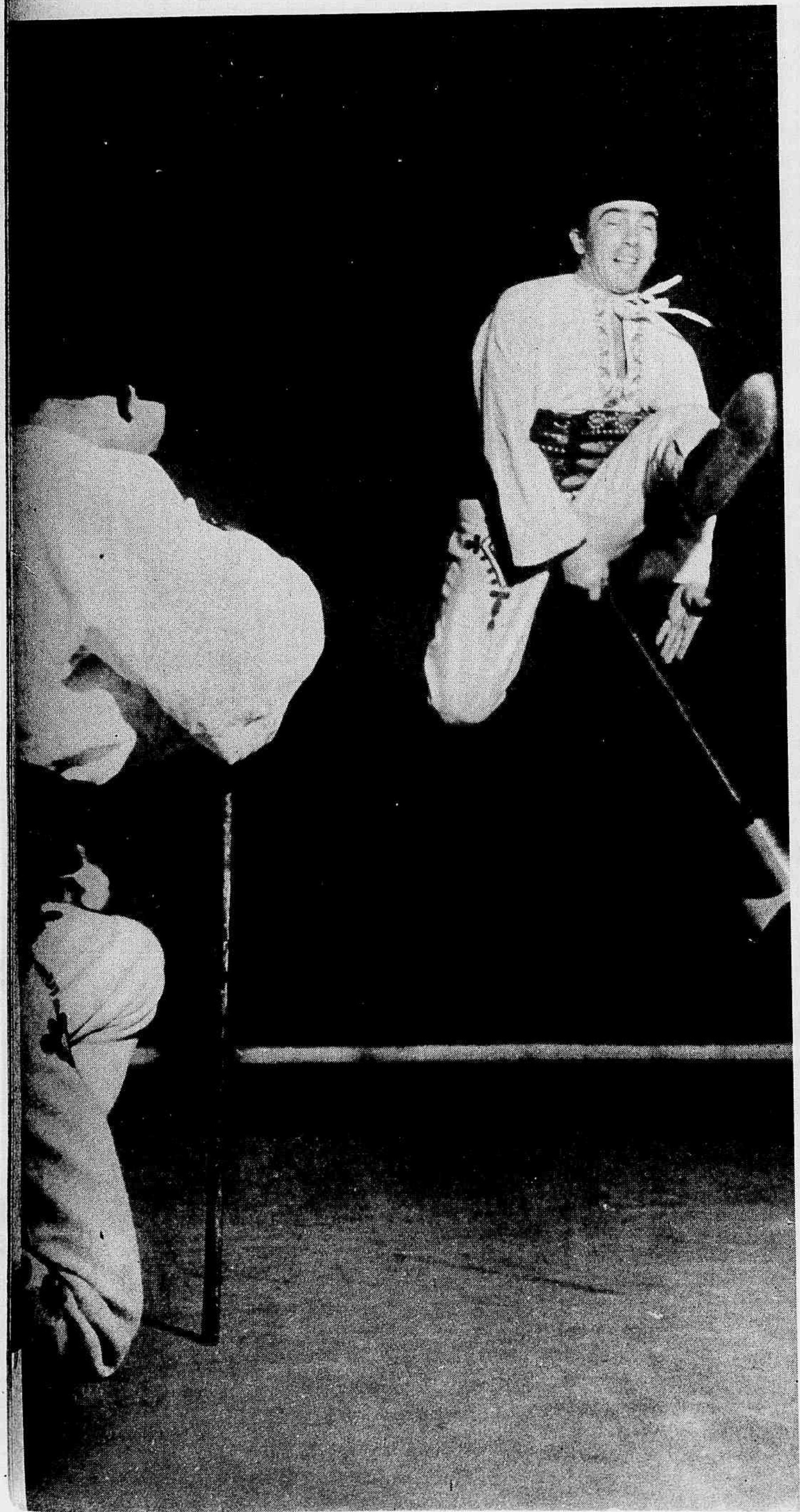
CERCA de quarenta jovens estudantes da Tchecoslováquia, componentes do conjunto folclórico «Lucnica», estão percorrendo diversas cidades do Brasil, apresentando cantos e danças populares de sua formosa e alegre pátria. Principiando sua excursão pelo Rio Grande do

Sul, os estudantes do Conjunto Lucnica já se exibiram em inúmeras outras terras brasileiras efetuando com êxito espetáculos no Rio de Janeiro, Niterói e São Paulo, e preparando-se para novas apresentações em outras cidades do país. Os jovens tchecos que visitam presentemente o

Brasil são cantores, músicos e bailarinos amadores. Um apenas — o barítono solista — é profissional, pertencendo ao elenco da Ópera Nacional de Bratislava. Os demais — onze músicos, dezenove bailarinos e oito cantores — são estudantes universitários, ensaiando sem-



**A MÚSICA TCHECA TRADUZ UMA RAÇA ROBUSTA E
ALEGRE, QUE GOSTA DE DANÇAR E DE DIVERTIR-SE**

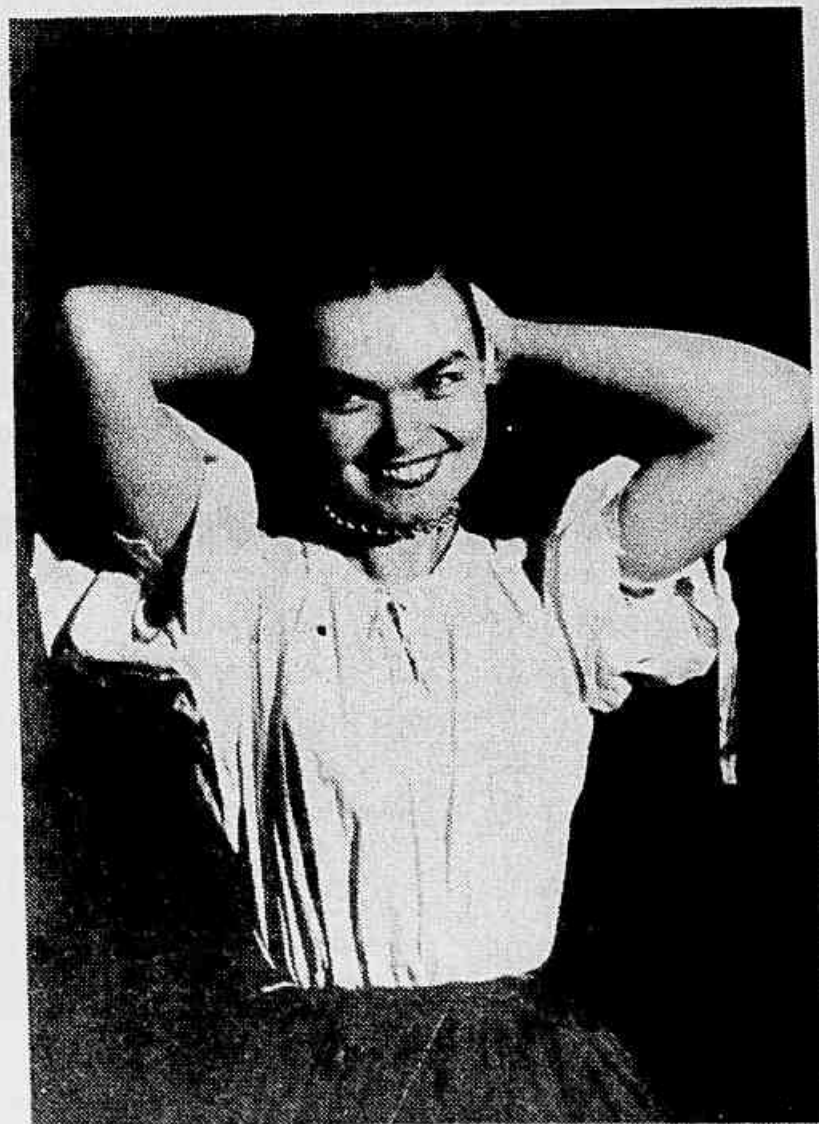


ALGUNS flagrantes de figurantes do conjunto Lucnica, e cena da tradicional «Lenda de Jono-

pre que as oúlas o permitem. Isso não impede, todavia, que suas performances sejam impecáveis, como se se tratassem de verdadeiros profissionais — e profissionais experimentados. O chefe do grupo que excursiona pelo Brasil — e que constitui somente um terço de todo o conjunto Lucnica — é o professor Alexander Noyzes, compositor, autor de várias das músicas executadas durante os espetáculos por seus comandados. Os principais bailarinos de «Lucnica» são Magda Hromdorá, Magda Chmurma e Marta Dadová, e Mirbso Graudiner, Josef Majedrdik e Krineut Ondreyka. As danças que apresentam em sua grande maioria, são oriundas das montanhas e vales da Eslovênia e de Tchecoslováquia. Algumas delas são intensamente poéticas, como a dança das «Chuvas da Primavera», e a «Lenda de Jonosik», herói popular do século XVII.



sik», e das «Chuvas da Primavera», que os cariocas (e antes dêles, os gaúchos e de modo geral os sulistas) presenciaram, há pouco. Arte feita à base de entusiasmo, a dos tchecos agradou pela juventude, e pela vivacidade demonstrada em cada movimento e em cada gesto esboçado em cena.





NELCEDES E SEUS SEIS GÊMEOS...

♦ NELCEDES BRUM, moradora no morro do Jacarézinho, aqui mesmo no Rio, conseguiu iludir (por alguns momentos) toda a imprensa carioca, o bispo Helder Câmara, as assistentes sociais da Fundação Leão XIII e as Pioneiras Sociais, anunciando ter dado à luz seis crianças, Robis, Clóvis, Valdir, Adevaldo, Valdecir e Sara — sem contar no bruto susto que pregou no marido, o operário Oswaldino de Paula Brum, da Química Industrial União, já pai de dois gêmeos: Cosme, e Damião... Nelcedes há meses que se apresentava, quase diariamente, nos postos de assistência da Fundação Leão XIII, usando travesseiros sob as vestes, e assim

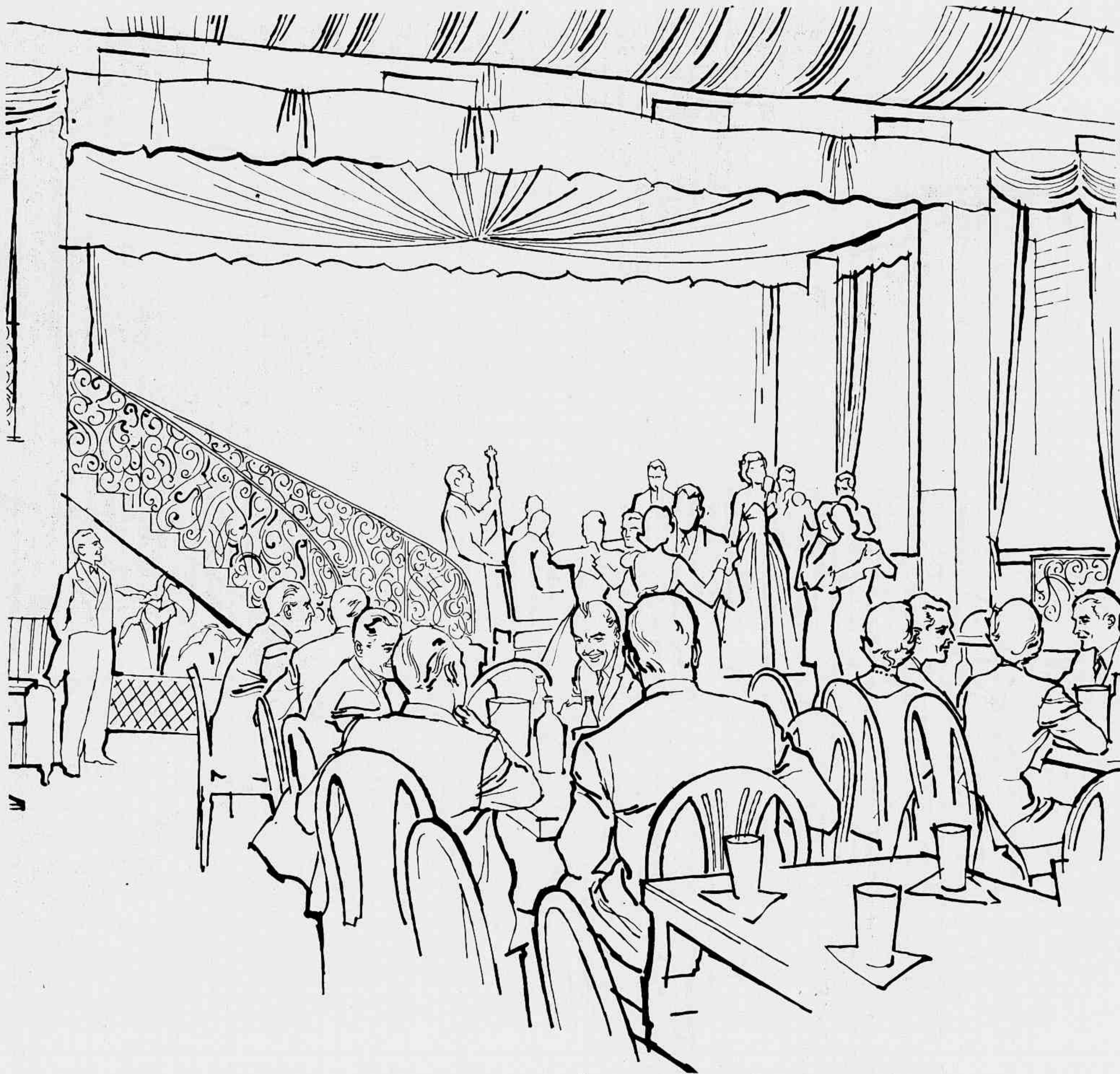
simulando a gravidez. Agora, afinal, as crianças «nasceram»... Porém por mais que se perguntasse a Nelcedes onde tinha ela dado à luz, só obtiveram os repórteres e seu próprio marido palavras vagas e indicações desconexas. Desconfiado de tudo, Oswaldino solicitou a presença de uma ambulância do IAPI, que levou a pseudo-parturiente para a maternidade de São Cristóvão, onde foi ela examinada pelo doutor Kalil. O médico chegou à conclusão de que tudo se resumia numa mistificação de Nelcedes, vítima de raríssimo caso de psicose de gravidez. E o recorde mundial da concepção não veio, afinal. (Fotos ALBERTO FERREIRA).

A FIGURA EM FOCO



NINON SEVILLA

Estou, de armas e bagagens,
Atrás do tempo perdido.
Não me venham com bobagens,
Eu preciso é de um marido.



nos centros elegantes do Brasil...

No Meia-Noite do Copacabana Palace, por exemplo, onde as pessoas de verdadeiro bom gosto se reúnem...

Bom gosto que se define nas maneiras elegantes, no ambiente requintado, no cigarro que fumam...

hollywood
uma tradição de bom gosto

